



PROFEPT

**INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ANDRÉ CARLOS FRANCISCO

**A RELAÇÃO ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA: APRENDIZADO E REFLEXÃO CRÍTICA**

**CERES-GO
2021**

ANDRÉ CARLOS FRANCISCO

**A RELAÇÃO ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA: APRENDIZADO E REFLEXÃO CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ceres, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica

Orientador: Elis Dener Lima Alves

**CERES-GO
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIB/IF Goiano Campus Morrinhos

F 839r Francisco, André Carlos.

A relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica: aprendizado e reflexão crítica / André Carlos Francisco. - Ceres, 2021.

138 p.

Dissertação (pós-graduação) – Instituto Federal Goiano, Câmpus Ceres, Curso de Mestrado Profissional em EPT (PROFEPT), Ceres, 2021.

Orientador: Elis Dener Lima Alves

1. Biblioteca. 2. Formação Omnilateral. 3. Práxis. 4. Politecnia. 5. Pensamento crítico. I. Título.

CDU 021.3: 37.035.3

Catalogado pela Bibliotecária-documentalista Morgana Guimarães, CRB1/2837



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- Tese Artigo Científico
 Dissertação Capítulo de Livro
 Monografia - Especialização Livro
 TCC - Graduação Trabalho Apresentado em Evento
 Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____

Nome Completo do Autor: André Carlos Francisco

Matrícula: 20192043310025

Título do Trabalho: A relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica: aprendizado e reflexão crítica

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 10/08/2021

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumprir quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Ceres, 10 de agosto de 2021

André Carlos Francisco

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Elis Helena Lorena Alves

Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Formulário 31/2021 - DREPG-CE/NPG-CE/GPPI/CMPCE/IFGOIANO

A RELAÇÃO ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: APRENDIZADO E REFLEXÃO CRÍTICA

Autor: André Carlos Francisco

Orientador: Prof. Dr. Elis Dener Lima Alves

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ceres como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

APROVADO, em 29 de julho de 2021.

Prof. Dr. Elis Dener Lima Alves
Presidente da Banca e Orientador
Instituto Federal Goiano - Campus Ceres

Prof. Dr. José Carlos Moreira
Avaliador Interno
Instituto Federal Goiano - Campus Ceres

Prof^a. Dra Sangelita Miranda Franco Mariano
Avaliadora Interna
Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos

Prof^a. Dra. Andréa Pereira dos Santos
Avaliadora Externa
Universidade Federal de Goiás

Documento assinado eletronicamente por:

- **ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS, ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS - Professor Avaliador de Banca - Universidade Federal de Goiás (01567601000143)**, em 02/08/2021 15:52:13.
- **Sangelita Miranda Franco Mariano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 30/07/2021 16:33:51.
- **Jose Carlos Moreira de Souza, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 29/07/2021 12:27:52.
- **Elis Dener Lima Alves, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 29/07/2021 12:08:33.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 19/07/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 291578

Código de Autenticação: e3f31db0dd



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Ceres
Rodovia GO-154, Km.03, Zona Rural, None, CERES / GO, CEP 76300-000
(62) 3307-7100



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Formulário 30/2021 - DREPG-CE/NPG-CE/GPPI/CMPCE/IFGOIANO

PENSAMENTO CRÍTICO NA BIBLIOTECA

Autor: André Carlos Francisco
Dener Lima Alves

Orientador: Prof.Dr. Elis

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ceres, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

APROVADO e VALIDADO, em 29 de julho de 2021.

Prof. Dr. Elis Dener Lima Alves
Presidente da Banca e Orientador
Instituto Federal Goiano - Campus Ceres

Prof. Dr. José Carlos Moreira
Avaliador Interno
Instituto Federal Goiano - Campus Ceres

Prof^a. Dra Sangelita Miranda Franco Mariano
Avaliadora Interna
Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos

Prof^a. Dra. Andréa Pereira dos Santos
Avaliadora Externa
Universidade Federal de Goiás

Documento assinado eletronicamente por:

- ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS, ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS - Professor Avaliador de Banca - Universidade Federal de Goiás (01567601000143), em 02/08/2021 15:53:19.
- Sangelita Miranda Franco Mariano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 30/07/2021 16:34:23.
- Jose Carlos Moreira de Souza, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 30/07/2021 15:08:44.
- Elis Dener Lima Alves, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 29/07/2021 12:06:42.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 19/07/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 291584
Código de Autenticação: 7dc8d9840f



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Ceres
Rodovia GO-154, Km.03, Zona Rural, None, CERES / GO, CEP 76300-000
(62) 3307-7100

Para Maria das Neves e Leo
Para Maria Sophia e Davi

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, Elis Dener Lima Alves.

Aos professores do curso de Mestrado em EPT do IF Goiano – Campus Morrinhos.

E à melhor turma de mestrado que esse Brasil já teve: Adenilda, Chayene, Danyla, Elias, Elisângela, Iasmim, Leonardo Borges, Leonardo Henrique, Leoneide, Letícia, Lílian, Luana, Luciana, Luiz, Márcia, Michele, Míriam, Morgana, Raquel, Regina, Suélia, Suleny e Wolney.

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht,
Antologia poética. Rio de Janeiro: ELO, 1982.

RESUMO

A pesquisa buscou construir um diálogo entre biblioteca e a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Bibliotecas são espaços de leitura, pesquisa, organização e disseminação da informação. A educação profissionalizante visa preparar para o mundo do trabalho. Aproximando essas duas áreas, e tendo como base alguns conceitos da teoria marxista, o desenvolvimento crítico de bibliotecários, estudantes e professores pode ser aprimorado. Dessa forma, o objetivo foi relacionar as bibliotecas com a EPT, com foco no desenvolvimento de pensamento crítico. A revisão de bibliografia realizada discorreu sobre a contextualização histórica das bibliotecas e da EPT. Posteriormente, relacionou-se a biblioteca com a educação por meio da formação omnilateral; a biblioteca com o trabalho, por meio da práxis; e a biblioteca com a tecnologia, por meio da politecnia. Em seguida, discutiu-se o pensamento crítico e a emancipação dos sujeitos. As metodologias empregadas foram a pesquisa bibliográfica, documental e descritiva em uma abordagem qualitativa, complementada por análise de conteúdo. Em decorrência da pesquisa, foi elaborado um produto educacional em forma de *e-book* para apresentar aos bibliotecários os conceitos de formação *omnilateral*, práxis e politecnia, para que a partir desses conceitos, eles pudessem conhecer e desenvolver o pensamento crítico e a emancipação intelectual e social. Observou-se que os profissionais da informação compreenderam os conceitos e fizeram a relação com a biblioteca principalmente com a valorização da leitura e da pesquisa. Com o conhecimento dos termos marxistas, os bibliotecários podem transformar os diversos serviços das unidades de informação para a promoção do pensamento crítico.

Palavras-chave: Biblioteca. Formação Omnilateral. Práxis. Politecnia. Pensamento crítico.

ABSTRACT

The research sought to build a dialogue between library and Professional and Technological Education (PTE). Libraries are spaces for reading, researching, organizing and disseminating information. Vocational education aims to prepare for the world of work. Bringing these two areas together, and based on some concepts of Marxist theory, the critical development of librarians, students and teachers can be improved. Thus, the objective was to relate libraries with the EPT, with a focus on the development of critical thinking. The bibliography review carried out discussed the historical contextualization of libraries and EPT. Subsequently, the library was related to education through omnilateral training; the library with work, through praxis; and the library with technology, through polytechnics. Then, critical thinking and the emancipation of subjects were discussed. The methodologies used were bibliographic, documentary and descriptive research in a qualitative approach, complemented by content analysis. As a result of the research, an educational product was developed in the form of an e-book to present librarians with the concepts of omnilateral training, praxis and polytechnics, so that, based on these concepts, they could learn about and develop critical thinking and intellectual emancipation and Social. It was observed that information professionals understood the concepts and made the relationship with the library mainly with the appreciation of reading and research. With knowledge of Marxist terms, librarians can transform the various services of information units to promote critical thinking.

Keywords: Library. Omnilateral formation. Praxis. Polytechnic. Critical thinking.

RESUMEN

La investigación buscó construir un diálogo entre biblioteca y Educación Profesional y Tecnológica (EPT). Las bibliotecas son espacios de lectura, investigación, organización y difusión de información. La formación profesional tiene como objetivo la preparación para el mundo laboral. Reuniendo estas dos áreas, y basándose en algunos conceptos de la teoría marxista, el desarrollo crítico de bibliotecarios, estudiantes y profesores puede ser mejorado. Siendo así, el objetivo fue relacionar a las bibliotecas con el EPT, con enfoque en el desarrollo del pensamiento crítico. La revisión bibliográfica realizada discutió la contextualización histórica de las bibliotecas y el EPT. Posteriormente, se relacionó con la educación a través de capacitaciones omnilaterales; luego con el trabajo, a través de la praxis; y finalmente con la tecnología, a través de politécnicos. También, se discutió el pensamiento crítico y la emancipación de los sujetos. Las metodologías utilizadas fueron la investigación bibliográfica, documental y descriptiva con enfoque cualitativo, complementada con análisis de contenido. Como resultado de la investigación, se desarrolló un producto educativo en forma de libro electrónico para presentarles a los bibliotecarios los conceptos de formación omnilateral, praxis y politécnica, de modo que, a partir de estos conceptos, pudieran aprender y desarrollar el pensamiento crítico, la emancipación intelectual y social. Se observó que los profesionales de la información entendieron los conceptos y realizaron la relación con la biblioteca principalmente con la apreciación de la lectura y la investigación. Con el conocimiento de los términos marxistas, los bibliotecarios pueden transformar los diversos servicios de las unidades de información para promover el pensamiento crítico.

Palabras clave: Biblioteca. Formación omnilateral. Práctica. Politécnico. Pensamiento crítico.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Cumprimento dos objetivos de pesquisa e ação realizada.....	26
QUADRO 2 – Pesquisa com descritores em bases de dados	27
QUADRO 3 – Dissertações e teses da BDTD-IBICT utilizadas na pesquisa ...	28
QUADRO 4 – Artigos da base de dados <i>Scielo</i> utilizados na pesquisa	29
QUADRO 5 – Tipos de biblioteca	44
QUADRO 6 – Capacidades do Pensamento Crítico segundo Ennis	90

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 INTRODUÇÃO	19
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	24
2.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	26
2.3 POPULAÇÃO ENVOLVIDA E LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	30
2.4 ANÁLISE DE DADOS.....	30
3 APROXIMAÇÃO ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: CONCEITOS E PANORAMA HISTÓRICO	32
3.1 BIBLIOTECA	32
3.1.1 Conceito de biblioteca	32
3.1.2 Panorama histórico da biblioteca no Ocidente	33
3.1.3 Panorama histórico da biblioteca no Brasil	41
3.1.4 Tipos de bibliotecas	44
3.1.5 Serviços da biblioteca	45
3.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	46
3.2.1 Conceito de Educação Profissional e Tecnológica	46
3.2.2 Panorama histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil ..	47
4 CONSTITUIÇÃO DA BIBLIOTECA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: FORMAÇÃO OMNILATERAL, PRÁXIS E POLITECNIA.....	55
4.1 BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO.....	55
4.1.1 Formação omnilateral	62
4.2 BIBLIOTECA E TRABALHO.....	66
4.2.1 Práxis	71

4.3 BIBLIOTECA E TECNOLOGIA	77
4.3.1 Politecnia	84
4.4 PENSAMENTO CRÍTICO E EMANCIPAÇÃO: UMA RELAÇÃO COM A BIBLIOTECA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.....	87
4.4.1 Pensamento crítico	89
4.4.2 Emancipação	94
5 PRODUTO EDUCACIONAL	98
5.1 PRESSUPOSTOS DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	98
5.2 TEMA DO PRODUTO EDUCACIONAL	99
5.3 QUESTIONÁRIO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	102
5.3.1 Resposta 1.....	102
5.3.2 Resposta 2.....	105
5.3.3 Resposta 3.....	106
5.3.4 Resposta 4.....	109
5.3.5 Resposta 5.....	111
5.3.6 Resposta 6.....	114
5.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PRODUTO EDUCACIONAL	116
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICES.....	134
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	134
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO.....	137
ANEXO - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO.....	138

APRESENTAÇÃO

A trajetória profissional de uma pessoa está intrinsecamente ligada à trajetória pessoal. Eu nasci em Goiânia, em uma família de classe média baixa, e sempre tive acesso aos livros. Comecei a estudar aos 5 anos, em uma escola particular próxima à minha casa. Depois de dois anos, fui para outra escola particular, localizada a uma pequena distância do local de trabalho da minha mãe. Nessa escola, estudei da pré-escola à quarta série (hoje “quinto ano”). E, olhando depois de vinte anos, essa escola me parece bastante conservadora, onde o professor era a autoridade suprema, e os alunos aprendiam o que estava no livro, sem nenhuma capacidade analítica ou criativa.

Para cursar a quinta série, tive que mudar de colégio, além de encarar meu primeiro vestibular. Nessa escola, fiquei da quinta à oitava série, e pude ter contato pela primeira vez com alguns questionamentos críticos, uma vez que a escola não era pública, mas também não era particular: era conveniada, e cobrava uma mensalidade (facultativa) de R\$ 10. Por isso, havia alunos de todas as classes sociais, com diferentes perspectivas da educação. O que me fez despertar foi o caderno usado de uma colega, no início da 7ª série, porque ela não tinha condições de comprar um caderno novo, e a sua única alimentação era a que a escola fornecia. Nessa escola havia uma pequena biblioteca, e foi lá que a vontade da leitura despertou de maneira definitiva.

O Ensino Médio foi cursado em um Instituto Federal. Naquela época, ainda era denominado CEFET- Centro Federal de Educação Tecnológica. De lá, vieram os melhores anos da minha vida, e a certeza de que o mundo é mais amplo e mais complexo do que eu poderia imaginar. Como uma escola pública e de qualidade, o CEFET foi um divisor de águas na minha trajetória. Lá eu continuei para cursar o Ensino Superior (Gestão Hoteleira – o porquê até hoje eu não sei!), e principalmente eu pude aprimorar meu pensamento crítico sobre vários temas.

Não menos importante, a biblioteca do CEFET foi fundamental para estabelecer o meu hábito de leitura. Vem dessa biblioteca alguns livros que me são caros até hoje. Além disso, a possibilidade de exercitar a análise crítica,

aprendida com os amigos no grande pátio do CEFET, foram de grande importância para mim.

Depois de finalizar a faculdade de Hotelaria, tive alguns empregos em hotéis de Goiânia. Nunca gostei dessa área e nunca tive pretensões de dar continuidade aos meus estudos no ramo da Hospitalidade. Para chegar a essa conclusão, foram necessários alguns anos e muita dor de cabeça e infelicidade. Até que em 2012, eu resolvi tomar uma atitude.

Fiz o vestibular como portador de diploma para o curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Goiás e fui aprovado. Para mim, a situação era simples: tenho que trabalhar em alguma coisa em que eu possa ter alguma alegria. E como gosto de ler, por que não trabalhar em uma biblioteca?

Finalizei o curso já aprovado em um concurso de bibliotecário. Passei em primeiro lugar no concurso da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, para atuar no campus de Iturama-MG. Fui o primeiro bibliotecário que o campus teve. Depois, fui para Patos de Minas, e por fim, Uberlândia, onde estou lotado na biblioteca do campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

Em 2018, cursei a especialização em Letramento Informacional, oferecida pela Universidade Aberta do Brasil em parceria com a Universidade Federal de Goiás. Nesse curso, tive a certeza de que não queria me aprofundar na parte técnica da Biblioteconomia, mas sim na parte de valorização da leitura e da biblioteca e disseminação da informação.

E foi pensando nisso que me inscrevi para o mestrado em Educação Profissional e Tecnológica: para valorizar a biblioteca. Além do mais, a perspectiva de estudar a educação e o trabalho segundo os estudos marxistas foi outro incentivo. No mestrado, desde o primeiro momento pensei em aproximar a biblioteca da EPT. E a ementa do curso, voltada para os conceitos e discussões marxistas, acredito que essa aproximação pode ser feita de uma maneira que amplie meu ponto de vista e que contribua com o meu crescimento pessoal e profissional.

1 INTRODUÇÃO

Karl Marx chegou a Londres em 1849, expulso da França e da Bélgica, em exílio com sua família. Era a mais populosa cidade do mundo naquela época, com 2,4 milhões de habitantes. Londres era também o centro do capitalismo global, uma vez que a Inglaterra era um império detentor de várias colônias espalhadas pelo planeta, da Austrália à Índia, passando pelo continente africano.

Em Londres se localizava também o Museu Britânico, com sua biblioteca repleta de “um acervo inigualável de conhecimentos” que “logo viria a se tornar o lar de Marx fora de sua casa” (SPERBER, 2014, p. 244). Foi na biblioteca do Museu Britânico que Marx “aprofundou seu domínio das teorias econômicas e estudou detalhadamente evidências empíricas do desenvolvimento do capitalismo” (idem, p. 406), lendo as obras dos principais teóricos de Economia, tais como Adam Smith e David Ricardo.

Além de introduzir alguns dos assuntos dessa dissertação, essa curiosidade histórica revela a importância da biblioteca para um dos grandes pensadores da história. Marx desenvolveu sua teoria do trabalho e das engrenagens do capitalismo podendo consultar o acervo de uma unidade de informação.

O primeiro tema desta pesquisa é a biblioteca, também denominada unidade de informação. Ela é o lugar da leitura e da pesquisa, mas não é o único espaço para a realização dessas atividades; porém é o lugar de excelência para leitores e pesquisadores. A leitura é um bálsamo de conhecimento no meio da desinformação.

É possível afirmar também que a biblioteca é fruto de um processo histórico e social, e faz parte da comunidade. Ela é uma aliada da Educação, do trabalho, da cultura e do lazer. Ler é um ato político, de construção de conhecimento e pensamento crítico.

O outro tema desta pesquisa é a Educação Profissional e Tecnológica. O ensino profissionalizante é uma modalidade educacional que pretende oferecer aos estudantes o conhecimento de técnicas em uma determinada área profissional, buscando conhecer melhor o mundo do trabalho. Uma das vertentes mais importantes dos escritos de Marx é o trabalho. Para ele, o trabalho deve

ser estudado à luz da divisão de classes, que sempre permeou a história humana.

O senso comum acredita que a educação profissional só ensina a fazer, e não ensina a pensar. Mas o senso comum não é o guia mais confiável, e ampliar o ponto de vista sobre “o que todo mundo fala” é uma das tarefas da biblioteca, por meio da leitura e da pesquisa (PIRES, 2012).

O que não falta, hoje em dia, são textos para ler. A informação chega a bilhões de pessoas de forma extremamente rápida e em grande quantidade. Segundo Gleick (2013), com a criação e popularização de aparatos tecnológicos, a informação é criada e disseminada em tempo recorde, chegando às pessoas em todo o planeta em questão de segundos.

O aprendizado crítico é importante em um mundo repleto de informações. No contexto do ensino profissionalizante, a procura por práticas laborais que fomentem o questionamento pode ter a biblioteca como aliado. Para isso, os bibliotecários devem atuar não apenas como “guardiões de livros” (BEZERRA, 2015, p. 21), ou seja, guardiões do conhecimento oficial e tradicional, mas como agentes ativos de práticas educativas, informacionais e éticas que pretendem a construção de uma perspectiva crítica da vida no mundo do trabalho.

Além disso, a oportunidade de ir a bibliotecas e fazer uso de suas obras, seja para que fim for, infelizmente, não está à disposição de todos. O Brasil tem um número de bibliotecas insuficiente para atender toda a população. Segundo dados de 2015 do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SNBP (BRASIL, 2018), há 6057 bibliotecas públicas em território brasileiro. Este é um fato que impacta de forma negativa para a Educação brasileira.

O papel da análise da informação e do conhecimento, no contexto deste trabalho, é identificar como a biblioteca pode se relacionar com o mundo do Ensino Profissional e Tecnológico. Por isso, esta pesquisa tenciona estudar a relação da biblioteca e do bibliotecário no contexto na EPT, com vistas a desenvolver a reflexão crítica e tentando compreender como a associação desses temas pode contribuir para a análise reflexiva e do desenvolvimento tanto dos bibliotecários quanto dos estudantes e professores do ensino profissionalizante.

Na busca dessa relação, foram escolhidos alguns conceitos marxistas que pudessem auxiliar a análise. A formação omnilateral, a práxis, a politecnia e a

emancipação foram os temas selecionados para conversar com a biblioteca em relação a EPT. A formação omnilateral propõe um modo educacional que abarque a intelectualidade, o exercício físico e o conhecimento de técnicas; a práxis é a teoria e a prática unidas de determinado assunto que leve ao pensamento crítico; a politecnia é o conhecimento de técnicas variadas e a emancipação é a libertação de um sistema de alienação.

O objeto desta pesquisa é a relação teórica entre a biblioteca e a Educação Profissional e Tecnológica, para compreender como esses dois campos da Ciência contribuem para a formação de bibliotecários, professores e estudantes que almejam a entrada no mundo de trabalho. A relação é construída na análise de três dos principais conceitos estudados no Mestrado em EPT: formação omnilateral, práxis e politecnia. Essa relação é permeada pelas contradições do sistema capitalista. Por isso, é preciso desenvolver o pensamento crítico, de modo a buscar a emancipação do sujeito. O fomento à reflexão para bibliotecários, estudantes e trabalhadores em geral é um modo de desenvolver cidadãos críticos e que podem transformar a realidade social.

A questão-problema que norteia a pesquisa é: Como relacionar a biblioteca e os bibliotecários no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo?

O objetivo geral é relacionar a biblioteca e a Educação Profissional e Tecnológica, com foco no pensamento crítico. Os objetivos específicos são: apresentar um breve panorama histórico da biblioteca no Ocidente, da biblioteca no Brasil e da Educação Profissional e Tecnológica brasileira; abordar a visão marxista de educação, trabalho e tecnologia a partir dos conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia; exemplificar os conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia com alguns serviços biblioteconômicos; relacionar o pensamento crítico e a emancipação com a biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica e elaborar um *e-book* sobre pensamento crítico na biblioteca como produto educacional.

Pensar criticamente a biblioteca na perspectiva da EPT é um modo de contribuir com a formação educacional e profissional dos estudantes, professores e dos bibliotecários. Colaborar com a disseminação da informação, de maneira a despertar a consciência crítica por meio da reflexão dos fatos e acontecimentos, é um dos vários serviços da biblioteca. Segundo Ramos (2012,

p. 33), “o bibliotecário trabalha diretamente com a informação e com pessoas, fazendo-se necessário, então, que o mesmo possua formação que lhe dê condições de contribuir para o crescimento do indivíduo e da sociedade”. Na visão de Araújo e Oliveira (2005), a biblioteca é um ente vivo que objetiva servir a comunidade, sendo um lugar de destaque no mundo atual por causa da importância que a informação tem para a sociedade. Desse modo, a biblioteca pode contribuir com o aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais.

Justifica-se a realização desta pesquisa através da relevância em se aproximar biblioteca com EPT por meio de teorias marxistas. A educação, o trabalho, o conhecimento estão inseridos em um sistema político e econômico eivado de contradições. A reflexão analítica e cuidadosa desses temas, tão importantes e presentes na vida de todos, deveria ser mais constante. E no âmbito da EPT, esses assuntos podem e devem ser discutidos com mais frequência. Essa é uma das principais razões da realização dessa pesquisa. O sujeito que entra em contato com teorias e conceitos fundamentais sobre trabalho, educação, humanidade e reflexão pode aprimorar e desenvolver uma visão mais crítica. Por isso, conhecer o que é formação omnilateral, práxis, politecnicidade e emancipação pode contribuir com alunos e professores, além de bibliotecários, para que eles possam conhecer o mundo do trabalho, a educação e a realidade social que se apresenta e como agir para mudá-los. A Educação Profissional e Tecnológica em paralelo com a biblioteca apresenta elementos para que esses atores sociais possam aprender a pensar criticamente, e a replicar seu novo conhecimento para os colegas de profissão e para os usuários, de modo a contribuir com uma profunda transformação social.

Por isso, a partir de pesquisa bibliográfica, esta dissertação começa, em seu “Referencial Teórico”, trazendo um panorama histórico das bibliotecas, desde a antiguidade até os dias de hoje, um panorama histórico das bibliotecas brasileiras e uma breve história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil.

O capítulo correspondente ao Desenvolvimento relaciona a biblioteca e educação, por meio da formação omnilateral, biblioteca e trabalho, por intermédio da práxis e a biblioteca e a tecnologia mediante o conceito de

politecnia. Todas essas informações dão lastro para a discussão entre biblioteca, pensamento crítico e emancipação do sujeito.

Por sua vez, o capítulo “Resultados e Discussões” apresenta o produto educacional resultante dessa pesquisa. O *e-book* “Pensamento crítico na biblioteca” é uma síntese dos temas abordados na dissertação, e objetiva apresentar aos bibliotecários convidados os conceitos marxistas discutidos na relação entre biblioteca e EPT. Em seguida, apresenta-se o resultado de um questionário preenchido pelos bibliotecários após a leitura e reflexão do *e-book*, cujo objetivo foi analisar se os bibliotecários conseguiram compreender os temas propostos e quais as ideias deles para a aplicação desses assuntos nas unidades de informação. O questionário passou pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal Goiano, sendo aprovado e publicizado através do Parecer 4.571.008. A dissertação é finalizada com as conclusões gerais e as referências bibliográficas consultadas.

Toda construção e análise teórica serviu para colocar biblioteca e EPT como espaços do pensar crítico, da reflexão ampla e profunda, de modo a perceber como transformar a sociedade por meio da leitura e do trabalho.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresenta-se o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa, com a exposição dos métodos escolhidos, a população envolvida, os instrumentos de coleta de dados, e as categorias de análise.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa é caracterizada como pesquisa bibliográfica descritiva. Ela tem o intento de buscar conceitos sobre formação omnilateral, práxis, politecnicidade, emancipação e pensamento crítico para serem relacionadas a assuntos concernentes à biblioteca.

Para isso, utilizou-se da de revisão de literatura, com foco na análise teórica. Segundo Severino (2007, p. 122), “o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”. Sobre a pesquisa descritiva, Vergara (2006) afirma que atende de forma mais adequada a intenção de estudos cujo objetivo seja expor as características de determinado fenômeno. A partir da leitura e da interpretação de informações selecionadas presentes em livros, artigos científicos, dissertações e teses é que a análise pode ser elaborada.

Segundo Gil (2010, p. 29), a pesquisa bibliográfica é feita tendo como base material já disponível, com relevância para livros e trabalhos científicos. Para o autor, quase a totalidade de obras acadêmicas busca na pesquisa bibliográfica algum aporte para sua concretização.

Houve também pesquisa documental. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 174) “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não”. Os documentos consultados para essa pesquisa são de natureza legal e dados estatísticos.

A abordagem às pesquisas bibliográfica, descritiva e documental foi de natureza qualitativa neste trabalho, escolhida por atender ao escopo deste estudo. A análise de dados qualitativos “é um processo criativo que exige grande rigor intelectual e muita dedicação. Não existe forma melhor ou mais correta. O que se exige é sistematização e coerência do esquema escolhido” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 42).

A partir da coleta de materiais informacionais, a análise foi auxiliada com o método materialista histórico-dialético. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 100), o método dialético é aquele “que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade”.

O método materialista histórico-dialético vem ao encontro dos principais conceitos de formação *omnilateral*, práxis, politecnicidade e emancipação, assuntos que nortearam as discussões sobre Educação Profissional e Tecnológica no curso de Mestrado da ProfEPT. Nas palavras de Frigotto:

Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, neste sentido, antecede ao método. Este constitui-se numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais. (FRIGOTTO, 2001, p. 77).

De acordo com Konder (2008), Marx formulou o método materialista histórico-dialético quando fez a análise das estruturas e da lógica do capitalismo. Entretanto, ele não sistematizou o tema, indicando apenas algumas diretrizes. Coube aos estudiosos da obra marxista depurar os elementos componentes de tal método.

“O objetivo de Marx, ao desenvolver o método materialista histórico-dialético, é apreender, desvelar a produção e transformação do ser social que se produz na forma do capital” (MASSON, 2007, p. 109). Por isso, é importante perceber que essa metodologia não traz consigo determinações rígidas de aplicação. É no desvelamento do real, no contexto do devir social que se pode estudar e conceber o materialismo histórico-dialético, e assim estudar a biblioteca e os conceitos marxistas que serão abordados.

Partindo da pesquisa bibliográfica, o estabelecimento da relação entre biblioteca e EPT tem no materialismo histórico-dialético sua base para a análise, levando em conta a realidade e o contexto social em que se insere.

Em decorrência da pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa, foi elaborado um *e-book* denominado “Pensamento Crítico na

Biblioteca”, onde os conceitos de formação omnilateral, práxis, politecnia, emancipação e pensamento crítico serão apresentados a bibliotecários.

2.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A pesquisa bibliográfica teve o objetivo de estabelecer, neste trabalho, a relação entre biblioteca e EPT, e encontrou no materialismo histórico-dialético sua base para a análise, trazendo a realidade e o contexto social em que se insere.

Os documentos científicos foram buscados em livros, tanto físicos quanto eletrônicos, e também na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia -IBICT e na base de dados *Scielo* para cumprir os objetivos dessa pesquisa e complementar a discussão. A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT foi escolhida pelo grande acervo e por reunir trabalhos acadêmicos de estudantes e professores. Já a base de dados *Scielo*, além do numeroso acervo, foi escolhida pela credibilidade. Foram pesquisadas obras em língua portuguesa, sem limitação de data.

Quadro 1 – Cumprimento dos objetivos de pesquisa e ação realizada

OBJETIVO	AÇÃO REALIZADA
-Apresentar um breve panorama histórico da biblioteca no Ocidente, da biblioteca no Brasil e da Educação Profissional e Tecnológica brasileira	Pesquisa bibliográfica com os descritores: “história biblioteca”, “história biblioteca Brasil”, “Educação Profissional e Tecnológica história”
-Abordar a visão marxista de educação, trabalho e tecnologia a partir dos conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia;	Pesquisa bibliográfica com os descritores: “Marx trabalho”, “Marx educação”, “Marx tecnologia”, “educação marxismo”, “trabalho marxismo”, “tecnologia marxismo”, “formação omnilateral”, “práxis”, “politecnia”
-Exemplificar os conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia com alguns serviços biblioteconômicos	Pesquisa bibliográfica com os descritores: “importância leitura”, “importância pesquisa”, “ação cultural”, “estudo de usuários”, “desenvolvimento de coleções”, “fontes de informação”, “serviço de referência”;
-Relacionar o pensamento crítico e a emancipação com a biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica;	Pesquisa bibliográfica com os descritores: “pensamento crítico”, “emancipação”, “letramento informacional”

-Elaborar um livro sobre pensamento crítico na biblioteca como produto educacional	Análise de conteúdo dos temas discutidos nesta dissertação
--	--

Fonte: o autor

Os livros (impressos e eletrônicos) formaram a maior parte da pesquisa bibliográfica. Assim, a pesquisa utilizou as palavras de Marx (1982; 2007; 2010; 2013; 2018) sobre formação omnilateral, práxis, politecnicidade e emancipação. Isso trouxe ao texto o embasamento teórico necessário para iniciar a análise. Houve também consulta ao livro de Pinto (2005) sobre tecnologia.

Alguns autores que trabalharam a questão da EPT e discutidos nas aulas de mestrado também se fazem presentes, tais como Frigotto (2001; 2003; 2005; 2007), Ciavatta (2008; 2014; 2016), Savianni (2003; 2007; 2012) e Ramos (2014).

Sobre a biblioteconomia, a pesquisa conta com os estudos de Fonseca (2010), Targino (1997), Gasque (2010; 2012; 2013), Vieira (2014), Almeida Junior (1997), complementados por livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações de outros pesquisadores que analisaram, interpretaram e contribuíram para o debate sobre as bibliotecas. Houve consulta sobre a história das bibliotecas em Báez (2006), Battles (2003), Cardoso (2013) e Milanesi (2002). A leitura e sua importância foram buscadas em Freire (1992; 2003).

Quadro 2 – Pesquisa com descritores em bases de dados

BASES DE DADOS TEMAS	BDTD	Scielo
Ação cultural	43	542
Desenvolvimento de coleções	15	70
Educação marxismo	4	34
Educação Profissional e Tecnológica história	6	8
Emancipação	382	550
Estudo de usuários	338	3296
Fontes de informação	98	714
Formação omnilateral	12	4

História biblioteca	31	131
História biblioteca Brasil	0	61
Importância leitura	5	344
Importância pesquisa	14	4566
Letramento informacional	20	20
Marx trabalho	45	215
Marx educação	11	75
Marx tecnologia	4	14
Pensamento crítico	143	375
Politecnia	98	18
Práxis	477	1237
Serviço de referência	160	746
Tecnologia marxismo	0	4
Trabalho marxismo	2	86

Fonte: o autor

Feita a busca pelos descritores na BDTD-IBICT, as seguintes dissertações e teses foram selecionadas:

Quadro 3 – Dissertações e teses da BDTD-IBICT utilizadas na pesquisa

TEMA	TÍTULO	AUTOR
“tecnologia marxismo”, “politecnia”	Álvaro Vieira Pinto: os (ab)usos ideológicos da tecnologia em questão	Alberto Bezerra de Abreu
“pensamento crítico”	Roda de conversa como estratégia promotora de capacidades de pensamento crítico	Tássia Alexandre Teixeira Bertoldo
“história biblioteca”, “história biblioteca Brasil”	A biblioteca enquanto campo de educação não formal	Arthur Leitis Junior
“Educação Profissional e Tecnológica história”	Educação profissional, científica e tecnológica: uma construção do estado do conhecimento	Erika Cristina Rodrigues de Moraes
“Marx trabalho”; “trabalho marxismo”, “práxis”	O conceito de práxis em Marx	Renatho Andriolla da Silva

Fonte: o autor

Após a pesquisa dos descritores na base de dados Scielo, os seguintes artigos foram selecionados:

Quadro 4 – Artigos da base de dados *Scielo* utilizados na pesquisa

TEMA	TÍTULO	AUTOR
“História biblioteca Brasil”	Fundamentos sociais e políticos da biblioteconomia	Leilah Santiago Bufrem
“educação marxismo”, “Marx educação”	A educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci	Amarílio Ferreira Junior; Marisa Bittar
“Educação Profissional e Tecnológica história”	A relação da Educação Profissional e Tecnológica com a universalização da Educação Básica	Gaudêncio Frigotto
“Educação Profissional e Tecnológica história”	Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado	Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta
“Letramento informacional”	Arcabouço conceitual do letramento informacional	Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque
“educação marxismo”, “Marx educação”	A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios	Acácia Zenaida Kuenzer
“História biblioteca”	As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável	Martha Suzana Cabral Nunes; Kátia de Carvalho
“História biblioteca Brasil”	Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca	Flávia Goullart Mota Rosa; Garcia; Nanci Oddone
“politecna”	O choque teórico da politecna	Demerval Saviani
“Marx trabalho”, “Marx educação”, “educação marxismo”, “trabalho marxismo”	Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos	Demerval Saviani
“História biblioteca”	Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade	Jessica Câmara Siqueira

Fonte: o autor

A partir da leitura do título, do resumo e da introdução dos resultados, foi estabelecida a bibliografia que compõe este trabalho. E os trabalhos selecionados remeteram a outras obras, consideradas pertinentes a esta pesquisa, sendo aplicadas a elas os mesmos critérios de leitura do título, do resumo e da introdução.

Os livros e artigos que compuseram a base teórica da dissertação foram de fundamental importância para a construção da pesquisa e do produto educacional.

O produto educacional foi resultado de uma demanda da pesquisa, além de ser uma exigência do programa de mestrado. O texto do produto foi feito pelo autor desta pesquisa, tendo como base a dissertação. Um exemplar do livro eletrônico “Pensamento crítico na Biblioteca” foi enviado a cada um dos participantes que aceitaram colaborar com o trabalho. A partir da leitura, os bibliotecários do Instituto Federal Goiano responderam um questionário sobre o *e-book* (APÊNDICE II). Eles discorreram, nas respostas do questionário, sobre o que entenderam a respeito de formação omnilateral, práxis, politecnicidade e biblioteca, e como estes temas podem ser aplicados na unidade de informação.

2.3 POPULAÇÃO ENVOLVIDA E LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização da validação do produto educacional, foram convidados treze bibliotecários do Instituto Federal Goiano, de todos os campus. Os bibliotecários avaliaram o livro “Pensamento crítico na biblioteca”, que é o produto educacional resultante da dissertação, por meio do preenchimento de um questionário.

O convite para participação na pesquisa foi realizado pelo *e-mail* institucional de cada bibliotecário, disponibilizado no site de cada campus do IF Goiano. No corpo do *e-mail* foi encaminhado o convite de participação, e em anexo o questionário semiestruturado e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, além do *e-book*.

2.4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos pelos questionários foram examinados a partir da análise de conteúdo, tendo como base o materialismo histórico-dialético, com foco na interpretação de dados e informações que subsidiaram ou refutaram as considerações da dissertação e do produto educacional. A análise de conteúdo se constitui como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens [...] e a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção), inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2016, p. 38).

Dessa maneira, os dados coletados foram analisados por meio das três etapas principais definidas por Bardin (2016), que são: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência, e a interpretação. O material é o questionário, e as respostas apresentadas pelos bibliotecários mostraram se há ou não relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica e se a pesquisa construída na dissertação – e base para a elaboração do produto educacional – teve ou não alguma pertinência e relevância.

3 APROXIMAÇÃO ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: CONCEITOS E PANORAMA HISTÓRICO

Ao pesquisar sobre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica, é importante indicar como a literatura define conceitualmente esses temas e relatar brevemente sobre a história tanto da unidade de informação quanto da EPT. Apresenta-se aqui um panorama histórico, os tipos e serviços das bibliotecas. Em seguida, discorre-se sobre o panorama histórico da Educação Profissional e Tecnológica.

3.1 BIBLIOTECA

A biblioteca é o lugar do livro. É o espaço onde estão ordenadas várias obras para consulta e empréstimo. Conforme Milanesi (1983, p. 16): “a história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem”. A biblioteca está ligada ao registro e disseminação da informação organizada, feita por meio de inscrições em meios físicos. “o advento da biblioteca deve-se à existência dos materiais, como argila, papiro, pergaminho ou papel, ao desejo humano de registrar conhecimentos e à primeira revolução técnico-linguística: a escrita” (SOUZA, 2005, p. 3). Isso mostra que a informação e seu registro sempre acompanharam a história humana.

3.1.1 Conceito de biblioteca

A raiz etimológica do termo “biblioteca” significa “caixa de livro”, originados dos radicais gregos *biblíon* (livro) e *thek* (caixa). (HOUAISS, 2001, p. 284). Nas primeiras bibliotecas, havia placas de argila e papiros, e depois pergaminhos como base de conhecimento. Só depois o papel tornou-se o principal suporte. Atualmente, graças aos avanços tecnológicos, os livros são disponibilizados em suportes digitais, denominados *e-books*, e aparelhos com capacidade de armazenamento de milhares de obras digitais, o que vêm impactando e transformando a prática dos bibliotecários. Fonseca (2007, p. 19) considera que diversos suportes, tais como a cerâmica, o papiro e o pergaminho já formaram o

livro, e agora, com o advento do mundo digital, o livro não vai deixar de ser livro, nem a biblioteca vai deixar de ser biblioteca – são novos suportes e novas formas de disseminação da informação.

A ideia fundamental da biblioteca é a de disponibilizar materiais de conteúdo informacional organizado aos usuários. Segundo a lei n. 12.244, de 24 de maio de 2010, a biblioteca é “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010).

3.1.2 Panorama histórico da biblioteca no Ocidente

As bibliotecas surgiram da necessidade de agrupar o conhecimento humano registrado em suportes materiais. A literatura relata que as primeiras bibliotecas despontaram ao mesmo tempo em que as primeiras sociedades foram se organizando. Eram denominadas bibliotecas primitivas ou “protobibliotecas”, na Antiguidade. Segundo Linares Columbié (2004, p. 38, tradução nossa), “em Ebla, Ur e Nínive, todos territórios da Mesopotâmia, as primeiras bibliotecas da história foram formadas há 4.000 ou 5.000 anos”.

A Biblioteca de Nínive (também chamada de Biblioteca de Assurbanípal) é considerada a primeira biblioteca da história. Ela pertenceu ao Rei Assurbanípal II, e possuía uma arquitetura projetada para dificultar o acesso ao acervo. Conforme narra Souza (2005, p. 6), na biblioteca de Nínive, o depósito de livros não tinha saída para o exterior, apenas para o interior do edifício, onde estavam os grandes sacerdotes. Os rolos eram organizados em armários, com etiquetas indicadoras dos títulos, com divisórias e arrumados lado a lado. Seu acervo pode ser considerado como a primeira coleção indexada e catalogada em uma biblioteca. Essa biblioteca foi destruída em um incêndio, em 612 a.C.

A Biblioteca de Ebla, localizada da região mesopotâmica, já tinha seu “acervo” organizado sistematicamente por assunto nas estantes. Ela surgiu no terceiro milênio a.C. (ORTEGA, 2004, p. 1). Seu acervo era composto de tabletas. Ainda segundo a autora (2004, p. 2), a escrita das tabletas era a cuneiforme, entretanto elas não estavam no seu idioma original (o sumério), mas numa língua desconhecida, que foi denominada eblaíta. Essa biblioteca foi abandonada quando o palácio real de Ebla foi atacado, onde milhares de tabletas

foram incendiadas e arruinadas, ficando em ruínas. “O fogo foi devastador e os saqueadores não hesitaram em subtrair o ouro e os objetos de mais valor, deixando unicamente as tabletas feitas em pedaços” (BAEZ, 2004, p. 36).

Os estudos de Battles (2003) narram o surgimento da mais célebre biblioteca do mundo antigo no século III a.C.: a Biblioteca de Alexandria. Construída na cidade de Alexandria, no delta do Rio Nilo, Egito, criada em 280 a.C., foi idealizada e construída por rei Ptolomeu I, com a missão de conter toda a sabedoria acumulada pelo mundo grego. Durante seis séculos, ela foi o centro cultural do mundo conhecido. Reuniu sábios, das mais diferentes procedências, que nela desenvolveram trabalhos e pesquisas de importância fundamental para o conhecimento. Bibliotecários eruditos tornaram acessível ao mundo ocidental obras de toda origem, uma vez que ela começou a ser vista como local de pesquisa:

A Biblioteca de Alexandria inicia um processo complexo na história da biblioteca, aquele que aponta para a compreensão da biblioteca não apenas como “um conjunto de conhecimentos registrados, organizados e acumulados”, mas também mostra, uma preocupação incipiente em torno que uma das funções dessas instituições era aquela que leva em conta o uso dessa riqueza de conhecimento preservado, apesar do fato de que nessa época essa instituição era apenas acessível a estudiosos e sábios da época (LINARES COLUMBIÉ, 2004, p. 39, tradução nossa).

Segundo Mey (2004, p. 11), Demétrio expôs ao soberano que ele só seria um bom governante se conhecesse melhor o povo por ele governado e que conhecesse as obras sobre o exercício do poder, o que logicamente, implicava na criação de um centro de estudo e pesquisa para que tal fato pudesse de fato ocorrer. O acervo da biblioteca chegou a cerca de 700 mil volumes entre rolo de papiros e pergaminhos. Foi considerado o maior acervo de ciência e cultura da Antiguidade.

Quanto à organização física da biblioteca, Battles (2003, p. 68) diz que [...] “as estantes no interior do edifício eram circundadas por colunatas abertas expostas a brisa, formando corredores cobertos que os estudiosos podiam utilizar para estudo ou discussão”. A Biblioteca de Alexandria permaneceu como centro cultural do mundo até 48 a.C. Historicamente, credita-se a um terceiro e

derradeiro incêndio, em 642, o fim da monumental Biblioteca de Alexandria causado pelos árabes.

Das principais bibliotecas da antiguidade, é possível inferir algumas conclusões: 1) Não eram abertas à toda comunidade; 2) Guardar e preservar documentos era sua função básica; 3) Sofreram danos por fogo (LEITIS JUNIOR, 2018, p. 27).

As bibliotecas, durante o período conhecido como Idade Média, priorizavam a guarda e preservação do livro, em detrimento da difusão e circulação das obras. As bibliotecas medievais foram continuidades das bibliotecas da antiguidade, “tanto na composição, quanto na organização, na natureza, no funcionamento: não se trata de dois ‘tipos’ de biblioteca, mas de um mesmo tipo que sofreu modificações insignificantes de pequenas divergências de organização social” (MARTINS, 2002, p. 71).

Na Idade Média, o centro da vida social e econômica era a Igreja. A sociedade medieval dividia-se em três classes: o clero, a nobreza e a plebe. Os membros do clero eram os detentores do conhecimento e do acesso aos livros. Os nobres e a plebe ficavam, em sua imensa maioria, apartados do mundo do saber. Apesar de a escrita existir desde o fim da pré-história, a imensa maioria da população era analfabeta. Segundo Morigi e Souto (2005, p. 190), as bibliotecas ficavam sob o comando do clero e eram de difícil acesso para a população, que era educada através de conhecimentos transmitidos de forma oral.

A maioria das bibliotecas durante a Idade Média eram ligadas a ordens religiosas. Uma de suas principais atividades era a de transcrição, por intermédio dos copistas, das obras de maior relevância. Entretanto, Milanesi (1983, p. 19) afirma: “Também textos profanos foram copiados dentro dos mosteiros - o que propiciou a conservação de obras que, provavelmente, estariam perdidas se não fosse o labor minucioso dos religiosos”.

Para Morigi e Souto (2005, p. 193), nas bibliotecas medievais existiram também alguns frequentadores que não faziam parte do clero; eram pessoas aceitas ou autorizadas por eles. As bibliotecas eram um espaço relevante nos mosteiros, e os copistas, mesmos restritos a cópias de textos de cunho religioso, preservaram e difundiram documentos importantes.

Quem possuía acesso ao conhecimento, detinha poder: essa máxima já era um elemento conhecido nessa época. Por isso, suseranos e nobres tinham o interesse de construir bibliotecas e, desta forma, aumentavam seu poder e *status*. Nesse contexto, eles procuravam adquirir o máximo de informações que conseguissem nas guerras e nas campanhas religiosas, de modo a tornar a biblioteca um local de preservação de suas conquistas e feitos.

Durante a Idade Antiga e no período medieval, pode-se afirmar que museus, arquivos e bibliotecas constituíam praticamente a mesma entidade. Para Ortega (2004, p. 2), não houve mudanças significativas nesses espaços até a Idade Moderna, quando a produção dos livros ganhou novo impulso por causa da invenção da prensa móvel, o que levou as bibliotecas a adquirir maior relevância enquanto elemento social, e a se distanciarem de ordens religiosas.

A imprensa foi inventada por Johann Gutenberg em 1453, no período conhecido como Renascimento. Foi por meio da prensa do tipo móvel que a imprensa revolucionou o mercado ocidental, produzindo livros de forma mais rápida, o que era feito antes de forma artesanal, retirando dos mosteiros a exclusividade na reprodução das obras. Como afirma Weitzel (2007, p. 62):

A importância histórica da invenção da imprensa reside em dois fatos: primeiro a promoção da laicização do conhecimento com a quebra do monopólio da informação, restrita, antes, aos mosteiros e aos castelos da nobreza; e em seguida, como consequência, a possibilidade de aumentar o alcance das descobertas científicas e dos tratados filosóficos através das publicações de cunho científico.

Segundo Chartier (1998) o período pós-Gutenberg trouxe a produção em grande escala. Por causa disso, os livros extrapolaram o âmbito da religiosidade e avançam por outros territórios temáticos, em paralelo ao desenvolvimento das universidades laicas (MILANESI, 2002, p. 23). Desse modo, as bibliotecas existentes no período renascentista começaram a propagar o conhecimento até então acumulado e mantido nos mosteiros. Essas novas bibliotecas afluíam para o despertar de práticas inovadoras, apontando o surgimento de “práticas que deram para a biblioteca o caráter de espaço de liberdade e de conhecimento” (MILANESI, 2002, p. 24).

Essa nova fase das bibliotecas, a partir do Século XV, vai de encontro ao movimento humanista que invade a Europa. O humanismo foi um movimento de oposição ao domínio religioso que fundamentava o conhecimento predominante até então. Com a criação de novas cidades (burgos), uma nova classe de comerciantes (burgueses) vai ganhando destaque. O ser humano passou a ser o interesse do pensamento (antropocentrismo), começou a ser afastado das concepções da religião (teocentrismo). A Igreja Católica e seus dogmas vão perdendo espaço para o conhecimento advindo da ciência e da racionalidade.

De acordo com os estudos de Nunes e Carvalho (2016, p. 180-181), a consequência da maior quantidade de livros em circulação, somado a outros formatos e suportes para a difusão do conhecimento, tais como os pequenos artigos distribuídos em folhetins e nas revistas, revela a expansão do conhecimento científico. A partir de então, cresce também o pensamento Iluminista, que marca a sociedade da época de maneira a enfatizar o pensamento, o conhecimento e a razão como molas propulsoras da sociedade.

Com o acesso a um volume maior de livros, o corpo de conhecimentos expandiu-se, surgindo, assim, índices e sistemas de referência cruzada. Esses mecanismos, além de possibilitarem a realização da gestão da informação disponível, também facilitavam a associação criativa de ideias e assuntos aparentemente distantes e sem qualquer relação (BACELAR, 1999, p. 4).

É também no Renascimento que surgiu uma maior preocupação com relação à situação física dos livros. Segundo Santos (2012, p. 187), a disposição arquitetônica, a organização interna e tantos outros detalhes de suma importância começaram a ser avaliados na organização das bibliotecas e medidas técnicas foram tomadas para superar os problemas existentes. Essa tarefa cabia, exclusivamente, ao bibliotecário.

Com os livros sendo produzidos em maior quantidade, a custos bem mais baixos, começou a ocorrer uma rápida expansão e circulação de ideias. Isso acarretou, como explica Milanesi (1983, p. 21), que “os livros perdessem o seu valor material para se tornarem materiais de consumo, tornando-os itens domésticos”. É interessante observar que essa circulação de livros em grande quantidade teve um efeito sobre o status das famílias, uma vez que muitas bibliotecas particulares se multiplicaram pois se localizavam dentro das casas. “Transporta-se para o interior das residências, sobretudo dos mais abastados, o

modelo de estantes usado já nos grandes repositórios de corte e monásticos, nos quais se dá importância à estética e à funcionalidade na arrumação dos livros” (CARDOSO, 2014, p. 365).

Um grande nome desse período foi Gabriel Naudé (1600-1653), que em 1627 lançou “*Advis pour dresser um bibliothéque*”¹, o primeiro manual para bibliotecários, que compilou as bases conceituais da Biblioteconomia. Segundo Siqueira (2010, p. 57-58), ele sistematizou o trabalho nas bibliotecas. Essa obra proclamava o espírito do progresso e liberdade de expressão e cultura, e foi uma das fontes de inspiração da Revolução Francesa. Esses valores revolucionários estimularam a consolidação da ideia de biblioteca disponível para todos, lançado por Naudé.

Com a propagação das oficinas tipográficas, a produção editorial tomou grandes proporções. O cenário em que isso aconteceu coincide com a Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, com a multiplicação da ciência e suas aplicações tecnológicas e a intensificação na alfabetização da população. Para Santos (2014, p. 53), na área do conhecimento, a Revolução Industrial trouxe consigo um grande acúmulo e produção de informações, que o homem já não estava dando conta de organizar e controlar. A única solução encontrada para o problema do caos informacional que se estabeleceu foi a especialização das bibliotecas para conseguir dar conta de organizar todo o conhecimento, que estava sendo produzido em grande quantidade. Nogueira (1986, p. 223) assim discorre:

Tendo por alavanca a Revolução Industrial, que exigia qualificação mais apropriada da força de trabalho, e visando manter o novo modo de produção, impõe-se a necessidade do ensino formal como meio de aperfeiçoamento individual e de desenvolvimento nacional. Neste contexto, a biblioteca pública apresenta-se como mais um artifício de garantia da democratização do saber.

A partir da Revolução Industrial, houve a necessidade de qualificar a mão-de-obra disponível, a fim de possibilitar o manuseio das máquinas, sendo que para isso fazia-se necessário o conhecimento e a prática de leitura. Desta forma, durante essa Revolução, ser alfabetizado passou a ser uma exigência, pois

¹ Conselhos para formar uma biblioteca. Tradução de Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

através do preparo intelectual, os funcionários conseguiriam não só dominar e conservar as máquinas, mas também atingirem, naturalmente, a ascensão social (ARRUDA, 2000, p. 5).

É nesse contexto histórico que vão surgindo as primeiras bibliotecas públicas. Elas tinham como missão disponibilizar livros para operários que precisavam de conhecimentos para o trabalho. Este movimento teve início na Inglaterra, logo se expandindo para os Estados Unidos. Muller (1984, p. 9) afirma que as bibliotecas públicas tinham como objetivo “a ordem social e o progresso nacional”. Em outras palavras, a biblioteca foi mais um instrumento para controle da população.

Entretanto, o analfabetismo era ainda bastante expressivo, e as condições da classe trabalhadora, em sua maioria, eram precárias. A educação e a leitura começaram a se estabelecer como uma via para ascensão social e melhora da qualidade de vida.

Com a expansão das bibliotecas públicas, e com o grande número de livros sendo produzidos, Antonio Panizzi, italiano que começou a trabalhar na biblioteca do Museu Britânico, em Londres, foi o primeiro a tentar organizar o acervo de forma mais acessível e sistematizada. Ele foi encarregado de catalogar as obras da biblioteca, de modo a “facilitar o acesso às obras que fazem parte da coleção” (BATTLES, 2003, p. 133). O modelo de catalogação criado por Panizzi foi adotado por outros bibliotecários em vários lugares, “deixou de ter por objetivo uma única publicação para tornar-se um esforço contínuo, como acontece em todas as bibliotecas até hoje” (BATTLES, 2003, p. 137).

Outro personagem importante na história da Biblioteconomia é Melville Louis Kossuth Dewey. Sua maior contribuição é a criação da Classificação Decimal de Dewey, que combinava o esquema de Panizzi de numeração das estantes com a concepção tripartida proposta pelo filósofo Francis Bacon: história, poesia e filosofia. Melvil Dewey também fundou um dos primeiros cursos para bibliotecários, na Universidade de Colúmbia, em 1889. Ajudou a fundar a *American Library Association* - ALA em 1876, que atua em prol dos profissionais da informação até hoje. A Classificação Decimal de Dewey -CDD é utilizada largamente até os dias atuais.

No séc. XX, a Documentação ganhou espaço. Isso porque houve necessidade de criação de novas técnicas para organizar a informação, uma vez

que aumentou consideravelmente a produção bibliográfica. A Documentação foi criada como um campo dentro da Biblioteconomia e se desenvolveu paralelamente ao surgimento das bibliotecas públicas. Em sua definição, Documentação, é “o conjunto de técnicas (e seus fundamentos) de representação de conteúdos de documentos, em suas diversas tipologias e em qualquer suporte, visando recuperação, acesso e uso destes conteúdos” (ORTEGA, 2010, p. 4).

Esse campo do saber foi idealizado pelos advogados belgas Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943). Em 1903, Otlet escreveu um artigo intitulado “*Les sciences bibliographiques et la documentation*”², que defende a ideia de que a biblioteca não é apenas uma instituição que guarda e disponibiliza livros, e estes não são os únicos materiais informacionais em torno dos quais o conhecimento pode ser registrado e disseminado.

Com a explosão informacional e a criação de equipamentos tecnológicos, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, emerge a Ciência da Informação. Le Coadic (2004, p. 2) pontua que a CI tem origem anglo-saxônica e nasceu da biblioteconomia. Primeiro ela estudava a informação contida nas bibliotecas, e depois, com o advento da tecnologia da informação, voltou-se também para “as necessidades crescentes de informação dos setores científicos, técnicos e industriais, e do grande público”.

A Ciência da Informação tem por definição: “propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos, e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso” (LE COADIC, 2004, p. 25). Ela se relaciona com a história das bibliotecas porque no Séc. XX houve um aumento exponencial da informação produzida e das tecnologias e da disseminação dessas informações. A biblioteca especializou-se, e a entrada de alternativas tecnológicas requereu dos bibliotecários uma nova atuação.

A nova face da biblioteca encontra-se, hoje, na sua forma digital. Com a criação e popularização do computador e da internet, a biblioteca migrou para esse novo formato. Ela chega ao Séc. XXI com o desafio de ser relevante tanto em sua forma física, quanto em sua forma digital. Hoje há bibliotecas digitais, virtuais, repositórios virtuais, bases de dados eletrônicas e outros recursos que

² Ciências bibliográficas e Documentação.

alinham conhecimento e tecnologia. Os bibliotecários têm pela frente o trabalho de enfrentar a disseminação desenfreada de informações via internet e conciliar a importância da preservação dos acervos das bibliotecas. Além disso, governos e setores conservadores da sociedade tentam desvalorizar o conhecimento, através de *fake news*, fatos ou informações mentirosas ou distorcidas, sem falar na falta de investimento financeiro e material que dificulta a manutenção, abertura e continuidade de milhares de bibliotecas.

A história da biblioteca mostrou que ela começou como um espaço restrito aos que sabiam ler, lugar das elites, e que chegou à camada trabalhadora por imperativos do capital. Por isso, é importante pensá-la na era da tecnologia, e de que modo ela possa servir a todos, independentemente da classe social.

3.1.3 Panorama histórico da biblioteca no Brasil

Apesar de se encontrar na Idade Moderna, as primeiras bibliotecas no Brasil foram criadas pelos jesuítas. Dessa maneira, “o aparecimento de livros, instituições de ensino e, posteriormente, as bibliotecas, só ocorreu a partir de 1549 com a instalação do Governo Geral, em Salvador (Bahia)” (SANTOS, 2010, p. 51). Também na Bahia, surgiu a primeira biblioteca monástica, em 1582 (FONSECA, 2007, p. 56). Os serviços da biblioteca eram feitos pelos próprios religiosos. Entre os empecilhos para a expansão de bibliotecas no Brasil do Séc. XVI até o final do Séc. XVIII estavam a proibição da criação e desenvolvimento de tipografias e a censura da Igreja Católica.

Com a vinda da Família Real ao Brasil, em 1808, a história das bibliotecas brasileiras avança. Toda a corte foi transferida de Portugal para sua colônia, e foram trazidos, de acordo com Santos (2010, p. 54) “um acervo de 60 mil peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas”.

A Biblioteca Nacional do Brasil foi criada no dia 27 de julho de 1810, nas dependências do Hospital da Ordem Terceira do Carmo. Entretanto, não era de uso popular: apenas estudiosos poderiam consultar seu acervo, mediante prévia anuência do Rei. Somente em 1814, a biblioteca veio a ser aberta ao público, tornando-se Biblioteca Nacional depois da proclamação da Independência, em 1822.

No período compreendido entre o final do Séc. XVIII até meados do Séc. XIX, em que se pese a baixa instrução da maioria do povo brasileiro, e o acesso à educação restrito a certos estratos sociais, os livros começaram a se disseminar e a se popularizar em terras tupiniquins. De acordo com os estudos de Santos (2010, p. 53), algumas pessoas passaram a comprar mesas e móveis especificamente para os livros e, formando um cômodo em suas casas. A leitura oral, feita pública ou privadamente, difundiu-se como atividade e os livros passaram a serem lidos e debatidos. Segundo Fonseca (2007, p. 57), só em meados do Séc. XIX surgiram algumas bibliotecas estaduais, indicando uma maior criação de unidades de informação: Sergipe, em 1851, Paraná, em 1857 e Ceará em 1867.

A história das bibliotecas brasileiras no Séc. XX teve como primeiro fato relevante a criação de cursos superiores de Biblioteconomia. O primeiro curso de Biblioteconomia criado no Brasil foi da competência da Biblioteca Nacional, em 1911, e teve como meta “sanar as dificuldades existentes na biblioteca [Nacional], há gerações, quanto à qualificação de pessoal” (CASTRO, 2000, p. 53). No estado de São Paulo, a biblioteca da Faculdade Mackenzie, inaugurada em 1926, foi a pioneira no ensino pragmático da Biblioteconomia, de influência americana, que dava mais ênfase nas técnicas de organização (CASTRO, 2000, p. 65). O curso durou até 1936, quando passa a ser oferecido pelo recém-criado Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo pelo bibliotecário Rubens Borba de Moraes. As atividades desse curso foram encerradas em 1939.

Uma iniciativa que teve algum impacto nas bibliotecas brasileiras surgiu em 1937, no governo Getúlio Vargas: o Instituto Nacional do Livro – INL, que tinha por finalidade, entre outros:

- c) promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros;
- d) incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional. (BRASIL, 1937).

De acordo com os estudos de Tavares (2014, p. 168), a seção de Bibliotecas visava organizar as políticas de distribuição de livros e gerir as

bibliotecas do país. Com o envio de catálogos e índices bibliográficos, o Instituto Nacional do Livro colaborava para informar as bibliotecas com as novas produções. O INL foi um grande impulsionador das bibliotecas públicas no país, uma vez que ajudou a instalá-las e desenvolvê-las com a distribuição de livros para o acervo dessas bibliotecas.

Com a prerrogativa legal, os municípios brasileiros foram criando bibliotecas e salas de leitura para receber as novas aquisições. O escopo grandioso do projeto fracassou por falta de investimento financeiro e carência de profissionais. Mais do que isso, de acordo com a visão de Bragança (2009, p. 24), “a falta de vontade política dos sucessivos governos para o enfrentamento do desafio que significaria retirar do atraso secular o desenvolvimento das práticas de cultura letrada no país”. O Instituto Nacional do Livro teve suas atividades incorporadas à Biblioteca Nacional em 1991.

Por causa disso, afirma Milanesi (2013, p. 61) que as bibliotecas, em especial as públicas, tornaram-se espaço para estudantes, isto porque a escola dificilmente possuía uma biblioteca em suas dependências

No que tange à questão trabalhista, a regulamentação da profissão de bibliotecário só veio com a lei 4.084, de 30 de junho de 1962. Na visão de Castro (2000, p. 151):

Até 1962, os bibliotecários brasileiros encontravam-se no dilema de não terem garantido os seus direitos pela ausência de uma lei que regulamentasse a profissão. Era o que faltava para consolidar os avanços que vinham ocorrendo, mesmo timidamente, desde os anos 30: ampliação do número de escolas e associações de classe, organização de eventos científicos e reconhecimento pelo DASP da Biblioteconomia como profissão de nível superior. Com o objetivo de terem sua profissão reconhecida, os *bibliotecários-líderes* utilizaram-se dos favores políticos, para alcançarem esta finalidade (grifos do autor).

Na tentativa de criar um país com mais leitores, várias políticas públicas foram criadas para disseminar o livro e a biblioteca. A Política Nacional do Livro (2003), Programa Nacional de Incentivo à Leitura (1992), Plano Nacional do Livro e da Leitura (2006), Lei Rouanet (1991), Programa Nacional de Biblioteca Escolar (1997) são alguns dos exemplos de incentivo à leitura e da criação de bibliotecas (ROSA, ODDONE, 2006, p. 188-190). A Lei 12.244, de 24 de maio

de 2010 diz que todas as escolas brasileiras deverão contar com uma biblioteca com bibliotecário, obedecendo ao prazo máximo o ano de 2020.

O final do Séc. XX e o início do Séc. XXI trouxeram a popularização do computador e o maior acesso à internet. Assim, muitas bibliotecas aproveitaram esse cenário para organizar, mediar e disseminar conhecimento *online*, através das bibliotecas digitais e virtuais. Mais ainda, os *smartphones* trouxeram consigo a ideia de mobilidade e praticidade, sendo mais um meio de ter acesso à leitura e à pesquisa. Observa-se o surgimento de menos bibliotecas físicas e mais de bibliotecas online, repositórios institucionais e bases de dados com obras digitais. Os profissionais da informação têm o desafio de levar os ganhos tecnológicos para a sociedade, de modo a permitir que mais e mais pessoas acessem informações confiáveis, lutando contra *fake news* e buscando transformar as informações em conhecimentos que auxiliem na transformação social.

3.1.4 Tipos de bibliotecas

Atualmente, as bibliotecas estão didaticamente divididas para melhor compreensão do público e organização de suas atividades. No quadro a seguir, são apresentados 10 tipos de bibliotecas, de acordo com Vieira (2014, p. 14-22):

Quadro 5: Tipos de bibliotecas

Biblioteca híbrida	Modelo de biblioteca transacional entre a impressa e a digital.
Biblioteca eletrônica	Modelo que se utiliza de equipamentos eletrônicos para armazenar e organizar o acervo e o acesso dos usuários.
Biblioteca digital	Modelo que tem como base conteúdos em formato digital acessados pela internet.
Biblioteca virtual	Modelo que não existe fisicamente, e agrega todos os serviços da biblioteca eletrônica e da biblioteca digital.
Biblioteca pública	Modelo de biblioteca de livre acesso da comunidade. Podem ser municipais, estaduais ou federais.
Biblioteca especializada	Modelo de biblioteca direcionado para um público específico.
Biblioteca universitária	Modelo de biblioteca que atende as necessidades informacionais dos estudantes universitários e professores

Biblioteca escolar	Modelo de biblioteca que atende as necessidades informacionais dos estudantes de ensino fundamental e médio, e professores
Biblioteca infantil	Modelo de biblioteca que atende crianças
Biblioteca pessoal/particular	Modelo de biblioteca feito por uma pessoa, em sua casa

Fonte: adaptado de Vieira (2014)

As bibliotecas, em suas variadas versões, apresentam-se à sociedade como lugares privilegiados do saber, atendendo pessoas de diferentes lugares, experiências e objetivos. A tipologia de cada biblioteca intenta organizar suas funções, podendo e devendo ser utilizadas por todos.

3.1.5 Serviços da biblioteca

Como uma unidade que organiza e dissemina informações, a biblioteca oferece, entre outros, os seguintes serviços (VIEIRA, 2014):

- Formação e desenvolvimento de coleções;
- Estudo de usuários;
- Classificação;
- Catalogação;
- Indexação;
- Fontes de informação;
- Serviço de referência;
- Ação cultural;

Esses serviços abrangem o processamento técnico de obras, abordam tópicos educacionais e fazem com que a biblioteca possa ser útil aos usuários e à sociedade. Os profissionais que estão nas unidades de informação devem se atentar para o tipo de biblioteca, o público usuário, e organizar o acervo, os produtos e serviços de modo a atender as necessidades informacionais e permitir que alunos, professores e demais usuários possam ampliar seus pontos de vista e conhecer o mundo em que se encontram para transformá-lo.

3.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

3.2.1 Conceito de Educação Profissional e Tecnológica

A Constituição Federal se refere à educação profissional, quando menciona o dever do Estado e da sociedade, juntamente com a participação da família na promoção da (mas não apenas) profissionalização:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010) (BRASIL, 2020).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional trata sobre educação profissional nos artigos 36, inciso V, §6º, incisos I e II, § 8º; artigos 36-A a 36-D; artigo 37, § 3º e artigos 39 a 42. Segundo esta lei, conceitua-se Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como “uma modalidade educacional com a finalidade de preparar para o exercício de profissões, contribuindo para que o cidadão possa se inserir e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade (BRASIL, 1996).

Em se tratando de uma sociedade imersa no capitalismo, é interessante perceber que, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, como a educação é dual, de modo que a classe dominante recebe uma educação diferente da classe proletária. Aqui, a LDB tentou resgatar uma cidadania ligada ao aprendizado do ensino profissionalizante, de modo que o cidadão possa adentrar o mundo do trabalho e contribuir com a comunidade. Mas que contribuição espera o legislador, uma vez que a dualidade da educação está escancarada na realidade?

A Lei 11.741/08 alterou dispositivos da LDB sobre a educação profissional e tecnológica. Na nova redação do artigo 39, a EPT é ofertada da seguinte maneira (BRASIL, 2008):

- a) De formação inicial e continuada ou qualificação profissional (acrescentado pela Lei 11.741/08).
- b) De educação profissional técnica de nível médio (incluído pela mesma Lei).
- c) De educação profissional de graduação e pós-graduação (incluído pela mesma Lei), sendo que estes deverão ser organizados de acordo com as diretrizes curriculares nacionais.

A EPT recebeu especial atenção na Lei de Diretrizes e Bases da Educação por sua relevância, principalmente pelas mudanças no mundo do trabalho, que é permeado pela lógica do capital, e a relação estreita que a educação de jovens e adultos que procuram se qualificar buscando o ensino profissionalizante.

Nesse sentido, a EPT foi, e continua a ser, palco de inúmeras disputas e lutas, permeado pelo contexto histórico e social. Portanto, é preciso conhecer o processo de construção do ensino profissionalizante, para que a história dessa modalidade de ensino fique mais clara.

3.2.2 Panorama histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil

Na visão de Frigotto (2007, p. 1131), para compreender a EPT faz-se necessário compreender a estrutura social presente no Brasil, que começou como uma colônia escravocrata e foi caminhando para uma configuração neoliberal de políticas econômicas. Assim, a educação foi construída e instituída para atender à classe dominante e manter o proletariado com o mínimo de instrução possível, de modo a manter a divisão por classes, como na época da escravidão e como almeja o neoliberalismo.

De acordo com os estudos de Moraes (2018, p. 62), com a passagem do modo de trabalho predominante na Idade Média – o trabalho artesanal - pelo modo capitalista, surgiu a burguesia como classe social, pois com o Mercantilismo e depois com a Revolução Industrial essa classe passou a ser a dona dos meios de produção, promovendo a transformação do modo de trabalho, “modificando-o de uma atividade de sustento, principalmente para suprir as necessidades imediatas, para uma atividade de exploração da força de trabalho”. E essa situação criou, além da divisão de classes, uma hierarquia educacional.

A Revolução Industrial teve um profundo impacto na sociedade. A máquina não apenas mudou a maneira de trabalhar, como transformou a educação. A Revolução Industrial “colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação” (SAVIANI, 2007, p. 159). A partir da introdução e disseminação da maquinaria, ao trabalhador não bastava mais manusear as máquinas, mas, segundo Moraes (2018, p. 64), “também eram exigidas determinadas qualificações específicas, obtidas por um preparo intelectual também específico, profissionalizante, para realizar demais atividades e em novas circunstâncias”.

Esse novo modelo educacional teve como consequência uma implicação histórica e lógica do ensino profissionalizante, cujo resultado foi a ênfase na separação entre instrução e trabalho produtivo, atrelando as escolas ao sistema de produção capitalista. Segundo Kuenzer (2007, p. 45), o ensino profissional era entendido como formação instrumental e não permitia acesso ao Ensino Superior, a não ser através de exames de adaptação “que, na prática, implicavam em demonstrar conhecimento dos conteúdos do ensino humanista”. Complementando, Rodrigues (2000, p. 74), embasado por Pierre Bourdieu, afirma que a educação no capitalismo visa “em alguma medida realizar de modo organizado e sistemático a inculcação dos valores dominantes e reproduzir as condições de dominação social que estão por trás de sua ação pedagógica”.

A história da EPT no Brasil teve poucos acontecimentos marcantes até 1808. Nessa data, houve a mudança da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro. A comitiva real contava com 15 mil pessoas. Por isso, D. João VI criou o Colégio das Fábricas, com o objetivo de atender à instalação e funcionamento das indústrias que vieram para Brasil naquela ocasião.

Durante o séc. XIX, começou de forma morosa a industrialização no Brasil. Nesse sentido, aponta Moraes (2018, p. 69) que com o início da industrialização, havia pouca mão-de-obra qualificada. Assim, foi construída dez Casas de Educandos e Artífices, em diversas capitais, para menores carentes, “sob o discurso de assim suprir o déficit de profissionais especializados e diminuir a criminalidade e a vagabundagem”.

As políticas públicas para o ensino profissional no início do séc. XX buscaram, sem sucesso, se desvincular do assistencialismo, de modo a criar mão de obra para as fábricas. Em 1909, o presidente Nilo Peçanha criou Escolas

de Aprendizes Artífices e começou a instalar nos diversos estados a partir de 1910. Para Ramos (2014, p. 25), “a criação das Escolas de Aprendizes Artífices e do ensino agrícola evidenciou um grande passo ao redirecionamento da educação profissional no país, pois ampliou o seu horizonte de atuação para atender necessidades emergentes dos empreendimentos nos campos da agricultura e da indústria”.

Por causa da industrialização, milhões de pessoas abandonaram o campo para viver nas cidades maiores. No campo educacional, Moraes (2018, p. 71), aponta algumas medidas tomadas que impactaram o campo educacional: a Criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930, no qual foi estruturada a Inspeção do Ensino Profissional Técnico, com a função de supervisionar as Escolas de Aprendizes Artífices; Reforma do ensino secundário e Ensino Superior; Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova; Constituição Federal de 1934 e os projetos de reforma educacional oriundos da sociedade civil. Essas medidas foram tomadas para impulsionar o ensino industrial e profissional, e para criar escolas e especializações visando inserir mais mão de obra qualificada do mercado capitalista.

A Constituição outorgada em 1937 foi a primeira a tratar de ensino técnico, profissional e industrial:

Art. 129. O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais. É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público. (BRASIL, 1937).

Logo em seguida, foi promulgada a Lei nº 378, que transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Profissionais, destinados ao ensino profissional, de todos os campos e níveis de ensino.

Uma importante medida foi a criação do Instituto Nacional do Livro, órgão do Ministério da Educação e Cultura, criado pelo Decreto-Lei 93, de 21 de dezembro de 1937, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema. Essa lei tinha por objetivo organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, editar obras raras ou preciosas, aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país, além de incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional (BRASIL, 1937). Sua sede era na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e foi composta de três seções: a Seção da Enciclopédia e do Dicionário; a seção de Publicações e seção de Bibliotecas.

A Lei Orgânica do Ensino Secundário data do ano de 1942, e foi promulgada durante o Estado Novo, na gestão do Ministro Gustavo Capanema. De acordo com Ramos (2014, p. 26), essa lei acentuava a velha tradição do ensino secundário acadêmico, propedêutico e aristocrático. A face propedêutica tinha como foco o acesso ao ensino superior, desejo da classe dominante, e essa situação fortaleceu o ensino privado. Assim, o curso secundário tinha como objetivo o preparo da elite para o ingresso no ensino superior, e a educação profissional, com o ensino agrícola, industrial, comercial e formação de professores eram ofertados para a classe trabalhadora que buscasse instrução (MEDEIROS NETA et al, 2018, p. 226).

No fim da Era Vargas e no início da Segunda República, houve a criação do SENAI (1942) e do SENAC (1946). Eram empresas privadas sem fins lucrativos, e estavam voltadas ao ensino profissionalizante, destacando “indústria e comércio e financiadas por contribuições sociais tributárias, e que corroboram, via parceria público privada, com as atividades do Estado de atender as demandas do mercado com formação de mão de obra técnica” (MORAIS, 2018, p. 72).

A década de 1950 foi marcada pelo forte crescimento industrial brasileiro. A economia nacional apresentava grandes sinais de desenvolvimento, especialmente na implantação de indústrias. No período liderado pelo Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), a relação entre Estado e economia foi aprofundada, com destaque para o surgimento da indústria automobilística. Houve uma tentativa de um avanço na indústria nacional, e a consequente criação de novos postos de trabalho que demandavam agora, novos

conhecimentos. De acordo com Ramos (2014, p. 26), o crescimento da industrialização exigiu o estabelecimento de novas diretrizes para o ensino técnico industrial. Para isso, foram criadas autarquias e Escolas Técnicas Federais.

Em 1961, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei nº 4.024/1961, elencando em seus art. 47 a 51 determinações sobre da Educação Profissional.

Como afirma Ramos (2014, p. 28), essa lei trouxe a equivalência entre ensino médio e ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores). A partir disto, os concluintes do colegial técnico podiam se candidatar a qualquer curso de nível superior. Os Estados e as escolas também tiveram a liberdade de incluir disciplinas optativas ao currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação

Em 1964, o Brasil passou a ser governado por militares. Em 1971, a LDB foi reformulada (Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971), trazendo alterações no ensino médio e profissionalizante. De acordo com Moraes (2018, p. 74), a formação de mão de obra técnica foi priorizada nas políticas educacionais, uma vez que a profissionalização foi colocada compulsoriamente para todo o 2º grau. Assim, o governo militar visava suprir as necessidades do mercado industrial da forma mais rápida possível. O governo militar promoveu a expansão das Escolas Técnicas Federais, com abertura de novos cursos técnicos e a ampliação da oferta de vagas. Para Ramos (2014, p. 31), a justificativa para isso foi as demandas do mercado de trabalho. Entretanto, esse projeto não se coadunava com as aspirações da classe média, uma vez que esse tipo de ensino não dava acesso ao ensino superior, visto como forma de ascensão social.

A configuração da educação profissional no Brasil a partir dos anos 1980 foi de adequação mais profunda ao modo de produção neoliberal. Na visão de Antunes (2009), neoliberalismo é o processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de manutenção e dominação, através da privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos trabalhistas e o desmonte do setor produtivo estatal. Com a Lei nº 7.044/1982, houve o fim da educação profissionalizante obrigatória. Uma das causas alegadas para essa alteração foram as dificuldades em implementar esse modelo compulsório (MORAIS, 2018, p. 75). Entretanto, na rede federal, o fim da obrigatoriedade teve

o efeito inverso: as escolas técnicas, na década de 80, foram reconhecidas como formadora de profissionais com reconhecida qualidade (RAMOS, 2014, p. 33-34).

A Lei n.º 7.044/1982, em seu art. 76, define que a preparação (nova terminologia) para o trabalho “[...] poderia ensejar habilitação profissional, a critério do estabelecimento de ensino” (BRASIL, 1982). Assim, a formação profissional retornou ao âmbito de instituições específicas, fazendo parte da rede regular de ensino somente nos espaços e sistemas que assim se manifestassem, de modo que empresas privadas pudessem ofertar cursos técnicos mediante a cobrança de mensalidades, ao estilo de organizações neoliberais.

No período do fim do governo militar, a partir de 1985, a inflação e a corrosão do poder monetário brasileiro eram uma constante. A transição para a democracia obedeceu aos ditames norte-americanos, através do Consenso de Washington. Esse período foi denominado de Nova República.

O governo de Fernando Collor pouco realizou pelo ensino profissional. Segundo Ramos (2014), foi nesse governo que as bases neoliberais começaram a ser assentadas. Em seus estudos, Grabowski e Ribeiro (2010) corroboram essa afirmação, de que desde 1990 a educação profissional no Brasil passou a ocupar um lugar de destaque no neoliberalismo, devido as transformações na economia e no mundo do trabalho. Nesse sentido, as políticas, programas e ações governamentais colocaram a qualificação profissional e a formação técnico-profissional como estratégias para elevar o desenvolvimento da nação, além de condição para o trabalhador poder se inserir nas relações sociais de produção capitalista. Para estes autores, prevaleceu, ao longo da história, “uma finalidade instrumental, operacional, qual seja, que o trabalhador fosse capaz de executar as funções reservadas para ele de forma mecânica e tecnicista”. Essa configuração é resultado de uma sociedade estruturada de forma dual: proprietários dos meios de produção de um lado, e trabalhadores, donos de sua força de trabalho a ser vendida como mercadoria de outro (idem, p. 277).

No que tange à educação profissional, houve uma continuação de políticas educacionais até então desenvolvidas, inclusive pela publicação da Lei nº 8.948/94, que dispôs sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando gradativamente as Escolas Técnicas e as Escolas

Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs).

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96, a terceira lei para a educação brasileira. A nova LDB trouxe um capítulo específico para a Educação Profissional: o “Capítulo III – Da Educação Profissional”, artigos 39 a 42. Assim resume Moraes (2018, p. 75): “De forma simples, mas pouco direta, definiram-se aí os princípios para a educação profissional no Brasil”. Para Frigotto e Ciavatta (2003, p. 110), a nova LDB é uma “espécie de ex-post cujo formato, método de construção e conteúdo se constituem em facilitador para medidas previamente decididas e que seriam, de qualquer forma, impostas”.

As Escolas Técnicas Federais foram renomeadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) pelo Decreto n. 2.406/1997. Para Frigotto (2007, p. 1139), “o Decreto n. 2.208/97 restabeleceu o dualismo entre educação geral e específica, humanista e técnica, destroçando, de forma autoritária, o pouco ensino médio integrado existente, mormente da rede CEFET”. Assim, ficou inviabilizado a oferta das bases materiais de desenvolvimento da educação politécnica ou tecnológica, prejudicando o oferecimento dos fundamentos científicos gerais dos processos de produção e da vida humana.

No governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) houve uma expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. De acordo com Ramos (2014, p. 68), a equipe da Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação no governo Lula dispôs-se a reconstruir a política pública para a educação profissional e tecnológica. Entretanto, houve uma fragmentação de políticas de educação básica e profissional (RAMOS, 2014, p. 74).

Em 2008, foi publicada a Lei nº 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFs. Além disso, no final do governo Lula e durante o governo Dilma (2011-2016) foram criados e aperfeiçoados o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA e o Programa Brasil Profissionalizado tem os sistemas estaduais como foco, visando a apoiá-los na

implantação da educação profissional integrada ao ensino médio (RAMOS, 2014, p. 78-79).

Após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), assume ao posto de Presidente da República o vice Michel Temer (2016-2018). Em seu governo, é realizada a Reforma do Ensino Médio, através da medida provisória n. 746/2016, que posteriormente foi ratificada na lei n. 13.415/2017. A principal alteração realizada foi a flexibilização do currículo, que permite ao aluno escolher quais disciplinas cursar. De acordo com Lima e Maciel (2018, p. 21), “a flexibilização do currículo resulta na corrosão do direito à educação básica e profissional cuja raiz se situa no atendimento às demandas da crise capitalista”

O governo de Jair Bolsonaro (2019-) não apresentou nenhuma proposta sobre educação. Como ele está alinhado a setores conservadores da sociedade, após a posse foi delineada algumas diretrizes para o ensino no Brasil. No tocante ao ensino profissional, o site do MEC informa sobre o programa “Novos Caminhos”. O objetivo desse programa é: “Potencializar a educação profissional e tecnológica com incremento de 80% nas matrículas — subindo de 1,9 milhão para 3,4 milhões — até 2023”. Para isso estão previstas uma série de ações divididas em três eixos: Gestão e Resultados, Articulação e Fortalecimento, e Inovação e Empreendedorismo.

Morais (2018, p. 77-78) afirma que a história da educação no Brasil é dual, tendo uma estrutura voltada ao ensino propedêutico direcionado para a classe dominante, e a educação profissionalizante foi relegada aos menos favorecidos, de modo que houve um aumento da divisão social por classes.

A educação é um direito constitucional, e deve ser ofertada a todos os brasileiros. Por isso, é importante conhecer a história e os principais acontecimentos, de modo a formar uma reflexão de como foi, para entender como se apresenta hoje, no intuito de transformá-la no futuro, buscando justiça e acesso universal.

O que pode ser observado da história da EPT é o descaso com os investimentos necessários e com a qualificação, e como a classe trabalhadora nunca foi o alvo das políticas educacionais, sendo oferecida a ela instrução para entrar no mundo do trabalho como mão de obra acrítica. A EPT caminhou no sentido do atendimento de demandas capitalistas, devendo pensada de forma contra hegemônica para que possa ser transformada em benefício de todos.

4 CONSTITUIÇÃO DA BIBLIOTECA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: FORMAÇÃO OMNILATERAL, PRÁXIS E POLITECNIA

Neste capítulo, apresenta-se uma visão marxista de educação, trabalho e tecnologia em consonância com os conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia na relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica. Além disso, discorre-se sobre como o conhecimento desses conceitos é importante para se pensar sobre pensamento crítico e emancipação. Todos esses assuntos são complementados com exemplos de serviços que ocorrem na biblioteca.

4.1 BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO

A educação tem como um de seus propósitos humanizar os sujeitos. O aprender e o ensinar devem estar em consonância com uma vertente de solidariedade, de cooperação entre as pessoas, tanto do ponto de vista material quanto do ponto de vista intelectual. Quando um indivíduo trabalha, aprende algo, e tem a possibilidade de disseminar esse aprendizado, para que outros possam ter contato com esse conhecimento. O trabalho, assim, vai se tornando um princípio educativo.

Encontramo-nos inseridos em um sistema político e econômico denominado capitalismo. Aqui, o trabalho encontra seu princípio educativo na propriedade privada, na alienação do trabalhador e na unilateralidade de sua existência. A educação da classe trabalhadora é influenciada por isso de forma acentuada, uma vez que é marcada pela dualidade de classes. Essa divisão entre burguesia e proletariado é uma construção histórica, e que impacta diretamente na materialidade do ensino. Aos proletários, a educação é fragmentada, frouxa, servindo para ensinar o básico de alfabetização, contribuindo para mantê-lo em sua classe social. Para a elite, tem-se uma educação livresca, intelectual, que prepara os seus com cultura, com letramento, com recursos que permitem que a elite continue a ser elite.

Uma escola que visa apenas reproduzir informações e construir conhecimentos para manter a divisão de classes deve ser transformada. Uma

das formas de refletir sobre essa transformação recai sobre o ensino profissional e tecnológico. A EPT objetiva ensinar o estudante de modo a provê-lo de conhecimentos para o mercado de trabalho. Entretanto, nas palavras de Saviani (2003, p. 138), “o ensino profissional é destinado àqueles que devem executar, ao passo que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo”. Nesse sentido, é perceptível, em nossa sociedade, a valorização que o ensino acadêmico recebe em detrimento do ensino profissional.

O estudante que busca instrução para entrar no mercado de trabalho através da educação profissional procura, muitas vezes, ter contato com informações e conhecimentos de cunho mais prático, de modo a conhecer os mecanismos e propósitos concernentes à determinada profissão. Isso não significa dizer que a teoria é desprezada, mas que o exercício, o fazer e o agir têm mais relevância, mas a abordagem teórica contida em livros, revistas, sites da internet entre outros, não serão deixadas de lado.

Por isso, quando se discute a educação da classe trabalhadora é preciso ter em mente a capacidade de acesso, apropriação e uso do conhecimento por parte dos proletários, para que eles não possam ser alienados da aprendizagem. Dessa maneira, “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação” (SAVIANI, 2012, p. 55).

A compreensão dessa libertação perpassa a ideia de trabalho, educação e produção material. O trabalhador precisa do conhecimento para trabalhar, e o estudante deve ter acesso a livros, periódicos e qualquer material informacional para compreender, de forma profunda e abrangente, sobre o campo do saber que lhe interessa. Nesse sentido, de acordo com Saviani (2003, p. 137), “os trabalhadores não podem ser expropriados de forma absoluta dos conhecimentos, porque, sem conhecimento, eles não podem produzir”.

O trabalho é categoria intrínseca do homem enquanto ser consciente, e a educação acontece quando o homem trabalha. Porquanto, o ato educativo é capaz de proporcionar compreensão do trabalho, da natureza e da mente humana voltadas para a produção laboral.

A educação profissional é o lócus mais visível da educação pelo trabalho, seja no sentido técnico e tecnológico, seja no sentido político, como movimento que oscila nas duas direções: quer como educação pelo trabalho na sua negatividade, enquanto submissão e expropriação do trabalho, como na sua positividade, enquanto espaço de conhecimento, de luta e de transformação das mesmas condições (CIAVATTA, 2016, p. 44).

Pensar a educação para a classe trabalhadora perpassa a ideia de disponibilização de materiais informacionais de modo a elevá-la acima da alienação em que o capital quer enquadrá-la. Para Marx e Engels (2011, p. 114), a classe dominante pensa a educação como meio de formar cada operário no maior número possível de atividades industriais, sem preocupação com qualidade, “de tal modo que, se é despedido de um trabalho pelo emprego de uma máquina nova, ou por uma mudança na divisão do trabalho, possa encontrar uma colocação o mais facilmente possível”. Nesse sentido, é necessário levar ao estudante que quer se profissionalizar uma educação que demonstre a união entre teoria e prática, onde o fazer seja tão importante quanto o ler. Tendo em mente uma formação ampla, abrangente, que contextualize e se aproveite da realidade do aluno, aproximando os vários aspectos da vida humana, é preciso aproximar arte e ciência:

Uma ideia em curso que parece deflagrar processos criativos nesse sentido é a articulação arte e ciência. Há que se dar ao aluno horizontes de captação do mundo além das rotinas escolares, dos limites do estabelecido e do normatizado, para que ele se aproprie da teoria e da prática que tornam o trabalho uma atividade criadora, fundamental ao ser humano. Assim se gera o conhecimento, a ciência e a cultura como parte do aperfeiçoamento que a atuação sobre a natureza produz e o trabalho se torna princípio educativo, evidenciando a relação entre ciência e produção e as implicações da divisão técnica e social do trabalho (CIAVATTA, 2005, p. 16).

Arte deve ser entendida, aqui, em seu sentido lato, como maneira de interpretar o mundo de forma menos mecânica, técnica, limitada, mas sim integradora, viva, dinâmica, de maneira que uma consciência crítica possa ser despertada, valorizada e posta à disposição da sociedade.

Para Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 70), um projeto de educação integral voltado para o proletariado deve ter no trabalho o seu principal elemento,

de modo que o aspecto educativo possa estar paralelo à dinâmica da realidade social, contando com a participação efetiva das pessoas, “como meio de alimentar de sentido a ação educativa mediada, dialogada, repensada, renovada e transformada continuamente, dialeticamente”.

A biblioteca, nesse sentido, torna-se um elemento de grande valia para o estudante do ensino profissional. O espaço de estudo aliado com a disponibilização do acervo concorre para que ele possa conhecer fatos, acontecimentos, processos e teorias concernentes tanto com sua atividade laboral quanto com sua formação como cidadão. Ler, interpretar, comparar e dialogar são ações importantes para a superação desse sistema político e econômico disruptivo, alienador e propenso a manter os ricos mais ricos e os pobres mais pobres.

A biblioteca é (ou deveria ser) parte importante da educação. A disponibilização de livros, periódicos, materiais visuais e sonoros em diversos suportes contribui para o desenvolvimento educacional de professores e alunos. Esses atores sociais são parte da sociedade do capital, estão sujeitos a suas determinações, mas têm o poder de contribuir com a mudança. De modo que “uma biblioteca estruturada e em funcionamento é condição básica de sustentação de um ensino de qualidade” (PERUCCHI, 1999, p. 82).

Por isso, analisar a relação entre bibliotecas e educação, especialmente a educação voltada para o trabalho, significa perceber que a unidade de informação é provida de recursos materiais e humanos para promover leitura e pesquisa, disseminar informações e atuar de forma contributiva às atividades escolares, universitárias e/ou profissionalizantes. O aluno que almeja estudar para conseguir uma profissão encontra na biblioteca um espaço do saber que pode colaborar para sua colocação no mercado de trabalho e para o seu desenvolvimento como cidadão. Corroborando com essa ideia, afirma Bufrem (1985, p. 114): “a biblioteca será uma instituição atuante e viva enquanto atender às necessidades da sociedade, procurando alcançar os valores que representam o ideal e fundamentam a ação social”. Assim, o bibliotecário pode se tornar um parceiro educacional.

O bibliotecário como profissional educador é discutido por Veiga, Pimenta e Blackman (2019): “o bibliotecário é um agente educacional, que contribui para o processo de aprendizagem e a criação de conhecimento, pois este gerencia

informações, nos seus mais variados suportes”. Considerar o papel educador que a biblioteca pode assumir na educação profissional é transformador, na medida em que o estudante que procura um curso técnico vai se preparar, com o apoio da biblioteca, em um profissional ingressante no mercado de trabalho que tem embasamento teórico para refletir criticamente, questionar, argumentar e propor novos caminhos.

O acesso a bibliotecas é um primeiro passo nessa direção. Sejam elas bibliotecas escolares, universitárias, públicas ou especializadas, faz-se necessário que o estudante possa usufruí-las. Por isso, a valorização dos espaços informacionais é fundamental para que os estudantes possam estudar de forma mais aprofundada e completa. Como o Brasil é um país em desenvolvimento, esse destaque foi bastante comprometido, e a biblioteca tornou-se um local destinado ao acesso de poucos. A realidade de país colonizado a nação de terceiro mundo impôs ao povo uma ideia de que a educação é menos importante que o trabalho. A escola, assim, serviu para perpetuar esse sentido de que a biblioteca é restrita a um grupo social. Disponibilizar bibliotecas é positivo não só para a comunidade escolar, mas para toda a população, já que desfaz essa ideia de divisão de classes e disponibilização informacional para poucos privilegiados. E essa valorização começa na escola.

[...] a biblioteca é um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem e formação do educando/educador. Portanto, a biblioteca não poderia ser alienada do processo educativo, sem que o professor, bibliotecário ou responsável e alunos, saiam prejudicados. Alijada do processo educativo, a biblioteca deixa de prestar um grande auxílio nas atividades escolares, no enriquecimento cultural e na formação de uma visão crítica (PERUCCHI, 1999, p. 95).

A escola e a biblioteca estão inseridas em um modelo de sociedade capitalista. Elas se reconhecem e reafirmam essa configuração, uma vez que é de interesse da classe dominante que as coisas sejam assim. Entretanto, elas têm uma capacidade de desenvolver e fomentar um pensamento crítico que vai de encontro aos ditames impostos pelo capital. A informação, o conhecimento e o saber são elementos de transformação pessoal e social, e deveriam ser

estimulados na escola, com o auxílio e o apoio da biblioteca. O estudante que lê, que analisa, questiona e dialoga, e se prepara melhor para ingressar no mercado de trabalho, participando e contribuindo criticamente, apontando incoerências cooperando com ideias para sua transformação.

Um primeiro caminho para os discentes e docentes da EPT (e para todos) se dá através da leitura. O estudante que lê vai se preparar de forma mais aprofundada sobre sua área de trabalho, consegue ser mais receptivo a novas ideias, sabe a quem recorrer quando precisa buscar informações que o auxiliem, constrói teorias que podem beneficiar sua comunidade e contribui para a superação de injustiças. Na visão de Soares (2000, p. 19), a leitura traz valores positivos: faz o indivíduo adquirir conhecimentos, serve de base para o enriquecimento cultural, amplia condições de convívio social, é uma forma de proporcionar lazer e de prazer. A biblioteca é o espaço proficiente onde ele pode encontrar materiais informacionais para conhecer sobre sua área de atuação e seu crescimento como cidadão. Nesse sentido, um dos requisitos básicos para o desenvolvimento da leitura na sociedade é a criação de espaços e instituições que atuem no sentido de estimular as pessoas “desenvolvendo formas de convívio atrativas e propiciadores de atitudes que traduzem os projetos pessoais no permanente diálogo homem-mundo” (BUFREM, 1985, p. 119)

O leitor pode ser capaz de perceber novos pontos de vista, ampliar sua leitura de mundo, se comunicar melhor, aprender melhor e mais profundamente, “transformar a realidade social na qual está inserido a partir de um sonho e um projeto de mudança tecido no diálogo entre o seu mundo e o mundo da coletividade” (LACERDA JUNIOR; HIGUCHI, 2017, p. 101). A leitura também proporciona o desenvolvimento e aprimoramento do pensamento crítico, de modo que o proletário possa confrontar um sistema de trabalho alienado, sem análise nem questionamento. A leitura pode proporcionar uma consciência reflexiva, que pense o trabalho para além dos ditames do capital, e permita levar a sociedade a uma equidade de condições sociais.

Paulo Freire foi um destacado educador brasileiro, que se dedicou à educação popular. Para ele, educar abrange tomar a realidade do aluno como fonte e como meio de aprendizagem, A leitura, segundo ele, tem o significado de “representar a afirmação do sujeito, de sua história como produtor de linguagem

e de sua singularização como intérprete do mundo que o cerca” (FREIRE, 2003, p. 8).

A perspectiva freireana de estudo e leitura encontra na curiosidade seu ponto de partida. A compreensão da realidade requer dos alunos uma postura de aceitação da descoberta, do novo, para que as pessoas possam ser mais curiosas, e a partir daí comecem a perceber o mundo em que se inserem com todas as suas contradições, e que essa dialética está também estabelecida na educação e no mundo do trabalho.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita (FREIRE, 2001, p. 261).

A compreensão de um texto ou de uma realidade também faz uso da pesquisa. Pesquisar é colocar alunos e professores diante de materiais informacionais que permitam sistematizar informações e construir conhecimentos. Para Demo (2015, p. 86), aprender pela pesquisa é despertar no aluno “desenvolvimento da autonomia intelectual, da consciência crítica”. Segundo o autor, a educação pela pesquisa “consagra o questionamento reconstrutivo, com qualidade formal e política” (idem, p. 12-13), onde o questionamento contribui com a formação do sujeito competente, e a reconstrução atua na competência do conhecimento inovador. Na perspectiva do ensino profissional e tecnológico, a biblioteca é um aliado para docentes e alunos que pretendem ingressar no mercado de trabalho com uma bagagem teórica reflexiva e questionadora, uma vez que a pesquisa é fonte para o conhecimento necessário para o exercício tanto da ocupação laboral quanto para o progresso da cidadania. Por isso, é necessário motivar o questionamento e a reconstrução do conhecimento, cada vez com maior originalidade e autonomia, apontar alternativas teóricas e práticas, discutir literatura; fomentar a autossuficiência, em detrimento da dependência; refutando receitas prontas, leitura rasas e respostas feitas (DEMO, 2015, p. 115).

4.1.1 Formação omnilateral

Uma maneira de se aproximar biblioteca e educação profissional e tecnológica pode se dar com o conceito de formação omnilateral. Frigotto (2012, p. 265) afirma que “Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. Marx utilizou o termo omnilateral pela primeira vez nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, para contextualizar como o humano se torna humano:

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto, como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana (MARX, 2004, p. 108).

Esse conceito traz a ideia de que a sociedade capitalista é unilateral, ou seja, ela aliena e priva o sujeito de uma formação completa, tanto para o trabalho quanto para a educação. De acordo com Ferreira Jr. e Bittar (2008, p. 641), a unilateralidade é uma característica do capital, que divide a sociedade em classes, expropria o trabalhador de sua produção, através da reificação, especializando-o a fazer apenas o necessário para a manutenção do capital. A unilateralidade se entranha nas relações educacionais e de trabalho, através de pedagogias burguesas e de processos laborais que não exigem criticidade.

Se o trabalho é uma forma humana de consciência de produção e ação na natureza, a unilateralidade retira dele essa percepção. Com isso, a educação se compromete, e os sujeitos são formados apenas para dar continuidade aos que foi imposto pela classe dominante. Nesse sentido,

Considerando que, enquanto cada animal é, por sua natureza, logo e sempre, unilateralmente si mesmo (a pulga é logo e sempre pulga, o pássaro, pássaro, e o cachorro, cachorro, seja qual for o destino que a sua breve vida lhe reserva), somente o homem quebrou os vínculos da unilateralidade natural e inventou sua possibilidade de tornar-se outro e melhor, e até onilateral; considerando, outrossim, que esta possibilidade, dada

apenas pela vida em sociedade, foi até agora negada pela própria sociedade à maioria, ou melhor, negada a todos em menor ou maior grau, o imperativo categórico da educação do homem pode ser assim enunciado: Apesar de o homem lhe parecer, por natureza e de fato, unilateral, eduque-o com todo empenho em qualquer parte do mundo pra que se torne onilateral (MANACORDA, 1996, p. 361).

A formação onilateral traz a possibilidade de romper com essa situação para se desenvolver de forma plena, abrangente e inclusiva, tanto como estudante quanto como trabalhador. Para Marx, a onilateralidade destaca o trabalho enquanto princípio educativo, uma vez que propõe a união de ensino e trabalho. Dessa união, deve haver capacidade de discernimento do homem como ser histórico, inserido em um ambiente e produtor de sua existência. A educação deve contribuir para que o trabalho não seja alienado, mas sim para que o sujeito possa produzir e aprender, superando essa alienação.

Nas “Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório” (1882) da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizada em agosto de 1866, Marx discute sobre a limitação da jornada de trabalho e a situação deplorável do trabalho infantil nas fábricas. Nessa obra, ele propõe que a educação para a classe trabalhadora deve englobar três aspectos:

Primeiramente: Educação mental.

Segundo: Educação física, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar.

Terceiro: Instrução tecnológica, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios (MARX, 1982).

O cerne da formação onilateral está nessas três recomendações. Além dos conceitos de práxis e politecnicidade, a onilateralidade do ser humano está na possibilidade de desenvolvimento pleno, englobando seus aspectos intelectuais, físicos e tecnológicos.

A biblioteca se relaciona com a formação onilateral ao proporcionar aos usuários livros e obras para que ele tome conhecimento dos saberes construídos antes deles, dos mais variados lugares, contextos, resultados entre outros. A

biblioteca é o espaço onde a história feita pelo homem é sistematizada materialmente para que os precedentes possam estudar os antecedentes.

A educação intelectual passa pela biblioteca, através da leitura e da pesquisa. Por mais que a educação física não seja um elemento imediatamente ligado a uma unidade de informação, livros sobre atividades e exercícios para o corpo podem ser encontrados no acervo. E a instrução tecnológica encontra a biblioteca através de manuais, livros comentados por especialistas, artigos científicos etc. A pesquisa assume, nessa relação entre EPT e biblioteca, um caráter interdisciplinar, em que o usuário vai conhecendo o mundo do trabalho a partir das perspectivas da leitura e da pesquisa.

Professores e estudantes do ensino profissionalizante podem e devem utilizar a biblioteca para desenvolver sua formação omnilateral. Lá eles vão encontrar material para não ser inserido no mercado de trabalho de forma falha, reificada, unilateral. Lendo e pesquisando, eles vão ter a chance de compreender a dialética que permeia sua realidade e a chance de transformar seu ambiente, para que as dinâmicas do capital possam ser modificadas.

Uma outra forma de aproximar a biblioteca da formação omnilateral é através da Ação Cultural. Segundo Teixeira Coelho “define-se a ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura.” (COELHO, 1999, p. 33). Segundo o autor, a Ação Cultural abrange três esferas: a imaginação, a ação e a reflexão. A imaginação possibilita refletir sobre si mesma e permitir que o indivíduo não apenas cumpra deveres, mas possa ser receptivo a novas ideias, e criá-las ele mesmo. A ação é colocar na prática as possibilidades imaginativas que criou ao se abrir a novas ideias. A reflexão vem da consciência da imaginação e da ação do sujeito, onde ele integra passado e presente para pensar em um futuro possível e pleno de cultura.

Nesse sentido, ao aproximar biblioteca e Ação Cultural, é possível pensar em debates, rodas de conversa, treinamentos, atividades que utilizem o acervo da unidade de informação e a capacidade técnica e artística de bibliotecários para estimular a imaginação, proceder à ação e aprimorar a reflexão. A leitura e a pesquisa são apenas dois exemplos de como a Ação Cultural está próxima da biblioteca.

Os estudantes da EPT, assim como os bibliotecários, têm na Ação Cultural um meio para aproximarem-se da leitura, da pesquisa e da reflexão. Ao deixar de lado a biblioteca como um lugar de silêncio e contemplação, a ação cultural traz um dinamismo para as atividades bibliotecárias, muda a percepção do usuário, e começa a realizar a formação omnilateral, uma vez que com leitura, pesquisa, debates e conversas, os indivíduos inseridos no ensino profissionalizante percebem que teoria e prática não estão apenas no trabalho, mas em todos os aspectos da vida. Sua educação se amplia ao sair dessa dicotomia, e a biblioteca começa a ser vista como uma aliada na formação integral do sujeito.

Esses três exemplos de como a biblioteca pode contribuir com a educação do proletariado traz a ideia de rompimento de pressupostos capitalistas, quando pensados no *lócus* da formação omnilateral. A divisão entre ensino intelectual para a classe dominante e ensino técnico alienador para a classe operária é uma maneira de manter a divisão entre classes e operar a manipulação do capital, fazendo com que a perpetuação desse processo sempre beneficie um pequeno grupo em detrimento da maioria das pessoas.

Buscar uma formação omnilateral, contando com a biblioteca para ter acesso a informações, é uma maneira de quebrar a ordem vigente. Se a divisão de classes é um impedimento, é preciso estudar como pensadores abordaram a questão. Se o meio de produção capitalista beneficia alguns e prejudica muitos, é preciso pesquisar sobre métodos e maneiras de dar um fim a esse movimento. Utilizar o espaço da biblioteca para discutir ideias, ampliar o conhecimento, incentivar a imaginação, chamar à ação e promover uma profunda reflexão dos mecanismos inerentes ao capital é um primeiro passo para a transformação social.

Essa transformação pode ser auxiliada pela biblioteca e pelo bibliotecário, uma vez que o acesso e a possibilidade de leitura e pesquisa é um meio relevante de buscar a mudança. Nesse sentido, a valorização e investimento em bibliotecas é necessário, para que os trabalhadores, tanto quanto alunos e professores, tenham a oportunidade de estudar e conhecer de forma contínua, construindo relações entre conhecimentos e discutindo como as alterações necessárias na educação repercutam no mundo do trabalho, na cultura, na política, na economia, e em todos os campos do saber.

4.2 BIBLIOTECA E TRABALHO

Dentro da perspectiva marxista, o trabalho é o elemento mais importante para a análise da sociedade. “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas.” (MARX, 2013, p. 253).

O ser humano vive na natureza, e a transforma para retirar os bens necessários para sua sobrevivência através do trabalho. Assim, o homem vai construindo sua consciência. Como preconiza Marx (2013, p. 211):

[...] antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-se, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.

O homem é o mediador entre a natureza e o trabalho. A essência humana está na natureza, segundo Marx, e ela só existe pois o homem é um ser social. Portanto, “a sociedade é, pois, a plena unidade essencial do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo acabado do homem e o humanismo acabado da natureza”. (MARX, 2004, p. 15). Com a diversificação das formas de trabalho através da evolução histórica e social, mais atividades foram surgindo e moldando a sociedade. Nesse processo, o trabalho desencadeia uma série de mudanças sobre o próprio homem. Esse processo de mudança faz despertar capacidades, habilidades e discernimento. Assim, o trabalho permite que o ser humano se humanize, se perceba enquanto ser consciente, dotado de meios intelectuais para lidar tanto com a natureza quanto com seus semelhantes. A história humana vai se materializando nesse contexto, e por essa razão Marx definiu a base do desenvolvimento histórico dos homens.

Com o trabalho, a história da humanidade se tornou a história da luta de classes. E há divisão de classes porque existe propriedade privada, elemento que é estranho ao homem e à natureza e, por consequência, à consciência e à

vida. Dessa maneira, Marx demonstrou, em seus escritos, que o trabalhador é alienado de sua produção devido à propriedade privada. Isso acontece porque as formas sociais históricas e o contexto de produção técnico, prático e material configura as forças produtivas no capitalismo, de modo que “todo o sistema de produção capitalista repousa no fato de que o trabalhador vende e sua força de trabalho como mercadoria” (MARX, 2013, p. 48). Assim, alienado de sua força produtiva, o trabalhador é reduzido a um simples elemento do processo de produção, e vai sendo desumanizado, implicando a negação de sua existência natural. Em outras palavras, o trabalhador e, conseqüentemente, sua produção e consciência são determinados totalmente pelo capitalismo.

A economia capitalista representa a totalidade das relações de produção entre as pessoas, ou seja, a união do processo técnico material com suas formas sociais. Não podemos entender o modo de produção capitalista descolado das relações de produção entre as pessoas. A vida social, política e intelectual é condicionada pelo modo de produção da vida material, da mesma forma, a consciência do homem é determinada pelo seu ser social, pela forma de organização social na qual o indivíduo vive. Todo o mundo no qual o homem vive é um produto histórico, mediado pelo trabalho. Mas, o trabalho, de acordo com a perspectiva marxista, está subordinado, no sistema capitalista, ao propósito de reproduzir e expandir o domínio material e político da classe capitalista, enquanto a maioria da população está separada dos meios de produção e de subsistência e, por conseguinte, é compelida a ingressar no trabalho assalariado a fim de sobreviver (CÓLMAN, POLA, 2009, p. 5).

Nesse sentido, é preciso pensar de forma contra hegemônica, para que os indivíduos sejam livres, podendo ser os detentores de sua força de trabalho e conscientes do papel do trabalho na humanização. Só assim o trabalho atrelado à educação vai poder ser crítico, reflexivo e elemento de transformação social. Para Saviani (2007, p. 153-154), “a produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem”. O trabalho é fundamental para o domínio da natureza e para que o homem possa sobreviver. Além disso, é categoria fundante do estudo, pois quem trabalha passa adiante as informações e conhecimentos que adquiriu, de modo a evoluir as formas do processo laboral, distanciando-as do modo de produção capitalista e levando-as a um novo patamar.

De acordo com Saviani (2007, p. 152), “trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa”. É no trabalho que o ser humano se descobre humano. Para Mézaros (2006, p. 275), a educação tem duas funções principais em uma sociedade capitalista: a produção de qualificações necessárias ao funcionamento da economia, e a formação de quadros e a elaboração de métodos que implicam em um controle político. E refletir sobre a mudança do trabalho e da educação para o trabalho implica em conhecer os elementos do capital, para depois invertê-los. Nesse sentido, o ensino profissionalizante deve formar trabalhadores que possam desenvolver seu pensamento crítico, indo na direção contrária da agenda neoliberal.

Portanto, é necessário que o proletariado busque na educação profissional uma forma de alterar as condições de trabalho. O capital visa manter o seu meio de produção através da alienação, tanto da força de trabalho quanto do conhecimento. Compreender as condições de manutenção do capitalismo e, também, os escritos que debatem sobre sua superação está no cerne de uma ação transformadora. “Pensar o trabalho como instrumento de ação transformadora exige do indivíduo postura de permanente estado de alerta para exercitar sua consciência crítica no que se refere à atividade que exerce” (TARGINO, 1997, p. 28).

O bibliotecário também faz parte da classe trabalhadora. Seu trabalho é com a organização e disseminação da informação. A dimensão de se perceber como classe trabalhadora é um início de processo de descoberta e ampliação de ponto de vista para o bibliotecário. Ele está inserido em um modelo de trabalho capitalista, utiliza-se de modelos impostos por uma classe e dissemina esses modelos para seus usuários e para si mesmo. Nesse sentido, ele é parte da engrenagem capitalista.

O trabalho do bibliotecário, organizando acervos, auxiliando em pesquisas, treinando o usuário para fazer buscas no acervo da biblioteca e pesquisas na internet, propondo leituras, rodas de leitura e rodas de conversa, trabalhando com tecnologias, entre outras atribuições, dá a ele uma oportunidade de compreender a informação como mercadoria, mas também como elemento de mudança de paradigma. E essa mudança começa com a percepção dos bibliotecários como classe trabalhadora. Nesse sentido, discorre

Almeida Junior (1997, p. 109), afirmando que falta aos bibliotecários a noção de consciência de classe, e para alcançá-la é necessário assumir a condição de trabalhadores assalariados, pois sem aceitar essa evidência não será possível evoluir enquanto classe trabalhadora.

Para a formação dessa consciência, é preciso ter em mente que o bibliotecário estuda, trabalha e atua de modo a organizar e disseminar informações. Essa atividade é um produto material, histórico e útil na sociedade. Mas, ao se encontrar atrelado a perspectivas capitalistas de produção, faz-se necessário desenvolver uma atitude humanista, de cunho democrático, de modo que seu trabalho contribua para a socialização da informação. E tendo em vista essa concepção,

isto exige do profissional de informação busca incessante para resgatar o caráter social da informação, pois sua interligação com a sociedade é definitiva e irreversível, com base no princípio elementar de que a sociedade é definitiva no processo de geração e utilização da informação [...]. Em tal perspectiva, a informação é direito de todos -interessa a todos e serve para todos. É um bem comum que pode e deve atuar como fator de integração, democratização, cidadania, liberdade, dignidade pessoal e transformação dos valores instituídos, quando estes já não correspondem aos anseios da população (TARGINO, 1997, p. 29).

O bibliotecário deve atuar para disseminar informação e propiciar a construção de conhecimentos. Seu trabalho é o de ofertar à comunidade acesso ao acervo e ao espaço da unidade de informação, para que o estudo seja mais profundo e abrangente, que a formação omnilateral possa ser realizada. A prática profissional do bibliotecário é (ou deveria ser) pautada com vistas a democratizar a informação. Para Almeida Júnior (1997, p. 100),

A prática do profissional bibliotecário parte da ideia de que todos são absolutamente iguais, de que a todos são oferecidas as mesmas oportunidades, de que todos os usuários são moldados na mesma forma. Sabemos, até mesmo ou principalmente pela experiência, de que isso é uma inverdade. As pessoas não são tão iguais como imaginamos. As oportunidades, seja no campo da educação, seja no campo econômico, seja no campo da saúde, seja no campo da cultura, são, certamente, distintas de pessoa para pessoa. Os usuários não são iguais. Os alunos de IQ e 2Q graus são distintos dos idosos que, por sua vez, diferenciam-se da dona de casa, do universitário, do profissional.

Cada um deles procura a biblioteca visando satisfazer necessidades próprias e diferentes.

O usuário da biblioteca tem a possibilidade de se deparar com materiais informacionais que o auxiliem a pensar o mundo do trabalho e sua inserção através da educação. Por isso, a prática bibliotecária deve ter também a percepção de que seu trabalho inserido na sociedade capitalista pode ser transformado com o auxílio da biblioteca.

Pensar o estudo para o trabalho e o mercado dentro de uma relação com o bibliotecário é entender que a informação também é mercadoria, e o profissional da informação, independentemente da biblioteca onde exerce seu ofício, vende sua força de trabalho para o dono do meio de produção em troca de um salário. Relembrando a concepção marxista, Frigotto (2001, p. 74) afirma que o trabalho, para Marx, possui duas dimensões distintas e articuladas: trabalho como mundo da necessidade e trabalho como mundo da liberdade. O primeiro está subordinado à resposta das necessidades imperativas do ser humano enquanto um ser histórico-natural. É a partir da resposta a essas necessidades que o ser humano pode trabalhar de forma mais humanizada, criativa e livre.

A criatividade e a liberdade permitem ao trabalhador a reflexão necessária sobre seu lugar na sociedade. Em se tratando de bibliotecas, a leitura e a pesquisa são elementos que promovem o despertar crítico para a ação no trabalho, alinhando teoria e prática. Nessa perspectiva, ao discorrer sobre a perspectiva da docência, mas com total correspondência com a área da Biblioteconomia, Kuenzer (2011, p. 677) esclarece:

[...] é por meio do trabalho que o professor, como os demais trabalhadores, ao mesmo tempo em que é submetido pelo capital ao processo de produção de valor – para a própria valorização desse mesmo capital, e não em benefício dos trabalhadores –, pode contribuir para a transformação desta mesma realidade, formando consciências capazes de compreender criticamente as relações capitalistas com vistas a sua superação. A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. [...] Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que se materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como

conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

A práxis é um conceito que se adequa à relação entre biblioteca e trabalho, na dimensão do ensino profissionalizante. Conhecer o seu conceito e discutir sobre as possibilidades que podem ser inferidas é de grande valia para bibliotecários, alunos, professores e sociedade em geral.

4.2.1 Práxis

Práxis é uma palavra cuja origem é o termo em grego *práxis*, que significa conduta ou ação. Ela pode ser denominada como uma relação dialética entre teoria e prática.

A práxis é considerada um elemento de grande importância para se construir conhecimento válido. A teoria vista na escola, em livros, em periódicos e outros materiais informacionais são experimentadas no mundo real através da práxis. Isso significa dizer que a teoria é posta em prática, mas de um modo que a ação reflexiva dos seus resultados seja percebida e analisada

Em um contexto marxista, a práxis permite ao sujeito conhecer a natureza, o trabalho e sua relação com o real, sempre com a intenção de estudar e assimilar nexos entre os fatos do mundo. É importante, então, que o indivíduo pense a práxis no sentido social, percebendo que tudo tem história, materialidade e contradição. Dessa forma, ao tentar deslindar uma situação, o ser humano vai buscar na teoria alguma ligação para explicar determinada condição, e a prática do seu agir vem acompanhada dessa conexão feita pela práxis. Infere-se que a práxis é formada na medida em que elementos históricos e sociais e culturais são interrelacionados. É possível afirmar que o ser humano vai se tornando humanizado em consequência da práxis, tendo o trabalho e a educação como bases.

A noção de práxis em Marx é uma construção teórica que se divide em três abordagens: a práxis filosófica, a práxis produtiva e a práxis política (revolucionária). Elas se complementam e ajudam a explicar uma à outra, de forma ao mesmo tempo dinâmica e dialética.

A práxis filosófica se define por abordar um núcleo teórico e, ao mesmo tempo, prático. Em outras palavras, ela se dá de forma dialética extraindo conteúdo de uma prática prévia ou determinando o conteúdo de uma prática posterior. Deve ser algo como “uma teoria que veja seu próprio âmbito como um limite que deve ser transcendido mediante sua vinculação consciente com a prática” (VÁZQUEZ, 2011, p.111). Essa práxis filosófica surge a partir do momento que o proletariado aponta as contradições das condições de trabalho, posto que é essa classe que é sujeitada aos meandros do capitalismo, e cabe a essa classe apontar a injustiça de sua situação, uma vez que “o homem não é um ser abstrato, ancorado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade.” (MARX, 2010, p. 14). Na obra “A Ideologia Alemã”, Marx discorre sobre o papel da classe operária na sua emancipação:

Assim como a filosofia encontra suas armas materiais no proletariado, o proletariado encontra na filosofia suas armas espirituais, e tão logo o relâmpago do pensamento tenha penetrado profundamente nesse ingênuo solo do povo, a emancipação dos alemães em homens se completará (MARX; ENGELS, 2007, p. 156).

Já a respeito da práxis produtiva, o conceito se dirige à intervenção na natureza pela ação humana na produção de bens que são capazes de permitir a sobrevivência e continuidade da sociedade. E isso vai ao encontro da própria caracterização do processo de trabalho concebida por Marx em seus escritos: “Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito, em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios” (2013, p. 256).

A práxis produtiva deve ser atribuída aos trabalhadores em uma perspectiva social. Enquanto classe que se submete ao capitalismo, a práxis produtiva é alienadora; já com a mudança do meio de produção, onde a coletividade produz e consome de acordo com a própria coletividade, a práxis produtiva assume uma face revolucionária, livre de amarras e alienação. É possível observar que a práxis produtiva encontra seu modo de transformação da sociedade através da percepção materialista, história e dialética do trabalho.

A práxis política se define como a ação humana sobre o próprio homem. Ao pensar a história humana em seus aspectos materiais e dialéticos, Marx e

Engels afirmam que “a história de toda sociedade até hoje é a história da luta de classes” (MARX; ENGELS, 2011, p. 39). Ao perceber que sempre houve uma divisão de classes, o proletariado pode começar a se organizar para transformar essa situação de injustiça. A práxis política busca então a revolução contra essa divisão de classes, pois seus interesses diretos são opostos aos interesses do capital. Por isso, “os proletários não podem se apoderar das forças produtivas sociais a não ser suprimindo o modo de apropriação existente até hoje” (MARX; ENGELS, 2011, p. 53). Assim, a finalidade da práxis política

para Marx, não pode ser outra senão a libertação das massas através da luta final entre as classes na sociedade, pois é imprescindível que haja esta dissolução das classes para que o homem possa, sem embargos, iniciar sua história enquanto ser pleno, livre e completo em termos sociais (SILVA, 2017, p. 88).

A práxis, na visão marxista, integra e permeia a tomada de consciência do trabalhador da exploração a que é submetido, dando sua configuração teórica; o trabalho como forma de alienação de sua produção – intelectual e física – que é a configuração prática; e a ação para derrubar essa situação de desigualdade e para a superação da divisão social em classes, que é a configuração revolucionária. A categoria trabalho é a base que sustenta a análise de Marx para abrir os olhos do proletariado na busca para subjugar e suplantar o modo de produção capitalista.

O trabalho do bibliotecário, na relação entre biblioteca e EPT, tem que levar em conta essas três concepções de práxis, mesmo que “daí não ser a prática da Biblioteconomia a própria práxis, mas apenas uma expressão desta” (TARGINO, 1997, p. 32). Nesse sentido, a biblioteca auxilia na busca pela práxis, que é realizada pelo estudante do ensino profissional e trabalhador, enquanto classe operária que se tem consciência da divisão de classes a que está submetido.

Assim, a biblioteca é um espaço que pode contribuir sobremaneira para a práxis do estudante/trabalhador. Ao ofertar materiais informacionais, ela contribui com a formação omnilateral, e pode ser a faísca que desperte a práxis filosófica. A partir disso, o aluno/proletário vai poder caminhar para a práxis produtiva, para, quem sabe, contribuir com a práxis política. Entretanto, isso

requer uma mudança de paradigma, uma vez que estão todos inseridos em um contexto capitalista de meios de produção.

De acordo com Cysne (1993), as bibliotecas podem começar a atuar de forma mais progressista, tendo como norte alguns pontos:

- a Biblioteconomia precisa fortalecer seus paradigmas teóricos, revendo a relação teoria X prática;

- profissionais bibliotecários necessitam investir mais na transformação social via popularização do saber;

- o tecnicismo predominante deve dar lugar à humanização da sua prática.

A *Progressive Librarianship* (Biblioteconomia Progressista) é uma ação voltada para o caráter crítico, social e alternativo dos profissionais da informação, formada por um espaço de novas reflexões e investigações para os bibliotecários. Civarello (2013, p. 157, tradução nossa) entende que “a Biblioteconomia progressista pode definir-se como uma corrente de pensamento e ação que reivindica uma biblioteconomia crítica e comprometida socialmente, tanto na teoria como na prática”. E complementa o autor:

Esse tipo de pensamento é essencial para então esses profissionais serem capazes de construir sua opinião e seu raciocínio por si mesmos, de forma autônoma (e que ensinar os usuários a fazê-lo); para que hesita, explorar e perguntar; ir além da superfície, aparições e discursos oficiais, as notícias da mídia de massa e declarações irrelevantes, ordens e imposições (CIVARELLO, 2013, p. 158, tradução nossa).

Essa vertente progressista enxerga a biblioteca como agente de cidadania, pois está implicada com o desenvolvimento social. E isso encontra eco na práxis marxista, de modo que desenvolve o pensamento crítico necessário para que se possa enxergar a informação como elemento revolucionário. Na visão de Targino (1997, p. 28), o bibliotecário deve procurar pensar na práxis através de cinco pontos: função social da profissão; objeto de trabalho - a informação: a quem interessa e a quem serve?; caráter técnico-humanista da profissão; perfil do bibliotecário atual e mercado de trabalho.

É possível afirmar que estão aí elencados os preceitos chave de como o bibliotecário pode contribuir para a sua práxis, a dos estudantes e professores do ensino profissionalizante e para a comunidade em geral. Quando a biblioteca se volta para uma prática de cunho progressista, a informação é disseminada de forma mais democrática, e o trabalho do bibliotecário se torna menos tecnicista e mais humano, mais crítico e voltado para a transformação social.

A *International Federation of Library Associations* - IFLA, ao tratar das bibliotecas públicas, lançou em 1994 um manifesto sobre bibliotecas. Um dos tópicos deste documento é sobre quatro funções que os bibliotecários podem exercer: função educacional, abrangendo os alfabetizados, os semialfabetizados e os não-alfabetizados; a função cultural, oferecendo aos usuários materiais informacionais sobre música, pintura, cinema, ballet etc; a função recreacional, sendo a biblioteca um espaço de lazer; e a função informacional, cujo objetivo é “fornecer a informação de forma cada vez mais confiável, rápida e, principalmente, com qualidade” (ARRUDA, 2000, p. 13).

A práxis bibliotecária pode ser relacionada a alguns serviços. Um deles é bastante pertinente para se pensar a relação entre biblioteca e EPT: estudo de usuários. Na visão de Figueiredo (1994, p. 7), estudo de usuários é a investigação para saber o que os sujeitos precisam em matéria de informação, no que tange à necessidade de informação demandada por usuários de uma biblioteca. No âmbito da educação profissional, os bibliotecários devem estar atentos para conhecer o que os estudantes e professores da EPT precisam saber sobre o mundo do trabalho, sobre as disciplinas, sobre atualidades relevantes que possam impactar nos cursos técnicos e tecnológicos. O estudo de usuários é uma aproximação entre os frequentadores da biblioteca e os bibliotecários, um diálogo entre dois atores sociais que necessitam de informação.

Paralelo ao estudo de usuários, e tendo em mente as quatro funções elencadas pela IFLA, e nesse contexto, os estudantes e professor da EPT, um outro serviço que contribui com a práxis bibliotecária é o desenvolvimento de coleções. Para Maciel e Mendonça (2000, p. 16), o desenvolvimento de coleções é “uma atividade de planejamento, onde o reconhecimento da comunidade a ser servida e suas características culturais e informacionais oferecerão a base necessária e coerente para o estabelecimento de políticas de seleção”. Desse

modo, a biblioteca, seja qual o seu tipo, pode se organizar para ofertar aos usuários obras e materiais informacionais que sirvam de base para as disciplinas e possam também abarcar outros temas que despertem o senso crítico e a análise reflexiva, apresentando manuais práticos e livros de teoria, buscando oferecer uma formação abrangente.

O acervo de uma unidade de informação deve levar em conta as especificidades do público a que se destina. Em se tratando de levar conhecimento sobre o mundo do trabalho, e objetivando mostrar ao estudante que almeja a entrada no mundo do trabalho de forma crítica, as bibliotecas podem e devem realizar suas atividades tendo a práxis como base de sua atuação. O paradigma do sistema capitalista é o modo de produção que favorece uma classe e afeta negativamente outra. Pensar em uma descontinuidade dessa configuração é uma das tarefas de uma biblioteca comprometida com o trabalhador, e da EPT que almeja capacitar docentes e discentes.

A práxis é uma teoria que auxilia na mudança do meio de produção e na capacitação necessária para a sociedade. E o bibliotecário, através do exercício das quatro funções inerentes ao seu trabalho, contribui com esse cenário. A práxis filosófica apoia o conhecimento teórico e a reflexão; a práxis produtiva ampara o agir da classe operária; finalmente, a práxis política visa unir teoria e ação no sentido da transformação social. Esse quadro pode se tornar uma possibilidade quando o proletariado tiver acesso a informações confiáveis para a construção de conhecimentos válidos, que visem modificar o meio de produção dominante. Conhecer para converter um sistema político-econômico injusto é imperativo para os trabalhadores e àqueles que almejam entrar no mundo do trabalho.

Portanto, conhecer a história, os escritos e conclusões daqueles que já se debruçaram sobre o tema do trabalho, além de relacionar a teoria com a prática, é pertinente para viabilizar a mudança social necessária na supressão do capitalismo. Ao proporcionar que a classe trabalhadora tenha acesso a obras que contribuem com o aprimoramento de sua capacidade de análise, a biblioteca pode fazer sua parte e auxiliar com que os proletários se levantem acima da burguesia, apoiando-os com materiais informacionais para propiciar a mudança.

4.3 BIBLIOTECA E TECNOLOGIA

A tecnologia está presente diversos aspectos da sociedade, tais como economia, cultura, alimentação, lazer, trabalho, saúde, escola, entre outros. Fica até difícil pensar em uma área não abrangida pela tecnologia. E o senso comum reveste esse “conceito” de tecnologia como algo moderno, avançado, eletrônico, como se fosse algo quase inatingível, abstrato.

A etimologia da palavra “tecnologia” vem do grego: “*téchne*”, definido como arte ou ofício, e “*logia*”, cujo significado é o estudo de algo. “Este conceito de *téchne* – já foi traduzido como arte, ciência e procedimento, simultaneamente – constitui a base a partir da qual se desenvolveram a técnica e a tecnologia” (KLINGE, 2003, p. 2).

É preciso, então, conhecer o conceito de técnica e de tecnologia. De acordo com o Dicionário Houaiss (2001, p. 1821), tecnologia é:

1. Teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (p.ex indústria, ciência etc.
2. p.met. técnica ou conjunto de técnicas de um domínio particular [a t. nutricional]
3. p. ext. qualquer técnica moderna e complexa.

E o conceito de técnica é:

1. conjunto de procedimentos ligados a uma arte ou ciência [a t. de escrever] 1.1p. met. a parte material dessa arte ou ciência
2. maneira de tratar detalhes técnicos (como faz um escritor) ou de usar movimentos do corpo (como faz um dançarino)
- 2.1. destreza, habilidade especial para tratar esses detalhes ou usar esses movimentos
3. p. ext. jeito, perícia em qualquer ação ou movimento [descascar laranja sem se ferir requer t.] (HOUAISS, 2001, p. 1821).

Técnica e tecnologia têm muito a ver com aspectos científicos ou artísticos (como a técnica de pintura, a técnica de atuação, a tecnologia para criar efeitos especiais em filmes etc.). Entretanto, em muitas situações a tecnologia é vista apenas como automação, onde as máquinas substituem os seres humanos. Esse modo de pensar vai criando na imaginação coletiva um paradigma,

associando evolução histórica exclusivamente através do desenvolvimento tecnológico. Dessa maneira, as pessoas vão sendo atraídas pelos avanços tecnológicos e sendo convencidas de que só há benefícios para a coletividade. Assim, é importante lembrar que a distribuição das inovações tecnológicas é desigual, de modo que é preciso refletir, imaginar e analisar o impacto e as consequências da tecnologia para a sociedade.

Uma das chaves para essa análise perpassa a noção de que o poder, no modo de produção capitalista, passa pelo “poder tecnológico”, uma vez que a tecnologia pode conceder às pessoas uma enorme capacidade de manipulação. Por isso, é necessária uma contínua e séria reflexão sobre o fenômeno tecnológico, algo que não verse somente sobre aquilo que a tecnologia pode fazer, abrangendo também como distribuir melhor seus benefícios ao maior número de pessoas. É preciso, então, ter cautela para que a análise do incremento tecnológico possa ser realizada.

Esse poder conferido à tecnologia hoje não pode ser analisado de forma parcial ou isolada. Há que se levar em conta o conjunto das técnicas como produtora de ciência e arte, mas que não substitui nem “torna obsoletos” os seres humanos. Na análise, a tecnologia deve levar o ser humano à emancipação de sua consciência, e não à sua sujeição. O que se vê, muitas vezes, é essa subordinação ao aparato tecnológico como forma de dominação de uma classe social pela outra, onde a desigualdade afasta as pessoas. De acordo com essa visão, “ao manipular a máquina, o homem aprende que a obediência às instruções é o único meio de se obter resultados desejados. Ser bem-sucedido é o mesmo que adaptar-se ao aparato. Não há lugar para a autonomia” (MARCUSE, 1999, p. 80).

A compreensão dos temas concernentes à tecnologia tem sido marcada pelas divergências sobre seus efeitos positivos e/ou negativos para a sociedade moderna. Não há um consenso sobre estudos entre tecnologia e sociedade. As reflexões, de um modo geral, são pautadas de modo bastante dual, observando dois pontos de vista extremos: pontos positivos e pontos negativos. Assim, “alguns observam o futuro com otimismo e vislumbram mais benefícios do que problemas. Outros têm uma visualização crítica com variados graus de reservas, inclusive alguns com acentuado pessimismo, e até rejeição” (KLINGE, 2003, p. 5).

Apesar disso, é notório que a tecnologia tem uma penetração cada vez maior na sociedade moderna. Há inúmeros benefícios sociais, econômicos e culturais advindos do desenvolvimento tecnológico. Entretanto, é temerário e ingênuo defender tal desenvolvimento como algo que tem levado à melhoria contínua para o povo, uma vez que cada comunidade é impactada pela tecnologia de uma forma diferente. Assim, “parece fundamental para nós, hoje, mecânicos ou físicos, pedagogos ou pedreiros, marceneiros ou biólogos é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia” (FREIRE, 1992, p. 133).

O que cabe ao estudante, ao trabalhador, ao profissional da informação e toda a sociedade compreenderem é que a tecnologia, como qualquer aspecto da vida, se subordina também aos ditames do capital, e deve ser analisada em uma perspectiva de mudança e de transformação social. A tecnologia não é neutra, e entender isso (práxis filosófica) é um passo importante para o proletariado impactado com as inovações da técnica.

Para início da análise, é interessante verificar como o conceito de tecnologia está posto para a sociedade, e como isso impacta a percepção das pessoas, além de constatar como as pessoas vão moldando o conceito e atribuindo significados.

Nesse sentido, Pinto (2005) criou quatro categorias do conceito de tecnologia, de modo a compreender a tecnologia e seu lugar na sociedade capitalista, visando analisar seu impacto social. São elas: tecnologia como logos da técnica ou epistemologia da técnica; tecnologia como sinônimo de técnica; tecnologia no sentido de conjunto de todas as técnicas de que dispõe determinada sociedade; tecnologia como ideologização da tecnologia.

Na primeira concepção, a tecnologia é o logos da técnica, uma epistemologia da técnica, no sentido de um conjunto sistematizado de saberes que são elos entre homem e natureza. Para o autor, a tecnologia, enquanto um ramo do saber, nessa acepção, abrange o conhecimento sobre a técnica em várias disciplinas.

De acordo com o primeiro significado etimológico, a tecnologia tem de ser a teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir

alguma coisa. Este é necessariamente o sentido primordial, cuja interpretação nos abrirá a compreensão dos demais. A “tecnologia” aparece aqui com o valor fundamental e exato de “logos da técnica”. [...] A técnica, na qualidade de ato produtivo, dá origem a considerações teóricas que justificam a instituição de um setor do conhecimento, tomando-a por objeto e sobre ela edificando as reflexões sugeridas pela consciência que reflete criticamente o estado do processo objetivo, chegando ao nível da teorização. Há sem dúvida uma ciência da técnica, enquanto fato concreto e por isso objeto de indagação epistemológica. Tal ciência admite ser chamada de tecnologia (PINTO, 2005, p. 219-220).

Ao analisar as palavras de Vieira Pinto, Abreu (2012, p. 73) afirma que “embora seja produto da ciência, a tecnologia não se limita a este papel, exercendo reciprocamente a função de produtora da ciência numa incessante relação dialética”. Ciência e tecnologia podem ser parceiras, mas não se confundem. A ciência é uma das formas de tecnologia, e se possível, devem caminhar de forma paralela, mas sempre com limites éticos. O conhecimento vai sendo construído nessa relação trabalho e natureza, mediado pelo homem, auxiliado pelas técnicas, que vai construindo seu aprendizado no processo.

Na segunda acepção, a tecnologia como técnica é apontada pelo autor como sendo a fusão entre os dois conceitos.:

No segundo significado, “tecnologia” equivale pura e simplesmente a técnica. Indiscutivelmente constitui este o sentido mais frequente e popular da palavra, usado na linguagem corrente, quando não se exige precisão maior. As duas palavras mostram-se, assim, intercambiáveis no discurso habitual, coloquial e sem rigor. Como sinônimo, aparece ainda a variante americana de curso geral entre nós, o chamado know how (PINTO, 2005, p. 219-220).

E isso é providencial para a classe dominante, como aponta Silva (2013, p. 846), uma vez que colocar técnica e tecnologia como conceitos equivalentes traz em seu cerne uma imprecisão conceitual que atende aos interesses da classe dominante, de modo a serem usadas de formas ocas e banais, sem provê-los de uma substância definida, eivando-os de nocividade social e política.

Em um terceiro sentido, Pinto (2005) analisa a tecnologia como o conjunto de todas as técnicas. Isso significa dizer que todas as técnicas disponíveis em uma determinada sociedade em dada época histórica são tecnologias.

Estreitamente ligado à significação anterior, encontramos o conceito de “tecnologia” entendido como o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento. Em tal caso, aplica-se tanto às civilizações do passado quanto às condições vigentes modernamente em qualquer grupo social. A importância desta acepção reside em ser ela que se costuma fazer menção quando se procura referir ou medir o grau de avanço do processo das forças produtivas de uma sociedade. A “tecnologia”, compreendida assim em sentido genérico e global, adquire conotações especiais, ligadas em particular ao quarto significado, [...], mas ao mesmo tempo perde em nitidez de representação de seu conteúdo lógico aquilo que ganha em generalidade formal (PINTO, 2005, p. 220).

Essa visão generalista é a mais comum, e isso é uma das causas do endeusamento da tecnologia, o que vem a calhar para classes dominantes. Para o autor, “[...] a tecnologia jamais poderia superpor-se à sociedade, uma vez que é apenas a mediação total de que a humanidade, no papel de único agente concreto, se utiliza para materializar suas finalidades” (PINTO, 2005, p. 346).

A última concepção de tecnologia abordada por Álvaro Vieira Pinto discorre sobre a tecnologia como ideologia. Para o pensador, “o exercício social da técnica estabelece o fundamento do inevitável caráter ideológico da tecnologia” (PINTO, 2005, p. 321).

Essa é a principal análise feita por Álvaro Vieira Pinto: a mitificação da tecnologia como ideologia. Para Abreu (2012, p. 84), o aspecto mais relevante da ideologização da tecnologia é a dupla utilização do conceito de “era tecnológica” com o intuito de impossibilitar a humanidade de usar a tecnologia como função libertadora, submetendo-a ao monopólio de elites que a utilizam em prol do bem-estar de uma minoria, esvaziando-a de sua essência emancipadora.

Ao aplicar a aura superior de algo “sagrado” à tecnologia, a ideologização feita por classes superiores visa a usar a tecnologia como uma espécie de adoração ao tempo presente. Isso porque as classes superiores estão no topo

da cadeia social no momento atual, e agem para manter as coisas assim. Para esse intento, utilizam-se da tecnologia para permanecerem como classe dominante.

A educação e o trabalho são diretamente afetados pelo desenvolvimento tecnológico, uma vez que são de suma importância para o capitalismo. A tecnologia permitiu novas maneiras de levar o ensino para as pessoas, e o mundo do trabalho foi, em muitos casos, reconfigurado pelas inovações criadas no lócus tecnológico.

As bibliotecas também sofreram impacto, e muitos de seus serviços se beneficiaram das facilidades criadas pelas inovações tecnológicas: catalogação compartilhada, lista de tesouros, fóruns de discussões sobre assuntos da biblioteconomia, entre outros. Muitas bibliotecas já contam em seus acervos alguns aparatos tecnológicos: e-readers, máquinas de auto empréstimo e auto devolução, aparelho leitor de códigos, fitas magnéticas, mesa digitalizadora, entre outros apetrechos.

A automação das bibliotecas é uma face do impacto das tecnologias. Dutra e Ohia (2004, p. 3) trazem o conceito formulado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, que discorre sobre o processo de automação de bibliotecas, “nas diferentes utilizações dadas através de equipamentos de processamento eletrônico de dados em atividades ligadas à gestão em bibliotecas, centros de administração, serviço de informação e órgãos similares”.

A tecnologia pode funcionar como um facilitador. Nas palavras de Figueiredo (1996, p. 245), “para os usuários, essas tecnologias tornaram acessíveis maior número de bases de dados para a realização de pesquisas, além de terem proporcionado a possibilidade de comunicação entre elas”. Com toda a certeza, muitos serviços foram melhorados com o uso de aparelhos tecnológicos. Classificações, empréstimos, permutas, acesso a bases de dados favoreceram o intercâmbio e a disseminação de informações.

Entretanto, são poucas as bibliotecas que possuem a capacidade financeira e material de automatizar alguns de seus serviços. As máquinas e programas de computador são onerosos, e alguns deles requer o treinamento para sua correta usabilidade. Por isso, é preciso pensar no sentido de

democratizar o acesso de bibliotecas a programas e maquinário, sem que isso acarrete prejuízos ou a perda de empregos.

No sentido de tornar a biblioteca um espaço que abraça o tradicional e o moderno, oferecendo aos usuários uma gama completa de serviços, automatizar uma biblioteca requer tempo, planejamento e paciência. São sete passos para isso, segundo McCarty (1988, p. 28):

1. Deve oferecer experiência relevante na automação de serviços bibliotecários;
2. Ser adequado aos recursos financeiros e humanos da biblioteca;
3. Oferecer um produto visível, inclusive ao público;
4. Oferecer resultados em curto ou em médio prazo;
5. Não depender para seu funcionamento da digitação de grande quantidade de dados;
6. Permitir à biblioteca um controle adequado sobre suas fases principais;
7. Permitir automação conforme um cronograma flexível, dependendo de conveniência de biblioteca.

Há também as bibliotecas digitais. Elas oferecem, via internet, livros, revistas, artigos, trabalhos científicos em um site. Para Rosetto (2002, p. 486), biblioteca digital é aquela que abarca documentos gerados ou transpostos para o ambiente digital (eletrônico), um serviço de informação (em todo tipo de formato), no qual todos os recursos são disponíveis na forma de processamento eletrônico, tais como aquisição, armazenagem, preservação, recuperação e acesso através de tecnologias digitais.

As bibliotecas digitais podem vir a ser um meio de disseminação da informação bastante prático. É preciso, entretanto, que o usuário tenha acesso a um computador, e que essa máquina tenha acesso a internet. O Brasil é um país bastante desigual, e isso reflete na distribuição de equipamentos e acesso à rede mundial de computadores. Uma biblioteca digital só encontra seu objetivo quando oferece equipamento para poder ser utilizada e acessada pelos usuários. Muito mais que a disponibilização de obras informacionais, é preciso pensar de que maneira pode-se facilitar a aproximação de pessoas para usar, lidar e aprender tendo a biblioteca digital como suporte.

Tendo a tecnologia já criado o acesso a materiais informacionais de grande valia para a sociedade, é preciso então democratizar a possibilidade de

mais e mais pessoas em sua utilização. Para isso, é necessário educar, ensinar e disseminar para os trabalhadores o aprendizado das inovações tecnológicas.

4.3.1 Politecnia

A politecnia se caracteriza pela estreita relação com os conceitos de formação omnilateral e práxis. A omnilateralidade se caracteriza por formar, na perspectiva educacional, o ser humano na sua integralidade, com educação intelectual, física e profissional. A práxis é a prática do agir eivada de teoria, e quando aplicada permite uma reflexão crítica e revolucionária. A politecnia é o conhecimento em múltiplas técnicas (SAVIANI, 2003, p. 140), que permite ao proletariado se elevar muito acima da classe burguesa.

No ensino politécnico, não é suficiente apenas o domínio das técnicas; faz-se necessário dominá-las ao nível intelectual. Para compreender o funcionamento dos recursos tecnológicos Marx recomenda partir sempre das simplificações, reduzindo os mecanismos complicados a seus princípios básicos, privilegiando a transmissão dos princípios gerais e dos conceitos científicos utilizados com mais frequência. Nestas indicações, está presente a preocupação de Marx com a definição do caráter do ensino politécnico, no sentido de conferir-lhe um nível de reflexão e abstração necessário à compreensão da tecnologia, não apenas na sua aplicação imediata, mas na sua dimensão intelectual (MACHADO, 1989, p. 129).

O trabalho como princípio pedagógico é um dos pilares da concepção de politecnia. Isso porque o trabalhador, alienado do modo de produção capitalista, ao se inteirar das técnicas que compõem o trabalho humano, vai despertar sua consciência e seu olhar para o trabalho e para a educação como bases de transformação social. Para Ciavatta (2014, p. 189-190), há no conceito de politecnia “um sentido político, emancipatório no sentido de superar, na educação, a divisão social do trabalho entre trabalho manual/trabalho intelectual”. O fazer laboral precisa contribuir para a dissolução de classes, pois “a crítica da sociedade deveria implicar, também, a crítica dos instrumentos técnicos, considerando-se estes últimos representantes das relações dos homens com a natureza e dos homens entre si, em determinado momento”

(CROCHIK, 2003, p. 99). A reflexão proposta pela politecnia é a da tecnologia, do trabalho e da educação como elementos revolucionários.

A informação e o conhecimento são de extrema importância para o trabalhador. O estudante do ensino profissionalizante deve ter em mente que ao adentrar no mercado de trabalho, informação vai chegar até ele, e ele deve estar preparado para recebê-la para construir seu conhecimento e atuar em seu ofício. Entretanto, como ele está inserido em um sistema político-econômico capitalista, a informação que chega até ele está eivada de noções que atendem aos interesses da classe dominante.

Para lidar com a enxurrada informacional, a busca por informações e conhecimentos confiáveis e válidos é de extrema importância. Ferreira (1986, p. 797), define fontes de informação como “[...] aquilo que se origina ou produz; [...] qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações [...]”. Na visão de Cunha (2001, p. vii), “o uso regular e efetivo das fontes apropriadas, impressas ou eletrônicas, é a chave para se alcançar o sucesso na pesquisa e desenvolvimento”.

As fontes de informação são capazes de indicar ao usuário o local onde a informação pode ser encontrada. Para isso, há uma divisão entre fontes primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias são obras onde o próprio autor do texto escreveu. Exemplos de fontes primárias são: diários, cartas, memórias, discursos, manuscritos, entrevistas, fotografias, gravações de áudio ou de vídeo, relatórios de pesquisa, entre outros. As fontes secundárias têm origem a partir das fontes primárias. O autor se utiliza de fontes primárias para analisar, interpretar, opinar sobre determinado assunto. Como exemplo, dicionários, livros, base de dados, banco de dados, bibliografias, enciclopédias, manuais, entre outros. Fontes terciárias são localizadores de fontes primárias e secundárias, servindo como guias para localização de informações. Os exemplos são: catálogos de bibliotecas, centros de informação, livrarias, guias de literatura (CUNHA, 2001).

Para acessar fontes de informação, muitas vezes faz-se necessário a intervenção do Serviço de Referência. O conceito, de acordo com Grogan (2001, p. 2) foi “definido por Samuel Rothstein como ‘a assistência pessoal prestada pelo bibliotecário aos leitores em busca de informações. O setor de Referência de uma biblioteca tem como função auxiliar o usuário a satisfazer uma

necessidade informacional, indicando onde ele deve procurar a informação desejada. Na visão de Hutchins (1973, p. 4), o trabalho de referência inclui a assistência da biblioteca às pessoas que buscam informações para qualquer finalidade, sem deixar de lado as diversas atividades biblioteconômicas destinadas a tornar a informação tão acessível quanto seja possível.

Com a disseminação da tecnologia, a Referência também migrou para o mundo digital. Assim, criou-se o Serviço de Referência Virtual - SRV. Para Accart (2012, p. 196), o SRV apresenta algumas vantagens: é acessível em vários os lugares, geralmente oferecendo gratuitamente seus serviços; procura garantir a proteção dos dados e das informações; procura orientar para fontes de informação confiáveis e oferece um serviço personalizado e de qualidade.

Nesse percurso, as técnicas de busca e compreensão da informação se aperfeiçoam. O pensamento reflexivo pode e deve ser utilizado como estratégia na construção das competências necessárias à procura e ao uso da informação, de modo que a compreensão mais acentuada de fatos e acontecimentos, fenômenos e processos envolvidos por meio da percepção das relações, da identificação dos elementos, da análise e interpretação dos sentidos e significados (GASQUE, 2012).

O bibliotecário é um trabalhador fundamental nesse processo. Ele, como profissional da informação, estuda e trabalha para ofertar acesso a materiais informacionais aos usuários. A tecnologia é um facilitador, não um fim em si mesmo nesse processo, auxiliando, mas não substituindo o estudo, a pesquisa e a reflexão. O conhecimento politécnico somado a fontes de informação sérias, faz da biblioteca um espaço privilegiado para a compreensão e transformação social. Nesse sentido, discentes e docentes da EPT têm à sua disposição um local onde podem se informar e refletir, para a partir daí trabalhar e conviver com mais percepção das engrenagens do mundo.

O conhecimento de variadas técnicas não é, como parece à primeira vista, o treinamento acrítico para a entrada no mundo do trabalho. É uma maneira de prover o proletariado de conhecimento sobre as múltiplas possibilidades que o trabalho oferece para educar e humanizar os sujeitos, na busca por uma sociedade sem classes e sem divisões.

Nesse sentido, a politecnia deve ser compreendida como teoria que proporciona uma ampliação de ponto de vista para trabalhadores e estudantes.

Assim, o papel da biblioteca é o de levar até o proletariado as obras e materiais informacionais que contribua com a transformação social. Mais do que isso, os bibliotecários têm a possibilidade de se converterem em agentes chave para que essa mudança ocorra, ao informar e capacitar estudantes e professores na perspectiva do mundo do trabalho em como achar a informação necessária e verificada, habilitando os usuários da biblioteca a lidar com a explosão informacional existente.

A alteração das configurações do capitalismo só pode ocorrer com uma classe trabalhadora informada e instruída, conhecedora de seus meandros e de suas alternativas. Por esta razão, a biblioteca, mediante seu Serviço de Referência e da lida com fontes de informação, pode ser um aliado nesse processo.

4.4 PENSAMENTO CRÍTICO E EMANCIPAÇÃO: UMA RELAÇÃO COM A BIBLIOTECA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

A EPT visa ofertar ensino a estudantes que buscam colocação no mercado de trabalho. Ela tem um enfoque mais prático, mas nem por isso a teoria é deixada de lado. Assim, a biblioteca é um apoio para os alunos e professores, para que eles estejam embasados pela teoria, de modo que suas práticas sejam aplicadas com embasamento e reflexão.

O bibliotecário, nesse sentido, deve trabalhar para levar a teoria aos estudantes e professores. A organização, mediação e disseminação de informações úteis ao trabalho e à educação são de grande valia, e eixo principal de suas funções laborais.

No cumprimento dessas funções, o bibliotecário tem a oportunidade de desenvolver uma percepção crítica do mundo do trabalho e da educação. Isto porque ao lidar com informações e usuários, demandas informacionais e de conhecimento, este profissional tem a chance de perceber as condições materiais e históricas que se coadunam com sua profissão e pensar em e como sua atuação impacta na realidade laboral e educacional. Um primeiro passo nessa direção é o bibliotecário componente de uma classe operária.

A consciência de se perceber como classe operária e como sujeito que sempre está aprendendo, da mesma maneira que os discentes e docentes, é o início da ampliação do ponto de vista do bibliotecário, em uma perspectiva empática e social, onde ao se colocar no lugar do outro, o bibliotecário pode vir a compreender seu usuário, e a partir daí melhorar suas práticas.

Essa relação dialética acontece devido à subsunção de bibliotecários, trabalhadores, estudantes e sociedade como um todo ao capitalismo. O profissional da informação está inserido em um contexto de exploração do trabalho, de alienação e de unilateralidade proporcionados pelos ditames do capital. Assim como ele, professores, alunos, operários e todas as outras categorias se encontram na mesma situação. Por isso, é preciso pensar qual a forma de melhorar esse quadro, e quem sabe até superá-lo.

Na perspectiva da relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica, o objetivo de melhora/superação do contexto capitalista tem a possibilidade de levar em conta três conceitos: formação omnilateral, práxis e politecnia. A formação omnilateral visa formar o ser humano em sua integralidade – intelectualmente, com exercícios físicos e com o conhecimento das técnicas e tecnologias. A politecnia vem para mostrar que o conhecimento das técnicas e tecnologias dota o ser humano de capacidade e destreza para lidar com a natureza. A práxis é a prática apoiada pela teoria, onde o ser humano adquire consciência do seu lugar no mundo, do seu trabalho e da transformação operada na natureza. É bastante proveitoso para o aluno da EPT que almeja uma colocação laboral compreender esses conceitos de modo a adquirir discernimento, criticidade e poder de transformação para atuar no mundo do trabalho.

Assim, a biblioteca oferta aos estudantes e professores a possibilidade de conhecer esses conceitos, e como eles foram estudados e analisados por estudiosos. Os materiais informacionais disponíveis nas bibliotecas, físicas ou virtuais, convidam usuários a perceber o mundo em que vivem, o que já foi feito, o que está sendo feito e o que já foi pensado para que cada docente e cada discente possam, eles mesmos, construir novos conhecimentos, e, dessa maneira, possam ingressar no mundo do trabalho com uma consciência crítica, analítica. Além disso, o usuário da EPT toma conhecimento de como o trabalho é estudado, o que está nas entrelinhas do ambiente laboral capitalista, como

essa situação é analisada a partir de diversas correntes teóricas, e de que maneira esse quadro impacta em sua vida cotidiana. Na medida em que esse usuário vai lendo, pesquisando e ligando informações, ele vai, aos poucos, percebendo que a informação e o conhecimento construídos por ele são catalisadores de uma forma de pensar mais profunda, abrangente e questionadora.

4.4.1 Pensamento crítico

Para Ennis (1985, p. 6 *apud* BERTOLDO, 2018, p. 22), o pensamento crítico é definido como “uma forma de pensar reflexiva e sensata com o objetivo de decidir em que se deve acreditar ou fazer”. Na visão de Dewey (1979, p. 13) é “a melhor maneira de pensar, [...], a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva”. E Kant (2015, p. 300) assim define:

A reflexão (*reflexio*) não tem nada a ver com os objetos mesmos, para obter diretamente conceitos deles, mas é o estado da mente em que nos dispomos inicialmente a descobrir as condições subjetivas sob as quais podemos chegar a conceitos. É a consciência da relação de representações dadas às nossas diversas fontes de conhecimento, mediante a qual unicamente pode ser determinada corretamente a sua relação entre si.

O pensamento reflexivo está muito ligado à Filosofia. Mas não é preciso conhecer a fundo as correntes filosóficas para se pensar criticamente. A partir da Educação já é possível se aventurar no mundo da reflexão. “O objetivo do processo educativo é o de ajudar-nos a formar melhores julgamentos a fim de que possamos modificar nossas vidas de maneira mais criteriosa” (LIPMAN, 2008, p. 34). Nesse sentido, quando o sujeito estuda, lê e pesquisa ele pode começar a desenvolver e/ou aprimorar a análise crítica.

Pensadores críticos, de acordo com Cruz, Dominguez e Payan-Carreira (2019, p. 1), são honestos consigo mesmos, reconhecem o que não sabem, buscam descobrir quais são suas limitações e erros, encaram os problemas e questões controversas como desafios empolgantes e motivadores, procuram a melhor compreensão de um determinado assunto e são curiosos. Além disso,

baseiam os seus julgamentos em algum tipo de evidência, procurando informações e conhecimentos verdadeiros. Aqueles que buscam pensar de forma reflexiva são bons ouvintes, se interessam nas ideias de outras pessoas, mesmo quando discordam com elas.

Essa abordagem crítica é de grande importância para os alunos e professores do ensino profissionalizante, mas também é significativa para bibliotecários. Isso porque o pensamento crítico vai na contramão da unilateralidade, da alienação e da educação que visa apenas formar mão-de-obra acrítica; o pensar reflexivo ativa os indivíduos a se inteirar de um assunto ou situação, os faz olhar além das aparências e buscar o oculto nas entrelinhas, busca interligações, proporcionando um conhecimento mais abrangente e duradouro.

O espírito crítico é caracterizado por disposições, como por exemplo as disposições para se buscar razões e evidências ao se fazer julgamentos, e para avaliar estas razões cuidadosamente de acordo com princípios relevantes para a avaliação de razões; atitudes, incluindo um respeito pelo julgamento fundamentado em razões e pela verdade, e uma rejeição da parcialidade, arbitrariedade, do apelo especial do pensamento mágico, e de outros obstáculos para o exercício apropriado da avaliação de razões e do julgamento; hábitos mentais consonantes com estas disposições e atitudes, como os hábitos de procurar por razões e avalia-las, de se comprometer a uma consideração devida dos princípios de avaliação de razões, de submeter as razões apresentadas a um escrutínio crítico, e de se empenhar na consideração justa e pessoalmente desinteressada de tais razões; e traços de caráter consonantes com estas características (SIEGEL, 1997, p. 35-36, tradução nossa).

Bertoldo (2018, p. 23) traz as doze capacidades da taxonomia de Ennis para melhor planificar o pensamento crítico, conforme quadro 3:

Quadro 6: Capacidades do Pensamento Crítico segundo Ennis

CAPACIDADES DO PENSAMENTO CRÍTICO DEFINIDAS POR ENNIS	
CLARIFICAÇÃO ELEMENTAR	1.Focar uma questão 2.Analisar argumentos 3.Fazer e responder à questão de clarificação e desafio
SUPORTE BÁSICO	4.Avaliar a credibilidade de uma fonte 5.Fazer e avaliar observações

INFERÊNCIA	6.Fazer e avaliar deduções 7.Fazer e avaliar induções 8.Fazer e avaliar juízo de valor
CLARIFICAÇÃO ELABORADA	9.Definir termos e avaliações 10.Identificar assunções
ESTRATÉGIAS E TÁTICAS	11. Decidir sobre uma ação 12.Interagir com os outros

Fonte: BERTOLDO, 2018.

Refletir é uma maneira de organizar ideias, conceitos, julgamentos etc. Para fazer isso de forma analítica, Lipman (2008, p. 39) preconiza o pensamento crítico como “o pensamento habilidoso e responsável que facilita o bom julgamento porque (1) é orientado por critérios, (2) é autocorretivo e (3) é sensível ao contexto”. Perceber a realidade, buscar outros pontos de vista e estabelecer relações é, basicamente, o que a educação ofertada de forma crítica proporciona aos alunos, aos professores e a outros atores sociais. De acordo com Guzzo e Guzzo (2015, p. 69), a educação deve priorizar o desenvolvimento das habilidades de pensamento crítico para que se contraponha a ideias estabelecidas e possibilitar a análise de ideias de forma mais racional.

Quando se fala de Educação Profissional e Tecnológica, é preciso pensar criticamente para perceber o mundo do trabalho que o estudante vai enfrentar, o que a classe dominante espera dele, quais as possibilidades de transformação dessa situação. Por isso, a biblioteca é uma aliada nesse processo, pois ela provê aos usuários a possibilidade de construção do pensamento crítico, através da oferta de materiais informacionais. Isso fornece uma espécie de defesa intelectual ao sujeito:

No que diz respeito à questão dos conhecimentos e crenças, eu diria que o papel do pensar crítico é defensivo: o de protegernos contra sermos coagidos ou de que nos forcem a acreditar naquilo que outros querem nos obrigar a acreditar sem que tenhamos a oportunidade de fazer nossos próprios questionamentos. Existem forças grandes e poderosas disseminadas em todas as sociedades – a política, a militar e a econômica são os exemplos mais óbvios – e sua meta é, com frequência, fazer com que concordemos sem refletir sobre os pontos de vista que desejam que tenhamos. O escudo do ceticismo que o pensar crítico pode nos propiciar não é impenetrável no que diz respeito a um indivíduo em particular, mas em uma população assim protegida ele poderia ser decisivo (LIPMAN, 2008, p. 213).

É preciso estar sempre atento para ser um pensador crítico, principalmente porque todas as pessoas estão inseridas em um contexto capitalista de meios de produção. A atitude alerta cria a desconfiança onde só existe a confiança, questiona dogmas onde só há concordância e tenciona a mudança onde tudo está estabelecido.

Na era da informação, o capital vê com mais facilidade uma abordagem de alienação e unilateralidade. A avalanche de informações produzidas e disseminadas a todo instante cria confusão, insatisfação e perplexidade. Nesse cenário, produzir e espalhar notícias falsas e desinformação, com vistas a manipular a opinião pública fica mais fácil. O pensamento crítico, tendo como apoio o acervo de materiais da biblioteca, é um elemento que pode ser utilizado para dirimir essas sensações. Isto porque

Temos dificuldade em assimilar e avaliar a veracidade da grande quantidade de informação a que estamos expostos diariamente, e boa parte dela é composta por asserções falsas. Em algumas ocasiões, asserções falsas nos são apresentadas deliberadamente, e o objetivo do interlocutor é manipular nossa opinião e crenças. Se não questionarmos as ideias de outras pessoas, nem as nossas próprias, não saberemos quais são as informações mais confiáveis a respeito de qualquer assunto. Nesse contexto, o pensar e o espírito crítico se apresentam não apenas como mecanismos de defesa intelectual que diminuem as chances de sermos enganados, mas também como ferramentas essenciais para compreendermos melhor o mundo e guiarmos o curso de nossas ações de modo mais razoável (GUZZO; GUZZO, 2015 p. 74).

No percurso do aprimoramento e desenvolvimento da reflexão, a biblioteca conta com duas atividades que são pertinentes a essa discussão: as fontes de informação e o serviço de referência.

Nesse sentido, o pensamento crítico encontra na biblioteca e em seus serviços um aliado em seu desenvolvimento. Ao buscar informações e conhecimentos em obras confiáveis e verídicas, o pensador crítico diminui consideravelmente fake news, tem mais capacidade de dissolver mentiras e boatos e desenvolve sua capacidade analítica dos fatos e acontecimentos.

Uma forma de buscar o pensamento crítico na biblioteca é através do letramento informacional. Segundo Gasque (2010, p. 83), o conceito de letramento informacional é “um processo que integra as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas”. Em um mundo com excesso de informações, potencializados pelos meios tecnológicos, saber acessar, organizar e confiar nas informações é de grande valia para o proletariado.

O letramento informacional visa capacitar os usuários e os bibliotecários a buscar e usar a informação de maneira eficiente e eficaz. Ela vai além da alfabetização informacional ou da simples decodificação de um código, uma vez que aplica esses processos no cotidiano. Os usuários se tornam competentes em usar dicionários, enciclopédias, elaborar referências e citar autores para escrever artigos ou estruturar uma pesquisa. O letramento informacional tem como fundamento a ideia de funcionalidade (GASQUE, 2012, p. 19).

Se a politecnia é o conhecimento de várias técnicas, o letramento informacional surge como potencial meio de lidar com a informação e a construção de conhecimento verdadeiro, útil e transformador. Em uma sociedade que cobra aprendizagem acrítica de seus membros, o letramento informacional vem para capacitar o sujeito a:

- determinar a extensão das informações necessárias;
- acessar a informação de forma efetiva e eficientemente;
- avaliar criticamente a informação e a suas fontes;
- incorporar a nova informação ao conhecimento prévio;
- usar a informação de forma efetiva para atingir objetivos específicos;
- compreender os aspectos econômico, legal e social do uso da informação, bem como acessá-la e usá-la ética e legalmente (GASQUE, 2010, p. 86).

Assim, ao saber lidar com a informação e o conhecimento, o estudante da EPT sabe onde buscar informação verídica, sabe comunicar essa informação no meio onde está inserido, e vai construindo uma rede de conhecimentos útil ao seu trabalho e à sua vida. O conceito de competência informacional é importante para compreender o fenômeno. Ele está ligado à “capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação” (GASQUE, 2013, p. 5). Ao ler, pesquisar e estudar, o indivíduo vai se munindo

de técnicas e atitudes que o ajudam a compreender o assunto que o interessa, e vai se tornando competente em usar a informação.

A tecnologia é uma facilitadora para o letramento informacional. Isso não quer dizer que tudo o que a internet e meios eletrônicos mostram é correto ou verdadeiro. Por isso, o cuidado com fontes de informação, a verificação constante e atenta é fundamental para a competência informacional.

Para alcançar a formação omnilateral, executar a práxis e ter contato com a politecnia, faz-se indispensável o pensamento crítico. Ao conhecer esses conceitos, o indivíduo deixa de ser o alvo da enganação, deixa de ser alienado da realidade em que se insere, para tomar suas decisões, uma vez que está embasado de fatos, de opiniões sólidas, de argumentos criteriosos, frutos de estudos e análises de antecessores. A reflexão é importante para compreender as teorias, para que seja possível assimilar o mundo como ele se apresenta, mas também como ele se oculta, seja pela divisão de classes, seja por diferenças econômicas, sociais, políticas e culturais, de modo que a classe operária possa se emancipar.

4.4.2 Emancipação

Dessa forma, o pensamento crítico em relação à biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica está ligado à emancipação do sujeito, da tomada de consciência que permite sua autonomia intelectual e física como cidadão, ciente de direitos e deveres, mas com a capacidade de analisar e distinguir o progresso da alienação. A emancipação devolve ao cidadão sua essência, pois esta lhe é alijada todos os dias pela lógica do capital. De acordo com Beltrame (2019, p. 194), o Dicionário do Pensamento Marxista apresenta o conceito de emancipação contrapondo uma visão liberal de liberdade como ausência de interferência e de coerção, e a visão mais ampla de liberdade como autodeterminação, “que tem sua origem no humanismo e no Iluminismo, e que é compartilhada pelo marxismo”.

Para Marx, há dois tipos de emancipação: a autoemancipação do proletariado e a emancipação do trabalho. Para se chegar a essa etapa, o pensador preconiza algumas condições:

A emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forces propres” [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma de força política (MARX, 2010, p. 54).

O trabalho, categoria fundamental do estudo marxista, é o elemento ontológico que transforma a natureza para a sobrevivência do homem. Nesse processo, o ser humano se humaniza e aprende. A educação, nesse contexto, é de fundamental importância, pois permite aos sujeitos tomarem consciência de suas atividades. Como o sistema capitalista oculta essa percepção, é preciso que o proletariado, que para Marx é a verdadeira classe revolucionária, mude esse quadro de exploração e alienação. A emancipação vem da libertação proporcionada pelo conhecimento, na busca por uma sociedade sem classes. Na visão de Tonet (2005, p. 79):

Emancipação humana, para Marx, nada mais é do que outro nome para comunismo, embora a primeira enfatize a questão da liberdade, e o segundo, o conjunto de uma nova forma de sociabilidade. Por que, então, não fazer uso desta última categoria? Porque, ao nosso ver, ela foi tão deformada pelos embates da luta ideológica que torna extremamente difícil uma discussão mais serena ao seu respeito. Preferimos então, utilizar a categoria da emancipação humana. Até pelo fato de que esta categoria põe imediatamente no centro da problemática a questão da liberdade, que também é posta como chave na perspectiva liberal.

Assim, na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica, a emancipação visa conhecer os conceitos e teorias do significado de trabalho, de modo que ele possa adentrar no mercado de trabalho com a percepção de suas engrenagens, lutando para transformar a divisão e organização inerentes ao sistema capitalista. “A emancipação implica o rompimento com a forma que caracteriza o trabalho na modernidade” (BELTRAME, 2019, p. 217).

Na visão de Tonet (2005, p. 479-481), são quatro requisitos para uma atividade educadora emancipadora: conhecimento sólido e profundo da natureza

da emancipação humana, conhecimento do processo histórico real, em suas dimensões universais e particulares, conhecimento da natureza essencial do campo específico da educação e o domínio dos conteúdos específicos, próprios de cada área do saber. Essas quatro premissas englobam os conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia. Ter conhecimento desses conceitos e os estudos feitos sobre eles fomenta e aprimora o pensamento crítico nos atores envolvidos na EPT, inclusive os bibliotecários.

O pensamento crítico, portanto, é necessário para prover aos indivíduos esse entendimento de modo de produção, de desenvolvimento histórico, de condições materiais, políticas e econômicas que impactam na vida de todos os seres humanos. Dessa maneira, conhecer, analisar, relacionar e sintetizar as informações se faz primordial na assimilação de conceitos e construção de conhecimentos.

A emancipação é o objetivo de superação de um sistema que oprime o proletário em benefício da burguesia. Ter a noção crítica de que esse quadro de injustiça e opressão pode ser modificado é uma das metas de uma educação comprometida com o trabalhador, que auxilia a construção de conhecimento crítico, que vise a supressão de classes sociais e divisões do trabalho.

A biblioteca, neste contexto, ao se aproximar termos marxistas formação omnilateral, práxis e politecnia, pode ser um facilitador no processo de mudança social. Juntamente com o letramento informacional, os serviços de uma unidade de informação são aliados preciosos na campanha a ser empreendida na superação do capitalismo. E o aprendizado e reflexão crítica possíveis do contato com o acervo e o espaço de uma biblioteca são elementos valiosos nesse contexto.

Esses são alguns dos motivos pelos quais a biblioteca se relaciona com a EPT: fornecendo materiais informacionais e espaço de estudo para leitura e pesquisa, de modo que alunos e professores possam ter contato com as obras que vão permitir sua emancipação. Mais do que isso, a formação educacional a classe operária que enxerga o mundo do trabalho como ele é e o alinha com a biblioteca faz da Educação Profissional e Tecnológica um campo fecundo para a produção de ideias e ações que mostrem ao proletariado que a situação em que eles se encontram pode ser transformada em seu benefício e em benefício de toda uma sociedade, de modo que qualquer elemento que divida ou afaste o

ser humano de seu próximo, seja o trabalho, a educação, a economia ou a política, pode ser modificada e há meios e vontade para que isso ocorra.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Depois de apresentar um panorama histórico das bibliotecas, discorrer sobre a visão marxista da educação do trabalho e da tecnologia, relacionando-as com exemplos de serviços biblioteconômicos e os conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnicidade, unindo-os com a discussão do pensamento crítico e da emancipação, foi criado um produto educacional, com a síntese de todos esses temas. Aqui então apresenta-se o produto educacional e o resultado do questionário aplicado aos bibliotecários, juntamente com uma análise de conteúdo.

5.1 PRESSUPOSTOS DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional é uma parte importante no Mestrado Profissional. Segundo CAPES (2013, p. 24), “o mestrando deve desenvolver um processo ou produto educativo e utilizá-lo em condições reais de sala de aula ou de espaços não-formais ou informais de ensino”. Além disso,

o Mestrado Profissional destaca a produção técnica/tecnológica na área de ensino, entendida como produtos e processos educacionais que possam ser utilizados por professores e outros profissionais envolvidos com o ensino em espaços formais e não-formais. Produtos educacionais podem ser, por exemplo: •Mídias educacionais (vídeos, simulações, animações, vídeo-aulas, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem, aplicativos de modelagem, aplicativos de aquisição e análise de dados, ambientes de aprendizagem, páginas de internet e blogs, jogos educacionais, etc.); • Protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais; •Propostas de ensino (sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas, etc.); Material textual (manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares); • Materiais interativos (jogos, kits e similares); •Atividades de extensão (exposições científicas, cursos, oficinas, ciclos de palestras, exposições, atividades de divulgação científica e outras) (CAPES, 2013, p. 27).

O produto educacional é o resultado da aprendizagem desenvolvido com base em trabalho de pesquisa científica. A pesquisa da dissertação resulta na concepção e aplicação do produto educacional. Na perspectiva formativa do mestrado profissional, o objetivo é que o produto educacional “se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais” (MOREIRA, 2004, p. 134).

Na busca por um produto que possa abranger a relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica, chegou-se à ideia de um livro. A criação de um livro como produto educacional atende a dois requisitos: é de utilidade para a comunidade em geral e pode compor o acervo de várias bibliotecas.

A relação entre biblioteca e EPT, aqui, passou pelos conceitos de formação *omnilateral*, práxis e politecnicidade. Todo esse arcabouço pretendeu levar o estudante-trabalhador a compreender que a importância da biblioteca para o ensino profissionalizante está em aprimorar/desenvolver seu pensamento crítico.

5.2 TEMA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Abrangendo a temática da biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica, foi proposto a criação de um livro sobre pensamento crítico como ideia de produto educacional. O nome do livro é: “Pensamento crítico na biblioteca”.

Esse produto se mostra oportuno ao trazer para o campo pedagógico os principais conceitos necessários para a efetiva prática da reflexão crítica. Toda a pesquisa feita sobre a relação entre a biblioteca e a EPT convergiu para o aprimoramento e depuração do pensamento crítico. Isto porque a biblioteca pode e deve ser a base para o estudo aprofundado, abrangendo uma reflexão analítica dos assuntos estudados, para que o aluno formado possa adentrar no mercado de trabalho com conhecimentos técnicos e, mais ainda, com uma compreensão teórica e analítica que o permita fazer questionamentos, transformar seu ambiente e contribuir para evolução profissional e intelectual.

Estudantes, profissionais e toda a sociedade está, hoje, cercada de informações. Com o aparato tecnológico disponível atualmente, a informação chega instantaneamente a bilhões de pessoas. Entretanto, as fontes de algumas notícias são falsas, de difícil comprovação.

O bibliotecário é o profissional da informação. De acordo com Le Coadic (2004, p. 106), “por profissionais da informação entendemos as pessoas [...] que adquirem informação registrada em diferentes suportes, organizam, descrevem, indexam, armazenam e recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela”. Ele aprende a lidar com diversas fontes de informação, e mediar a disseminação entre a fonte e o usuário. Por este motivo, ele é um trabalhador que deve estar em sintonia com a origem das notícias, fatos, acontecimentos e conhecimentos, para poder transmitir ao usuário a informação confiável e segura.

É possível e preciso fazer essa intermediação entre fonte de informação e usuário buscando despertar a reflexão, a crítica, a análise aprofundada dos fatos e acontecimentos. A biblioteca é um espaço privilegiado no que diz respeito à informação e conhecimento, e a reflexão deve fazer parte do seu cotidiano, de modo que bibliotecários e usuários possam ser cidadãos plenos, cientes de sua capacidade e atuação como membros da sociedade.

Tendo esse objetivo em foco, a ideia desse produto educacional foi a de apresentar aos profissionais da informação conceitos e estudos sobre pensamento crítico, a importância da biblioteca e do bibliotecário, e como lidar com notícias e informações falsas, as chamadas *fake news*, sempre buscando nos conceitos estudados na Educação Profissional e Tecnológicas concernentes ao trabalho, à informação e à educação, de modo que estes profissionais possam ter contato com definições e nomenclaturas para aprimorar o pensamento crítico na biblioteca.

O livro “Pensamento Crítico na biblioteca” teve como eixo formulações e entendimentos selecionados que perpassam as principais questões do pensamento crítico como processo de aprimoramento das atividades do bibliotecário perante a era informacional. Por isso, o livro foi dividido em três capítulos e abordou os seguintes temas para apresentar o pensamento crítico aos bibliotecários, usuários e qualquer interessado no assunto:

Capítulo 1- Aspectos de pensamento crítico:

No primeiro capítulo, apresentou-se o que é pensamento crítico. Algumas concepções de pensadores a respeito desse tema. Houve uma contextualização

de estratégias para se pensar criticamente. Também uma apresentação de um paralelo entre pensamento crítico, formação *omnilateral* e emancipação. A importância do pensamento crítico na era da informação.

Capítulo 2- Pensamento crítico e biblioteca: espaço de leitura, informação e conhecimento na era informacional:

No segundo capítulo do livro, destacou-se que o desenvolvimento da reflexão passa pela leitura. Por isso, foi necessário contextualizar a leitura e leitura crítica como forma de emancipação. Além desses temas, se fez necessário abordar o papel da biblioteca na formação do sujeito e da sua capacidade de discernimento ante avalanche de informações. Tudo isso entremeado com a ideia de práxis.

Capítulo 3- Pensamento crítico na era das *fake news*:

Já no capítulo final, conceituou-se o que são e como identificar “fake news”. É importante também trazer da Biblioteconomia a definição de fontes de informação e elementos de letramento informacional. O livro se encerrou ao destacar o papel da biblioteca na disseminação da informação para desenvolvimento do pensamento crítico.

Com a oferta desses assuntos, o arcabouço teórico necessário para indicar a importância do pensamento crítico, seus principais princípios e suas relações com a biblioteca e EPT de modo a contribuir com a práxis do bibliotecário foi bem discutida.

Tendo em mente que a biblioteca é um espaço de ensino, é possível adaptar algum meio didático para apresentar aos bibliotecários o conteúdo do produto educacional.

A verificação do livro foi feita através de um questionário, onde os bibliotecários expuseram suas impressões e comentários a respeito do tema. Segundo Gil (2010, p. 128), questionário é uma técnica de investigação “composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças,

sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”. As respostas do questionário estão no próximo item.

5.3 QUESTIONÁRIO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Após a leitura do e-book “Pensamento crítico na biblioteca”, os bibliotecários convidados a participar da pesquisa responderam um questionário com oito perguntas:

- 1) O que você entendeu por “Formação Omnilateral?
- 2) Como aplicar a “Formação Omnilateral” na biblioteca?
- 3) O que você entendeu por “práxis”?
- 4) Como aplicar a “práxis” na biblioteca?
- 5) O que você entendeu por “politecnia”?
- 6) Como aplicar a “politecnia” na biblioteca?
- 7) Você acha que a biblioteca é um espaço adequado para o a promoção do pensamento crítico?
() Sim () Não
- 8) Como você acha que a biblioteca pode ajudar no pensamento crítico?

Essas perguntas diretas objetivam saber se os participantes entenderam os conceitos apresentados e os incentivam a contribuir com exemplos e experiências de como os conceitos podem ser relacionados à unidade de informação.

O questionário foi enviado para treze bibliotecários de todos os campus do Instituto Federal Goiano, e foi respondido por seis deles. A seguir, as respostas enviadas são apresentadas e comentadas. Cada bibliotecário será identificado da seguinte maneira: Bibliotecári@1, Bibliotecári@2 e Bibliotecári@3, Bibliotecári@4, Bibliotecári@5 e Bibliotecári@6.

5.3.1 Resposta 1

Bibliotecári@1 trouxe como resposta à pergunta 1:

“Formação Omnilateral contempla uma educação que abrange todas as dimensões do ser humano, debatendo todos os atributos, físicos e mentais de forma ampla, independente da classe social a qual o sujeito pertença, para que o mesmo seja capaz de escolher sua profissão não apenas pelas regras impostas pelo mercado de trabalho.”

Essa resposta está de acordo com o conceito de formação omnilateral e revela que o respondente tem conhecimento sobre o assunto. Há que se destacar também a ligação com o mundo do trabalho e classe social, importante para a compreensão abrangente deste conceito.

Bibliotecári@1 trouxe como resposta à pergunta 2:

“A biblioteca possui em seu acervo e suportes informacionais, além do espaço físico, um arcabouço de recursos que podem fomentar a formação omnilateral. Mesmo com acervo pequeno, pode fazer parcerias com pessoas e instituições para realizar, cursos, palestras, rodas de conversas que aprofundem de forma omnilateral a realidade da comunidade que pertencem”.

Essa resposta traz para a discussão o conceito de Ação Cultural, onde a biblioteca serve de espaço para a realização de eventos e atividades com o uso de seu acervo e de seus recursos. Para o respondente, a biblioteca tem recursos que permitem concretizar a formação omnilateral.

Bibliotecári@1 trouxe como resposta à pergunta 3:

“Entendo como praxis a prática não alienada, realizada com reflexões sobre a teoria”.

O conceito de práxis foi entendido pelo respondente. De forma resumida, práxis é a união entre teoria e prática, com a mediação da reflexão crítica. Deduz-se dessa resposta que o respondente já teve contato com esse termo e seu significado.

Bibliotecári@1 trouxe como resposta à pergunta 4:

“A partir de leituras e pesquisas o indivíduo pode refletir sobre as práticas realizadas na sociedade e ter percepções de mundo velados pelo sistema”.

Pode-se depreender dessa resposta que o respondente vê a práxis ligada à leitura e à pesquisa. Neste projeto, esses dois elementos foram ligados à formação omnilateral, mas eles são importantes também para a práxis. Uma das funções do bibliotecário é proporcionar materiais e ambiente para que as

peças possam ler e pesquisar, construindo assim um modo de ampliar e desenvolver o pensamento crítico.

Bibliotecári@1 trouxe como resposta à pergunta 5:

“Politecnicidade é a ensino que integre ciência e cultura, humanismo e tecnologia, possibilitando o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, para que o indivíduo possa ter uma visão ampla do contexto social”.

A resposta compreende de forma satisfatória o conceito de politecnicidade. Observa-se que o respondente fez uma relação com a formação omnilateral e a leitura de mundo, expressão proposta por Paulo Freire. A tecnologia não é o único aspecto da politecnicidade, como dissertou Pinto (2005), e deve ser pensada de acordo com a realidade dada.

Bibliotecári@1 trouxe como resposta à pergunta 6:

“A politecnicidade pode ser utilizada para a elaboração de ações, produtos e serviços pensados para a formação da consciência crítica de seus usuários, por meio da aplicação de conhecimentos da totalidade, visando contribuir com a formação omnilateral dos indivíduos”.

Mais uma vez, o respondente liga a politecnicidade à formação omnilateral. Para este bibliotecário, a elaboração de ações, produtos e serviços devem levar a uma consciência crítica. Faltou exemplificação de como isso poderia acontecer na biblioteca.

Bibliotecári@1 trouxe como resposta às perguntas 7 e 8:

“Sim” e “Sim, a Biblioteca é um espaço privilegiado, que possibilita vários diálogos educacionais e socioculturais que contribuem para a formação do pensamento crítico nos indivíduos, por meio de ações, produtos, leitura e pesquisa, ela se constitui em suporte informacional que colabora com as reflexões e visões de mundo”.

O respondente elegeu a leitura e a pesquisa como os elementos mais importantes para o aprimoramento e desenvolvimento do pensamento crítico, sendo a biblioteca um espaço privilegiado para a consecução desse objetivo.

Em uma análise geral, Bibliotecári@1 soube explicar os conceitos mas, fora a leitura e a pesquisa, não soube exemplificar como as teorias podem ser aplicadas na biblioteca, através dos serviços biblioteconômicos.

5.3.2 Resposta 2

Bibliotecári@2 trouxe como resposta à pergunta 1:

“Entendi com a formação do indivíduo por um viés mais completo e emancipatório”.

Uma resposta sucinta que vê a formação omnilateral como elemento de emancipação.

Bibliotecári@2 trouxe como resposta à pergunta 2:

“A formação Omnilateral demanda uma atuação conjunta de toda a comunidade Acadêmica. Assim a Biblioteca pode colaborar com essa formação diversificando o acervo, em formatos e conteúdos contribuindo com o pensamento crítico, com o lazer”.

O respondente destacou o acervo da biblioteca como promotora de pensamento crítico e lazer. Essa resposta põe em relevo duas funções do bibliotecário elencadas pela IFLA: função educacional e função recreacional.

Bibliotecári@2 trouxe como resposta à pergunta 3:

“Práxis é a junção da teoria e a prática, de forma que o indivíduo não apenas execute um labor, mas compreende todas as suas etapas e inclusive possibilite a ação crítica dos indivíduos em modificar e aprimorar as técnicas”.

O entendimento de práxis aqui une teoria e prática para a melhor compreensão do trabalho, e que isso leve a um aprimoramento do pensamento crítico. Pode-se inferir que a menção às técnicas é um exemplo do alinhamento teoria-prática.

Bibliotecári@2 trouxe como resposta à pergunta 4:

“É fácil ligar a biblioteca ao conhecimento teórico, mas ao processo prático demanda um esforço maior de toda a comunidade. A pesquisa como método educativo possibilita essa integração entre a teoria e a prática. A biblioteca contribuindo com o pensamento crítico e criativo auxiliaria os usuários a conhecerem mais a prática laboral e a repensá-la constantemente”.

Na quarta pergunta, o respondente eleva a pesquisa como ligação entre a teoria e a prática, e busca colocar essa ligação como um meio para que os usuários ampliem suas noções dos serviços da biblioteca.

Bibliotecári@2 trouxe como resposta à pergunta 5:

“A politecnia possibilita o conhecimento de diversas técnicas e tecnologias e associada a práxis permite essa emancipação laboral do indivíduo”.

O respondente associa a politecnia com a práxis, afirmando que o conhecimento teórico e prático em conjunto com o conhecimento de técnicas permite ao sujeito buscar sua emancipação.

Bibliotecári@2 trouxe como resposta à pergunta 6:

“Com um acervo diversificado é possível apresentar diversas perspectivas sobre as práticas laborais, inclusive suas técnicas. Isso pode contribuir com a politecnia”.

Foi destacado o papel do acervo da biblioteca para que os usuários encontrem diversos pontos de vista que possam contribuir com suas práticas laborais.

Bibliotecári@2 trouxe como resposta às perguntas 7 e 8:

“Sim” e “Como dito anteriormente, oferecer informações variadas e contribuir com o Letramento informacional dos estudantes. A biblioteca também como lugar de lazer e cultura também contribui com essa formação crítica”.

O respondente acredita que a biblioteca é espaço para o pensamento crítico, e menciona o letramento informacional nesse processo. Pode-se inferir que, de acordo com o respondente, ao ser letrado informacionalmente o usuário vai ver a biblioteca como lugar de lazer e cultura, e nesse interim ele desenvolve o pensamento crítico.

De tudo o que Bibliotecári@2 respondeu, a compreensão dos conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnia são sucintas, porém demonstram que há um conhecimento sobre esses temas. Os exemplos apontam para a relevância da leitura e do papel da biblioteca como lugar de lazer. A menção ao letramento informacional demonstra que o respondente acredita que ele possa ser uma estratégia a ser utilizada na biblioteca.

5.3.3 Resposta 3

Bibliotecári@3 trouxe como resposta à pergunta 1:

“Aspecto educativo que visa orientar os trabalhadores, no caso dos bibliotecários a conhecer diversos instrumentos e práticas de trabalho, interagindo com várias profissões, aliando ao fazer profissional, ampliando sua atuação integradora”.

O respondente credita à formação omnilateral o conhecimento de práticas laborais a uma atuação integradora dentro de um aspecto educativo. Essa visão destaca muito mais as práticas do que propriamente uma formação educacional, mas isso não limita a resposta. Infere-se que o aspecto educativo, portanto, a formação omnilateral, é fundamental para a orientação de práticas de trabalho.

Bibliotecári@3 trouxe como resposta à pergunta 2:

“Ouvir os usuários (estudantes, docentes e demais servidores) em suas práticas e habilidades profissionais para dinamizar os serviços e produtos oferecidos pelas bibliotecas. Entender como tais públicos possam colaborar na prática bibliotecária, na dinâmica da atuação do profissional e, conseqüentemente, implementá-las em formas de serviços e produtos aos usuários da informação”.

A formação omnilateral, para o respondente, começa com a opinião dos usuários, para que os bibliotecários possam compreender seus anseios e necessidades. Essa visão se alinha com o serviço de referência e estudo de usuários, que são de fundamental importância para a biblioteca oferecer serviços e produtos que contribuíssem com a omnilateralidade.

Bibliotecári@3 trouxe como resposta à pergunta 3:

“A práxis possibilita ao sujeito conhecer a relação do seu trabalho com os fatos do mundo que o cercam. É uma prática da construção humana que nos permite, através da consciência, compreender que o trabalho e atuação profissional sempre será uma forma de aprendizado”.

Aqui, o respondente trouxe uma interpretação interessante e oportuna sobre práxis. O tripé teoria-prática-reflexão abarca a consciência de percepção do mundo e da realidade e que influencia no trabalho dos sujeitos. A prática gera aprendizado, que gera teoria, que gera reflexão.

Bibliotecári@3 trouxe como resposta à pergunta 4:

“Enquanto bibliotecário, entendo que devo estar sempre apto a aprender as experiências que serão proporcionadas mediante meu trabalho na biblioteca, mediante a interação com o público, que trarão outras experiências e visões de mundo. Trata-se de uma ação de via dupla e contínua, pois o aprendizado nunca cessará, pois sempre terá algo novo a aprender e ser incorporado à minha prática nas ações da biblioteca”.

A práxis, de acordo com Bibliotecári@3, pode ser aplicada na biblioteca através do contato com os usuários, na troca de experiências que gera aprendizado e que transforma o trabalho do bibliotecário. O conceito foi muito bem apreendido, e o exemplo de aplicação demonstra que a práxis foi entendida pelo respondente.

Bibliotecári@3 trouxe como resposta à pergunta 5:

“Entendo como politecnia ao uso de técnicas às diversas formas de atuação profissional, aplicada a diferentes técnicas dos trabalhadores. Dessa forma, os sujeitos se tornam emancipados ao entender que o trabalho é fruto do desenvolvimento do pensamento crítico dos sujeitos”.

O respondente relacionou o conhecimento de técnicas à emancipação dos trabalhadores. Segundo sua interpretação, ao entrar em contato com diferentes técnicas, o trabalhador consegue compreender uma série de fatores, desenvolvendo o pensamento crítico nesse processo.

Bibliotecári@3 trouxe como resposta à pergunta 6:

“Acredito que a politecnia deve ser aplicada mediante aos (sic) conhecimentos adquiridos entre o bibliotecário e suas práticas (relacionamento com os usuários, com colegas de profissão) e de posse de tais experiências e instrumentos, aplicar na promoção dos serviços da biblioteca, visando sua amplitude e diversidade de atendimento aos diferentes públicos, de acordo com suas necessidades informacionais. Seria uma melhoria nos processos de trabalho, proporcionando ao bibliotecário, autonomia na criação de novas demandas e melhor interação com seus usuários, mas também dinamizando a profissão e estabelecendo novos parâmetros e visões de mundo”.

A perspectiva de aplicação do conceito de politecnia aqui destaca o estudo de usuários para atendimento das necessidades informacionais. Isso, segundo o respondente, pode acontecer com o conhecimento de práticas e de melhorias nos processos de trabalho. Aqui, engloba-se os conceitos de formação omnilateral e práxis para que a politecnia possa alcançar seu intento. São colocações muito ricas, que veem a biblioteca como um espaço plural, que contribui para o desenvolvimento contínuo dos serviços de informação e de aprimoramento do pensamento crítico.

Bibliotecári@3 trouxe como resposta às perguntas 7 e 8:

“Sim” e “A biblioteca por si só é um ambiente que permite aos seus usuários, proporcionar o pensamento crítico. Acredito que a principal missão da biblioteca (e do bibliotecário) é garantir o acesso ao conhecimento e proporcionar que os usuários da informação sejam instigados a buscar novos conhecimentos. Dessa forma formaremos cidadãos críticos, que terão práticas emancipatórias e entenderão seus direitos e deveres enquanto cidadão. A biblioteca é o lugar de encontro, das práticas, do debate. É ambiente propício para interação humana, pois o conhecimento perpassa entre as estantes, mas também na relação social resultante das opiniões e visões de mundo que cada sujeito traz consigo”.

Ao concordar que a biblioteca é um espaço para a promoção do desenvolvimento crítico, Bibliotecári@3 afirmar que a biblioteca e o bibliotecário devem garantir acesso ao conhecimento. Isso é fundamental para que as pessoas possam conhecer direitos e deveres, e a partir disso serem cidadãos plenos. A visão de mundo subjetiva encontra na biblioteca um espaço para que seja compartilhada, e o exemplo do debate, uma das formas de Ação Cultural, para o respondente, é um meio de se promover o pensamento crítico na biblioteca.

5.3.4 Resposta 4

Bibliotecári@4 trouxe como resposta à pergunta 1:

“É a formação que o indivíduo adquire através de vários conhecimentos, abrangendo a formação intelectual, física e técnica que levará a contribuir para o desenvolvimento e/ou aprimoramento do seu pensamento crítico”.

A resposta conseguiu captar a essência do que é formação omnilateral.

Bibliotecári@4 trouxe como resposta à pergunta 2:

“Desenvolvendo atividades que leva o usuário a perceber que toda a estrutura da biblioteca está voltada para complementar ou ajudar na formação do conhecimento Omnilateral do usuário”.

O respondente alinhou a formação omnilateral ao conceito de Ação Cultural. O desenvolvimento de atividades na biblioteca é um elemento que contribui com o pensamento crítico do sujeito.

Bibliotecári@4 trouxe como resposta à pergunta 3:

“É a ação do profissional voltada para a contribuição efetiva e de forma transformadora com a sociedade, dentro dos atributos de sua profissão”.

Aqui, o respondente destacou a práxis como prática, deixando de mencionar o papel da teoria nesse processo. Segundo sua visão, essa ação é transformadora e se encontra dentro do fazer bibliotecário.

Bibliotecári@4 trouxe como resposta à pergunta 4:

“Seja na leitura de livros didáticos, livros culturais, pesquisas em trabalhos científicos (dissertações e Teses), periódicos e lazer, o bibliotecário deverá buscar incentivar e colocar todo o acervo e ferramentas da biblioteca na colaboração do aprimoramento do conhecimento do usuário”.

Nessa resposta, o respondente colocou em relevo o acervo da biblioteca e o incentivo à leitura como meio de aplicar a práxis na unidade de informação. Há um destaque também no papel do bibliotecário em proporcionar aos usuários os serviços biblioteconômicos que possam contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Bibliotecári@4 trouxe como resposta à pergunta 5:

“Entendi como sendo o domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo. Ou seja o domínio técnico das diferentes modalidades de trabalho, de tal forma que, contribua com a expansão da consciência dos trabalhadores, elevando-os acima da classe burguesa”.

Percebe-se aqui uma resposta bastante parecida com a apresentada no produto educacional. O respondente tem uma visão de politecnia como fundamentos de “domínio técnico”, que possa servir aos trabalhadores como forma de tomada de consciência.

Bibliotecári@4 trouxe como resposta à pergunta 6:

“O bibliotecário deve aplicar todas as técnicas adquiridas em sua formação profissional, usando as ferramentas e acervo da biblioteca para incentivar e aprimorar a formação Omnilateral dos usuários, com o objetivo de elevar o entendimento da classe trabalhadora acima da classe burguesa”.

A formação profissional do bibliotecário é o elemento de maior importância na aplicação da politecnicidade. Além disso, o respondente faz uma ligação com a formação omnilateral, citando o acervo e as “ferramentas” da biblioteca, inferindo que os dois conceitos estão interligados e contribuem para a classe trabalhadora entender onde está e aonde pode chegar.

Bibliotecári@4 trouxe como resposta às perguntas 7 e 8:

“Sim”, e “Aplicando todas essas definições sobre formação Omnilateral, práxis, politecnicidade e emancipação de forma prática nas áreas da biblioteca, através do uso de todas as ferramentas informacional(sic) e uso do acervo com a finalidade de dar condições de ajudar na formação do pensamento crítico de seus usuários”.

Para Bibliotecári@4, a biblioteca é espaço para o pensamento crítico, e isso pode ser alcançado com a aplicação da formação omnilateral, da práxis e da politecnicidade. O acervo é mais uma vez colocado em destaque como meio para auxiliar os usuários.

As respostas de Bibliotecári@4 responderam de forma satisfatória o questionário. Faltou, entretanto, mais exemplos concretos advindos da experiência profissional. Essa leitura da realidade e exemplificação baseada na realidade de sua unidade de informação poderia ter enriquecido a fala desse respondente.

5.3.5 Resposta 5

Bibliotecári@5 trouxe como resposta à pergunta 1:

“Para mim, a formação omnilateral é aquela que visa formar os indivíduos de forma ampla, completa. Visa relacionar trabalho e educação nos processos formativos dos sujeitos, bem como superar formações estritamente na perspectiva do capital”.

O respondente percebe a formação omnilateral relacionando-a com educação e trabalho. É uma visão ampla e bastante completa, trazendo também a visão de superação do capitalismo como parte do conceito. Infere-se que o respondente já conhece o termo.

Bibliotecári@5 trouxe como resposta à pergunta 2:

“Eu aplicaria a formação omnilateral na biblioteca por meio de parcerias com o corpo docente da instituição, visando apoiar estratégias de ensino que vão ao encontro dessa formação. Penso que se realmente os institutos estão engajados no processo de formação omnilateral, as bibliotecas são suporte para todas as práticas visto que o processo de construção do conhecimento passa pelo acesso a informação”.

A colaboração entre os bibliotecários e professores é a maneira proposta para a aplicação da formação omnilateral. A menção da biblioteca como suporte das estratégias educacionais demonstra que o respondente está atendo a esse conceito e que um dos pilares da omnilateralidade está no acesso à informação dos usuários.

Bibliotecári@5 trouxe como resposta à pergunta 3:

“A práxis diz respeito a relação entre teoria e prática. Quando um professor visa contextualizar o conhecimento trabalhado em determinada aula, por exemplo, em uma aula do ensino médio integrado, em que o professor está trabalhando erosão do solo. Nesse caso, levaria os alunos para o campo e daria informações de forma a alinhar a teoria e a prática, com os alunos aprendendo fazendo”.

Bibliotecári@5 acompanha os outros respondentes ao relacionar práxis como união da teoria e prática. Ele utiliza como exemplo uma experiência pedagógica que engloba a aula expositiva e a pesquisa de campo. Entretanto, faltou relacionar como esse processo abarca a reflexão, outro pilar da práxis.

Bibliotecári@5 trouxe como resposta à pergunta 4:

“Eu tentaria trabalhar conjuntamente com professores em projetos/aulas, tentando inserir a biblioteca no fazer escolar. Pessoalmente, acho que a biblioteca tem que estar bem alinhada com as práticas escolares, para que suas ações sejam efetivas, acho que ações isoladas podem comprometer os resultados das ações das bibliotecas, tanto em relação a omnilateralidade quanto em relação a práxis”.

O respondente une formação omnilateral e práxis, mais uma vez propondo a parceria entre professores e bibliotecários. Há destaque também para a biblioteca cooperando com a prática pedagógica, colocando a unidade de informação na tomada de decisão das práticas pedagógicas de uma instituição de ensino.

Bibliotecári@5 trouxe como resposta à pergunta 5:

“Eu penso que a politécnia seria uma educação que daria aos sujeitos os fundamentos das técnicas, uma compreensão totalizando do processo de produção. Não visaria a uma formação estrita para o mercado de trabalho, como por exemplo, um curso técnico”.

O respondente vê a politécnia como formação para o mundo do trabalho através do conhecimento amplo de variadas técnicas, para que assim se possa conhecer o processo de produção. É uma resposta que relaciona formação omnilateral, práxis e politécnia, e coloca em relevo o trabalho aliado à educação.

Bibliotecári@5 trouxe como resposta à pergunta 6:

“Tentaria propor projetos de leitura crítica, ações culturais na biblioteca. Elaborar alguma atividade que visando aplicar conhecimentos trabalhados em sala de aula”.

A Ação Cultural é a proposta de aplicação da politécnia para Bibliotecári@5. Além disso, há uma sugestão de colocar o conhecimento teórico na prática, mas sem maiores detalhes. É uma visão bastante abrangente, mas que se relaciona com o conceito.

Bibliotecári@5 trouxe como resposta às perguntas 7 e 8:

“Sim” e “Eu acho que a biblioteca tem importante contribuição a dar no desenvolvimento do pensamento crítica, que a informações dá os indivíduos elementos para que estes possam ir além do que está dado. A informação capacita os sujeitos a discernirem o correto do incorreto, bem como tomar posição correta perante um fato. Nesse sentido, a biblioteca pode por um curso de leitura crítica, trabalhar ações que levem os sujeitos a reflexão, a indagarem sobre os fatos e informações a que são submetidos”.

Ao concordar que a biblioteca é espaço de promoção do pensamento crítico, o respondente coloca a informação como parte fundamental de análise da realidade. Aqui o respondente exemplifica concretamente como isso pode ser alcançado, e retoma as quatro funções da biblioteca para a concretização deste objetivo.

Bibliotecári@5 soube expressar seu entendimento dos conceitos e sugerir algumas ações efetivas para a relação entre biblioteca e Educação Profissional

e Tecnológica. Suas respostas permitem inferir que ele já tem algum conhecimento sobre o assunto e que utilizou de sua realidade e experiência.

5.3.6 Resposta 6

Bibliotecári@6 trouxe como resposta à pergunta 1:

“Uma formação que abrange as subjetividades do ser humano no contexto da educação para o trabalho”.

Essa resposta foca na educação para o trabalho, mencionando também as subjetividades inerentes aos indivíduos. É uma forma sucinta de abordar a formação omnilateral, mas que não deixa de lado um de seus principais aspectos.

Bibliotecári@6 trouxe como resposta à pergunta 2:

“Penso que, a priori, é preciso compreender a biblioteca enquanto um organismo vivo de democratização dos saberes. Dessa forma, naturalmente, as subjetividades humanas devem ser consideradas, valorizadas e potencializadas no espaço da biblioteca através de uma prática bibliotecária emancipatória”.

O respondente deixa claro que as subjetividades são um elemento de grande importância para compreender e aplicar a formação omnilateral. A partir dessa compreensão é que a biblioteca pode adotar práticas que levem a uma emancipação. Faltou um exemplo mais concreto para demonstrar como isso pode acontecer.

Bibliotecári@6 trouxe como resposta à pergunta 3:

“A dialeticidade entre teoria e prática”.

Apesar da concisão da resposta, ela está inteiramente de acordo com o conceito de práxis. A dialética presente na relação entre teoria e prática é fundamental na compreensão do que é práxis, visto que é essa dialeticidade que permite a reflexão.

Bibliotecári@6 trouxe como resposta à pergunta 4:

“Conforme colocado anteriormente, a biblioteca, enquanto um organismo vivo, pode, através de suas diretrizes – ou “modus operandi” -, propor um espaço em que se articulem teoria e prática. Através de eventos, por exemplo”.

Bibliotecári@6 coloca remete sua resposta às quatro funções da biblioteca para exemplificar a aplicação de práxis. Além disso, faz referência à Ação Cultural, de modo que os bibliotecários possam articular teoria e prática no espaço da biblioteca.

Bibliotecári@6 trouxe como resposta à pergunta 5:

“O domínio de variadas técnicas para a execução do trabalho”.

A resposta demonstra que a ideia de politecnia foi compreendida. Entretanto, faltou reflexão na hora de formular a explicação. Politecnia não é sinônimo de “domínio” de técnicas, mas sim de conhecimento embasado e refletido sobre processos de trabalho.

Bibliotecári@6 trouxe como resposta à pergunta 6:

“Se for a aplicação no sentido da prática bibliotecária enquanto profissão – o/a profissional bibliotecário/a deve estar em constante atualização, se apropriando das diferentes técnicas que vão surgindo para a execução otimizada de seu trabalho”.

O respondente remeteu a aplicação de politecnia à atualização dos bibliotecários para otimizar seus serviços e práticas. É uma resposta interessante, da qual infere-se que o estudo contínuo e a reflexão permanente sobre o mundo do trabalho biblioteconômico são práticas que podem ser aplicadas na unidade de informação como meio de entender a politecnia.

Bibliotecári@6 trouxe como resposta às perguntas 7 e 8:

“Sim” e “A concepção da biblioteca enquanto mediadora do processo de democratização do conhecimento deve ser pautada em princípios com vistas à promoção e articulação de fazeres que visem à emancipação dos sujeitos. Dessa forma, é preciso pensar constantemente na ampliação do escopo de atuação da biblioteca de modo a fortalecer a existência de um ambiente que favoreça o desenvolvimento de espaços dialógicos”.

Concordando com a proposição de que a biblioteca é espaço para a promoção do pensamento crítico, Bibliotecári@6 afirma que a unidade de informação deve ampliar sua atuação para que o espaço dialógico possa se desenvolver e prosperar. Essa resposta é bastante pertinente, principalmente em tempos de fake news e pós verdade, onde o diálogo precisa estar embasado em informações comprovadas, verificadas e verídicas. Ao colocar o diálogo

como uma das ações a serem refletidas pelos bibliotecários, o pensamento crítico tanto dessa classe quanto de seus usuários pode ser aprimorado e discutido como meio de mediar e disseminar informações e valorizar o espaço de uma unidade de informação.

5.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Para examinar as respostas dos profissionais da informação que responderam o questionário, optou-se pela análise de conteúdo. Seguindo as orientações de Bardin (2016), a análise contempla três fases: pré análise, exploração do material e interpretação.

Iniciando-se com a pré-análise, as respostas foram lidas minuciosamente, e também o produto educacional passou por uma releitura, de modo a pertimir que o pesquisador possa proceder à análise com maior acuidade. A partir dessa leitura, foram determinados parâmetros de avaliação para tornar a análise mais precisa. São elas: adequação ao tema, capacidade de organização de ideias e exemplos de serviços da biblioteca.

A pré-análise mostrou que as respostas enviadas se adequaram ao objetivo da pesquisa, e que os participantes entenderam a proposta e colaboraram de forma satisfatória.

A segunda etapa da análise de conteúdo realizou-se pela exploração do material. Nessa fase, foi feita uma nova leitura das respostas visando identificar quais as principais ideias apresentadas pelos participantes, tendo como base o texto do produto educacional e suas próprias experiências em uma unidade de informação.

A exploração do material identificou um padrão de respostas que se ateuve muito ao produto educacional e pouco às experiências dos bibliotecários. As ideias apresentadas mostraram que os participantes entenderam os conceitos de formação omnilateral, práxis e politecnicidade e emancipação. Eles comentaram sobre o uso do acervo da biblioteca, a realização de atividades no espaço da unidade de informação, e parcerias com docentes para a execução de atividades de pesquisa. Além disso, todos confirmaram que a biblioteca é espaço de promoção e desenvolvimento do pensamento crítico.

A terceira e última etapa da análise de conteúdo se dá com a interpretação. Feita a leitura inicial e tendo identificado os parâmetros de avaliação, além de discernidos as principais ideias apresentadas, a fase da identificação, foi possível fazer algumas inferências.

Os bibliotecários do IF Goiano, que trabalham em um estabelecimento que oferta ensino técnico e tecnológico pareciam não conhecer os termos marxistas. Nesse sentido, o produto educacional objetivou apresentar a esses profissionais termos e breves discussões para que pudessem ter contato com esses conceitos.

A discussão proposta pelo produto educacional foi bem apreendida pelos bibliotecários. Todos eles conseguiram compreender o objetivo de se conhecer a teoria marxista e os termos abordados. Cada um à sua maneira foi capaz de expressar o entendimento dos assuntos tratados.

A possibilidade de uso na biblioteca teve como maior expressão a observância do acervo e do espaço da unidade de informação. Várias foram as respostas que apontaram a utilização de livros para atividades na biblioteca como possibilidade de aplicação da politecnicidade, práxis e formação omnilateral. Além disso, a ação cultural também foi eleita como meio de execução de atividades que levem em conta os conceitos marxistas.

O pensamento crítico, segundo as respostas, encontra na biblioteca um espaço privilegiado para sua promoção. Isso é positivo, uma vez que todos os envolvidos pertencem à classe trabalhadora e a reflexão é parte importante no processo de dissolução de classes sociais e divisões do trabalho.

Faltou, entretanto, mais experiências pessoais, práticas, advindas da vivência de cada um. Os exemplos, que foram positivos, poderiam se basear em fatos e acontecimentos percebidos durante o agir profissional. Esses exemplos pareceram vagos e difusos, demonstrando que é possível buscar mais indícios na relação entre biblioteca e EPT.

De tudo o que as respostas mostraram, fica a percepção de que há possibilidade de mais avanços e mais diálogos que aproximem a unidade de informação da formação omnilateral, práxis e politecnicidade, de modo a contribuir para que o proletariado tenha mais acesso às informações e que possa utilizá-las com o objetivo de mudança da sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relacionou a biblioteca com a Educação Profissional e Tecnológica. Esses dois campos do saber foram aproximados por meio de três conceitos: formação omnilateral, práxis e politecnia.

Em um primeiro momento, houve uma breve apresentação histórica das bibliotecas no mundo e do contexto histórico da EPT no Brasil, para melhor situar o leitor. Em seguida, a partir de uma pesquisa teórica, buscou-se levantar os conceitos de educação, trabalho e tecnologia na perspectiva marxista, e a partir daí relacionar quatro conceitos-chave da análise de Marx.

A biblioteca se aproxima da formação omnilateral por permitir aos alunos que procuram o ensino profissionalizante, além de professores e bibliotecários, ofertar a esses atores sociais o acesso à informação e à leitura uma percepção mais profunda e crítica do papel do trabalho e do estudo, de modo a não buscar uma formação unilateral, alijada, alienadora, mas sim uma formação rica, plena, criativa, libertadora.

Por sua vez, a práxis encontra-se em relação à biblioteca no sentido de promover no fazer laboral, na atividade de trabalho em que pretende se inserir o aluno do ensino profissionalizante. Ele deve ter o aparato teórico para perceber que sua ação no mundo pode ser revolucionária, e que o resultado de seu trabalho pode levar à superação das contradições do sistema capitalista.

Quando se trata de politecnia, a biblioteca se apresenta como um local para o estudante poder entrar em contato com as diferentes técnicas, conceitos e análises sobre os mais variados temas concernentes ao trabalho.

Diante de tudo isso, o estudante, o professor e o bibliotecário podem compreender melhor a Educação Profissional e Tecnológica. Entretanto, esse contato não pode se esgotar, podendo seguir para um outro patamar. Aqui entra o conceito de emancipação e pensamento crítico.

A emancipação, de acordo com os teóricos marxistas, é a dissolução do sistema capitalista, libertando e emancipando as pessoas do seu jugo. Em uma perspectiva menos utópica, afirma-se que a emancipação pode acontecer no dia a dia, quando o sujeito adquire consciência e conhecimento crítico para atuar no mundo do trabalho. E a biblioteca pode auxiliar nesse quadro, provendo

informação séria e confiável para a sociedade, para os trabalhadores, e para o próprio bibliotecário poder se emancipar.

Essa emancipação só pode começar a acontecer quando o indivíduo desenvolve ou aprimora o pensamento crítico. Ao decupar fatos, analisar em profundidade acontecimentos e questões, ele vai pouco a pouco conhecendo a essência do modo de produção capitalista, o modo de produção socialista e faz um exercício de comparação profundo sobre eles, e isso é o *modus operandi* do pensar reflexivo na EPT aqui proposta.

Por isso, a leitura, o estudo e a pesquisa são fundamentais para se pensar criticamente. E não há lugar melhor que a biblioteca para essa ação. Hoje, a informação é um valor, e refletir sobre isso, sobre o papel da biblioteca, sobre o trabalho, sobre a Educação, sobre a tecnologia em uma sociedade comandada pelo capital permite a compreensão e a criticidade tão necessárias para entender o mundo em que vivemos.

A pesquisa mostrou exemplos de serviços biblioteconômicos que se aproximam dos conceitos marxistas. É importante refletir e discutir esses temas como forma de valorização da biblioteca e do bibliotecário. O desenvolvimento de coleções, o estudo de usuários, o serviço de referência, fontes de informação e o letramento informacional são alguns dos serviços elencados neste trabalho. A Ação Cultural, mesmo não sendo um serviço fundamentalmente biblioteconômico, também é um importante aliado nesse processo. Mas os bibliotecários podem e devem trazer para suas realidades outras atividades que possam contribuir com o pensamento crítico a partir dos conceitos marxistas apresentados.

Além disso, a tecnologia trouxe novas demandas que exigem dos profissionais da informação uma postura diferente para lidar com a enxurrada de informações presente atualmente. Discutir sobre pensamento crítico na biblioteca a partir de um ponto de vista marxista é olhar para o desenvolvimento tecnológico que facilita o acesso à informação e ao mesmo tempo não abrange todas as pessoas por falta de acesso a equipamentos tecnológicos.

A partir dos temas discutidos nesta dissertação, foi criado um produto educacional: “Pensamento crítico na biblioteca”. O livro apresenta o pensamento reflexivo tendo a biblioteca como base, permeado pelos conceitos fundamentais estudados no Mestrado PROFEPT: formação omnilateral, práxis, politecnicidade e

emancipação. Ele foi aplicado a bibliotecários do Instituto Federal Goiano, mas tem o propósito de ser lido e estudado por qualquer interessado. O produto está disponível no Portal eduCapes, através do link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/602102>.

Os participantes que responderam o questionário conseguiram compreender o significado dos conceitos e deram vários exemplos de como aplicá-los na unidade de informação. A maioria exaltou o acervo da biblioteca para ser usado na promoção da leitura e da pesquisa; parceria com docentes também foi mencionada; e várias atividades que se incluem na noção de Ação Cultural foram sugeridas. Isso é bastante positivo em se tratando de temas que não são corriqueiros, servindo como um incentivo para maiores debates e diálogos.

É preciso observar, entretanto, que os exemplos, em sua maioria, são abstratos, difusos. Não há que se falar de exemplos certos ou errados, mas que poderiam trazer novos pontos de vista ou maneiras mais concretas de se relacionar biblioteca e EPT. Isso é um ponto que pode ser discutido em outras pesquisas, servindo de convite e incentivo para que outros pesquisadores possam avançar nesse tema, sempre tendo como base a realidade dos bibliotecários nas inúmeras unidades de informação do Brasil.

A realidade das bibliotecas no Brasil, sejam elas escolares, universitárias, públicas, especializadas, é de muita luta. É preciso que toda a sociedade, não apenas bibliotecários, alunos e professores batalhem para que as unidades de informação físicas e digitais possam servir a mais e mais pessoas. A biblioteca proporciona aprendizado, lazer e sabedoria, ajudando também na Educação, no trabalho, na cidadania e na consciência crítica de uma sociedade. A leitura, a pesquisa e os serviços biblioteconômicos devem ser usufruídos pelo maior número de pessoas, de modo que cada vez mais isso as leve a aprimorar e desenvolver o pensamento crítico.

Ao finalizar esta pesquisa, conclui-se que a relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica passa pelo pensamento crítico. A questão problema, alinhada com o objetivo geral e os objetivos específicos conseguiram responder à problemática da relação entre biblioteca e EPT, com foco no pensamento crítico. Ao conhecer os termos marxistas, os bibliotecários podem ampliar seus pontos de vista no pensar e no fazer biblioteconômico. Para

professores e alunos inseridos na EPT, a percepção de formação omnilateral, práxis e politecnicidade é uma possibilidade de conhecer melhor o mundo do trabalho, da educação e da tecnologia, tendo a biblioteca como um valioso aliado.

O discente que procura o ensino profissionalizante e o docente que atua nessa área podem e devem contar com o bibliotecário para desenvolver e aprimorar suas capacidades como pensadores dotados de criticidade. Partindo da premissa em que eles também fazem parte da classe trabalhadora, esses atores sociais entram em contato com teorias válidas para buscar a dissolução da divisão de classes e do trabalho, perseguindo um ideal de equidade e justiça. Dessa maneira, a possibilidade de alienação vai sendo cada vez menos possível, e a transformação do modo de produção para um modelo mais justo vá se tornando mais real, mais possível, mais presente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alberto Bezerra de. **Álvaro Vieira Pinto: os (ab)usos ideológicos da tecnologia em questão**. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19027>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília, DF: Brique de Lemos, 2012.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis; APB, 1997. (Coleção Palavra-Chave, 7).

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed., 10. reimpr. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARRUDA, Guilhermina Melo. As práticas da biblioteca pública a partir das suas quatro funções básicas. 2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio Grandense de Bibliotecários, 2000. Disponível em: http://www.geocities.ws/biblioestudantes/texto_24.pdf. Acesso em: 29 abr. 2020.

BACELAR, Jorge. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Lisboa: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BELTRAME, Matheus Maria. Sobre o conceito de emancipação humana em Karl Marx. **Problemata**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 194-218, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/46144>. Acesso em: 11 ago. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i1.46144>

BERTOLDO, Tássia Alexandre Teixeira. **Roda de conversa como estratégia promotora de capacidades de pensamento crítico**. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8006>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BRAGANÇA, A. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967). **MATRIZES**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 221-246, 2009.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/view/38232>. Acesso em: 14 jan. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p221-246>

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 12.244 de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 17 jan. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**, de 10 de novembro de 1937. Brasília: Casa Civil, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm. Acesso em: 05 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei no 93/1937**. Cria o Instituto Nacional do Livro. DOU, 27/12/1937, p. 25586. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De1093.htm#:~:text=Cria%20o%20Instituto%20Nacional%20do,que%20lh e%20confere%20o%20art.&text=1%C2%BA%20O%20Instituto%20Cair%C3%BA%20fica%20transformado%20em%20Instituto%20Nacional%20do%20livro. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.741**, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Secretaria Especial de Cultura. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

BEZERRA, Laudeceia Rodrigues. **Atuação do profissional bibliotecário em ambiente universitário**. 2015. 51 f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14684?locale=pt_BR. Acesso em: 01 maio, 2021.

BUFREM, Leilah Santiago. Fundamentos sociais e políticos da biblioteconomia. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 108-122, dez. 1985. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601985000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 jul. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.050>

CAPES. Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área “Ensino**. 2013. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfhRyaWVuYWwtMjAxM3xneDoxY2FmZGFjZGlyNzE3Nzlh>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CARDOSO, António Barros. **Livrarias e bibliotecas na Europa dos tempos modernos**. 2013. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12350.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, [S.l.], v. 3, n. 3, outubro. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>. Acesso em: 14 jul. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.3i3.p6122>

CIAVATTA, Maria. A produção do conhecimento sobre a configuração do campo da educação profissional e tecnológica. **Holos**, [S.l.], v. 6, p. 33-49, out. 2016. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5013/1567>. Acesso em: 14 jul. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2016.5013>

CIAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho & Educação**, v. 23, n. 1, p. 187-205, 18 abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CIVALLERO, Edgardo. Aproximación a la Bibliotecología Progresista. **El profesional de la información**, v. 22, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2013/marzo/10.html>. Acesso em: 25 jul. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.3145/epi.2013.mar.10>

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense. 2008. (Coleção Primeiros Passos).

COLMÁN, Evaristo; DALA POLA, Karina. Trabalho em Marx e o Serviço Social. **Serviço Social em Revista**, Londrina, n. 2, p. 1 – 21, jul – dez, 2009. Disponível

em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

CROCHÍK, José León. Teoria crítica e novas tecnologias da educação. *In*: PUCCI, Bruno *et al.* **Tecnologia, Cultura e Formação... ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.

CRUZ, Gonçalo; DOMINGUEZ, Caroline; PAYAN-CARREIRA, Rita. A importância e o desafio de educar para o pensamento crítico no séc. XXI. *In*: LOPES, José Pinto; SILVA, Helena Santos; DOMINGUEZ, Caroline; NASCIMENTO, Maria Manuel (orgs.). **Educar para o pensamento crítico na sala de aula: planificação, estratégias e avaliação**. Lisboa: Pactor, 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: UFC, 1993.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

DEWEY, John. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DUTRA, Anna Khris Furtado; OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Informatização e automação de bibliotecas: análise das comunicações apresentadas nos Seminários Nacionais de Bibliotecas Universitárias (2000, 2002 e 2004). **Informação & Informação**, [S.l.], v. 9, n. 1-2, p. 67-89, jan. 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1725>. Acesso em: 13 jul. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2004v9n1-2p67>

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA JUNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. A educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 26, p. 635-46, jul./set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/krVJKwTKvxNz8GwTr68KZXf/?lang=pt#>. Acesso em: 24 jun. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000300014>

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Novas tecnologias: impacto sobre a formação de coleções. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.

2, p. 245-254, jul./dez. 1996. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34459>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução a biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da Educação Profissional e Tecnológica com a universalização da Educação Básica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1129-1152, out. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300023&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 1 jul. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300023>

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 93-130, abril 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302003000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 07 ago. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000100005>

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATA, Maria, RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. *In*: COSTA, Hélio da; CONCEIÇÃO, Martinho. **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39 n. 3, p.83-92, set./dez., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652010000300007>

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 5-9, aug. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315>. Acesso em: 23 jan. 2021. **DOI**: <https://doi.org/10.5380/atoz.v2i1.41315>

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, 2012. 178 p. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf. Acesso em: 6 jan. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLEICK, James. **A informação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GRABOWSKI, Gabriel; RIBEIRO, J. Reforma, legislação e financiamento da educação profissional no Brasil. *In*: MOOL, Jaqueline. **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

GUZZO, Valdemir; GUZZO, Guilherme Brambatti. O pensamento crítico como ferramenta de defesa intelectual. **Conjectura: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 20, n. 1, p. 64-76, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2746>. Acesso em: 10 ago. 2020.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DOI: <https://doi.org/10.5628/rpcd.01.03.03>

HUTCHINS, Margaret. **Introdução ao trabalho de referência em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KLINGE, Gérman Doig. **Tecnologia, utopia e cultura**. 13 p. Disponível em: <http://www.fides.org.br/artigo08.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KUENZER, Acácia Zenaida. A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 667-688, jul.-set. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/JB47HW4XrnBSbYT4zM5N6gh/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000300004>

KUENZER, Acácia Zenaida. **Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LACERDA JUNIOR, José Calvalcante; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Ler para ser: a leitura na perspectiva freiriana. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 101-118, ago. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/8935>. Acesso em: 19 jul. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v25i2.8935>

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: DF, Briquet de Lemos, 2004.

LEITIS JUNIOR, Arthur. **A biblioteca enquanto campo de educação não formal**. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Uninter, Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.uninter.com/handle/1/100>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

LINARES COLUMBIÉ, Radames. La Bibiotecología y sus orígenes. **Ciencias de la información**, v. 35, n. 3, diciembre 2004. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/15110/1/Bibliotecologia.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2020.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Lucília R. de Souza. **Politecnia, escola unitária e trabalho**. São Paulo: Cortez, 1989.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: posfácio à segunda edição. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 338-346, mai. 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/26658>. Acesso em: 5 maio, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v10i1.26658>

MARX, Karl. **Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório**: as diferentes questões. Lisboa: Avante Edições, 1982. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1866/08/instrucoes.htm>. Acesso em: 19 jul. 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

MASSON, Gisele. Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 2, n. 2, p. 105- 114, jul-dez. 2007. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/312>. Acesso em: 2 ago, 2020.

MCCARTHY, Cavan Michael. Iniciando a automação de uma biblioteca brasileira: uma comparação de estratégias alternativas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n.1, p.27-32, jan./jun., 1988. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/296>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MEDEIROS NETA, Olivia Morais *et al.* Organização e estrutura da educação profissional no Brasil: da reforma Capanema às leis de equivalência. **Holos**, [S.l.], v. 4, p. 223-235, nov. 2018. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6981>. Acesso em: 06 ago. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2018.6981>

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca Alexandrina. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 71-91, 13 dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2081>. Acesso em: 20 jan. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v1i2.2081>

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MILANESI, Luiz. Biblioteca pública: do século XIX para o XXI. **Revista USP**, São Paulo, n. 97, p. 59-70, mar/abr/maio, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/61685>. Acesso em: 14 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i97p59-70>

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos, 94).

MORAIS, Erika Cristina Rodrigues de. **Educação profissional, científica e tecnológica**: uma construção do estado do conhecimento. 2018. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4090>. Acesso em: 4 ago. 2020.

MOREIRA, Marco Antônio. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, ano 1, v. 1, n. 1, p. 131-142, jul. 2004. Disponível em: http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/Vol.1_1_jul2004/_131_142_o_mestrado_profissional_em_ensino.pdf. Acesso em: 15 nov. 2013.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 189-206, jan. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MULLER, Susana Pinheiro Machado. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/74223>. Acesso em: 13 maio, 2020.

NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Biblioteca pública: a ambivalência de seu papel. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 222-248, set. 1986. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003674>. Acesso em: 16 maio, 2020.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.1, p.173-193, jan./mar 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v21n1/1413-9936-pci-21-01-00173.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2572>

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 5 n. 5, out/2004. Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7649>. Acesso em 17 jan. 2020.

ORTEGA, Cristina Dotta. A documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, v. 3, n. 1, 5 jun. 2010. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/48>. Acesso em: 12 maio, 2020.

PERUCCHI, Valmira. A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma-Santa Catarina. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 80 – 97, 1999. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/341>. Acesso em: 08 jul. 2020.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v.

PIRES, Erik André de Nazaré. A importância do hábito da leitura na universidade. **Revista ABC**, v. 17, n. 2, p. 365-381, set. 2012. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/846>. Acesso em: 15 fev. 2021.

RAMOS, Magda Camargo Lange. **Diretrizes para produção do conhecimento em bibliotecas universitárias**. Florianópolis, 2012. 289 p. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100781>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2020.

RODRIGUES. Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000300017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 maio, 2021.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000300017>.

ROSETTO, Márcia. Metadados: novos modelos para descrever recursos de informação digital. *In*: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 485-498.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.6, n.1, p. 50-61, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132>. Acesso em 13 jun. 2020.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>. Acesso em: 01 fev. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, Educação & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, mar. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 ago. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462003000100010>.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jul. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIEGEL, Harvey. **Rationality redeemed?: further dialogues on an educational ideal**. Nova York: Routledge, 1997.

SILVA, Renatho Andriolla da. **O conceito de práxis em Marx**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24571>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SIQUEIRA, Jessica Câmara. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 52-66, nov. 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1124>. Acesso em: 20 maio. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362010000300004>

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SPERBER, Jonathan. **Karl Marx**: uma vida do século XIX. Barueri: Amariyls, 2014.

TONET, Ivo. Educar para a cidadania ou para a liberdade? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 469-484, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>. Acesso em: 11 ago. 2020.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VEIGA, Miriã Santana; PIMENTA, Jussara Santos; BLACKMAN, Cledenice. **Atividades educativas e culturais**: um olhar sobre as bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. *Repositório - FEBAB*, Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/2976>. Acesso em: 14 jul. 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

WEITZEL, Simone da Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 7, n. 1, nov. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/414>. Acesso em: 20 maio 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa: intitulada **“A RELAÇÃO ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: APRENDIZADO E REFLEXÃO CRÍTICA”**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável **ANDRÉ CARLOS FRANCISCO** através do telefone: **(34) 99921-8790** ou através do e-mail f.andrecarlos@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano (situado na Rua 88, nº310, Setor Sul, CEP 74085-010, Goiânia, Goiás. Caixa Postal 50) pelo telefone: (62) 9 9226 3661 ou pelo e-mail: cep@ifgoiano.edu.br.

1. Justificativa, objetivos e procedimentos

A presente pesquisa é motivada pelo interesse em conhecer de que maneira pode se dar a relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Ela se justifica pela relevância entre as teorias e práticas biblioteca com os temas e conceitos que fundamentam a Educação Profissional e Tecnológica podem ter no desenvolvimento do pensamento crítico dos bibliotecários.

O objetivo desse projeto é estudar a relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica, com foco no aperfeiçoamento do pensamento crítico e reflexivo dos bibliotecários. Para a coleta de dados será utilizado pesquisa bibliográfica na realização de um livro eletrônico, intitulado “Pensamento crítico na biblioteca”, que tem por base o nexos entre biblioteca e EPT.

O livro eletrônico será avaliado por bibliotecários através de um questionário. O questionário tem o propósito de descobrir se o profissional da informação conseguiu

perceber a relevância de aprimorar seu pensamento crítico após a leitura do livro.

2. Desconfortos, riscos e benefícios

Você, participante, talvez possa se sentir desconfortável, com vergonha ou ansioso, e tenha receio de ser identificado. O pesquisador se compromete a adotar medidas para que nenhum desses riscos ocorra você.

Os benefícios oriundos de sua participação serão sua contribuição para a melhoria das bibliotecas, dos bibliotecários e da Biblioteconomia em geral. Estudar a relação entre biblioteca e EPT vai ser enriquecida com as suas ideias e cooperação em participar dessa pesquisa.

3. Forma de acompanhamento e assistência

Será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você apresente algum problema será encaminhado para receber auxílio psicológico no âmbito do Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, junto ao profissional qualificado para atuar na área de saúde mental.

4. Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo

Você receberá esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, pessoalmente ou através de telefone ou e-mail. **Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.**

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

5. Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso você sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, o pesquisador garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, CPF _____, estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “**A relação entre biblioteca e Educação Profissional e Tecnológica: aprendizado e reflexão crítica**”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 2021.

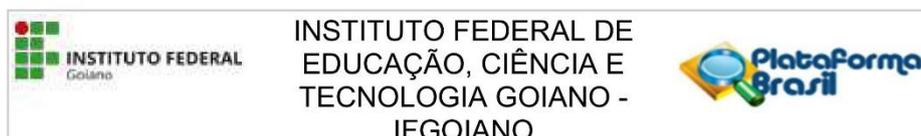
Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO
“PENSAMENTO CRÍTICO NA BIBLIOTECA”

- 1) O que você entendeu por “Formação *Omnilateral*”?
- 2) Como aplicar a “Formação *Omnilateral*” na biblioteca?
- 3) O que você entendeu por “práxis”?
- 4) Como aplicar a “práxis” na biblioteca?
- 5) O que você entendeu por “politecnia”?
- 6) Como aplicar a “politecnia” na biblioteca?
- 7) Você acha que a biblioteca é um espaço adequado para o a promoção do pensamento crítico?
 Sim Não
- 8) Como você acha que a biblioteca pode ajudar no pensamento crítico?

ANEXO
PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO INSTITUTO FEDERAL
GOIANO



Continuação do Parecer: 4.571.008

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1671991.pdf	08/02/2021 17:54:38		Aceito
Outros	CurriculoLattesElisDenerLimaAlves.pdf	08/02/2021 17:53:44	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
Outros	CurriculoLattesAndreCarlosFrancisco.pdf	08/02/2021 17:51:20	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	05/02/2021 14:32:43	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa_Andre.docx	05/02/2021 14:32:35	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	15/01/2021 14:50:37	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermodeCompromissoAndre_Elis.pdf	15/01/2021 14:47:37	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.docx	15/01/2021 14:43:23	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_AndreCarlosFrancisco.pdf	15/01/2021 14:40:21	ANDRE CARLOS FRANCISCO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 03 de Março de 2021

Assinado por:
Luiza Ferreira Rezende de Medeiros
(Coordenador(a))

Endereço: Rua 88, nº280
Bairro: Setor Sul **CEP:** 74.085-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600 **Fax:** (62)3605-3600 **E-mail:** cep@ifgoiano.edu.br